

2.º CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO
SECUNDÁRIO

História Através da Lente

A fotografia como ferramenta de aprendizagem de História

Sandro Ismael Meireles Alves da Silva

M

2024



Sandro Ismael Meireles Alves da Silva

História Através da Lente

A fotografia como ferramenta de aprendizagem de História

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3o ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Excelentíssima Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Julho de 2024

A todos os apaixonados pela fotografia e pela História.



De costas voltadas para o Vesúvio, protegendo Sorrento com o olhar. Sandro Silva, 2017.

Sumário

Declaração de honra	5
Agradecimentos	6
Resumo	7
Abstract	8
Índice de Figuras.....	9
Índice de Gráficos	10
Introdução.....	11
Parte I – Enquadramento Teórico	14
1. A História da Fotografia.....	14
1.1 Breve história da Fotografia	14
1.2 Perspectivas teóricas sobre a Fotografia	15
1.3 Evolução da fotografia como documento histórico	17
2. A Fotografia na História.....	20
2.1 A Fotografia como Ferramenta Pedagógica na Sala de Aula	20
2.2 Literacia Visual e metodologias de análise de imagens fotográficas no ensino de História	29
2.3 Considerações éticas na utilização de recursos fotográficos no ensino	32
Parte II – O Estágio	35
3. Metodologia	35
4. O objeto de investigação.....	38
4.1 A Escola.....	39
4.2 A utilização de fotografias na sala de aula	42
4.3 Workshop de Fotografia.....	53
4.4 Exercício 1 – A Fotografia que Fala	57
4.5 Exercício 2 – Capturar a História	65
4.6 Análise do questionário.....	71
Conclusões Finais.....	76
Referências Bibliográficas	80
Anexos	84

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) do presente relatório.

Porto, 12 de Julho de 2024

Sandro Ismael Meireles Alves da Silva

Agradecimentos

Este relatório surge após mais de uma década desde o início deste segundo ciclo de estudos. Um conjunto de contratempos e perseveranças que culminam em algo de que me posso orgulhar. No entanto, tudo o que se segue não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas que faço questão de mencionar. Sempre acreditei na expressão "por trás de um grande homem, está uma grande mulher" e, se algum dia, alguém me considerar um grande homem, foi graças às grandes mulheres que me apoiaram ao longo deste caminho:

À Ana Teresa,

À Professora Cláudia,

À Professora Albertina,

À Sarah,

À Mariana,

E, acima de tudo, à Susana,

O meu mais sincero Obrigado.

Resumo

O relatório de estágio intitulado "A História através da lente: a fotografia como ferramenta de aprendizagem de História" investiga a utilização da fotografia no ensino de História, particularmente no Ensino Secundário. A pesquisa está estruturada da seguinte forma: enquadramento teórico, metodologia, estágio e exercícios práticos e conclusões finais.

A primeira parte aborda a evolução histórica da fotografia, desde as primeiras experiências até à era digital, e as suas perspetivas teóricas como documento histórico. Destaca a importância da fotografia como ferramenta pedagógica que promove a literacia visual e o pensamento crítico, ao mesmo tempo que evoca respostas emocionais e facilita uma compreensão mais profunda dos eventos históricos.

A segunda parte descreve a metodologia aplicada durante o estágio realizado numa escola secundária do concelho de Vila Nova de Gaia. Através de aulas e *workshops*, foram utilizadas fotografias históricas para lecionar os conteúdos programáticos, com algum ênfase em temas como "A Grande Depressão e o New Deal", "A Guerra Fria" e "A Questão Colonial em Portugal". Os alunos participaram nas atividades práticas, incluindo a análise de fotografias e a criação de seus próprios registos fotográficos, que fomentaram o envolvimento e a compreensão dos conteúdos históricos.

A terceira parte apresenta as conclusões da pesquisa, evidenciando o impacto positivo da integração da fotografia no processo de ensino e de aprendizagem de História. Os resultados mostram que a utilização de recursos visuais não só aumenta o interesse dos alunos pelos temas abordados, mas também desenvolve competências analíticas e reflexivas essenciais para a formação de cidadãos informados. O relatório de estágio reforça o reconhecimento da fotografia como uma ferramenta valiosa na educação histórica, essencial para o enriquecimento do ensino e promoção de uma conexão mais profunda com o passado.

Palavras-chave: [Fotografia, Educação, História, Literacia visual, Pensamento crítico]

Abstract

The internship report entitled "History through the lens: photography as a tool for learning History" investigates the use of photography in teaching History, particularly in the 3rd cycle of Elementary School and High School. The research is structured as follows: theoretical framework, methodology, internship and practical exercises and final conclusions.

The first part addresses the historical evolution of photography, from the first experiments to the digital era, and its theoretical perspectives as a historical document. Highlights the importance of photography as a pedagogical tool that promotes visual literacy and critical thinking while evoking emotional responses and facilitating a deeper understanding of historical events.

The second part describes the methodology applied during the internship carried out at a secondary school in the municipality of Vila Nova de Gaia. Through classes and workshops, historical photographs were used to teach topics such as "The Great Depression and the New Deal", "The Cold War" and "The Colonial Question in Portugal". Students participated in practical activities, including analyzing photographs and creating their own photographic records, which fostered engagement and understanding of historical content.

The third part presents the research conclusions, highlighting the positive impact of integrating photography in the History teaching and learning process. The results show that the use of visual resources not only increases students' interest in the topics covered, but also develops analytical and reflective skills essential for the formation of informed citizens. The internship report concludes that photography is a valuable tool for historical education, capable of enriching teaching and promoting a deeper connection with the past.

Key-words: [Photography, Education, History, Visual literacy, Critical thinking]

Índice de Figuras

Figura 1. Miliciano Leal no Momento da Morte, Cerro Muriano, 5 de setembro de 1936 de Robert Capa	18
Figura 2. Raising the Flag on Iwo Jima, 23 de fevereiro de 1945 por Joe Rosenthal	31
Figura 3. Phan Thi Kim Phuc (ao centro) foge com outras crianças depois de aviões sul-vietnamitas terem lançado por engano napalm sobre tropas e civis sul-vietnamitas, 8 de junho de 1972 por Nick Ut	33
Figura 4. Migrant Mother, tirada por Dorothea Lange em 1936.....	44
Figura 5. Sopa gratuita distribuída pela Cozinha de Sopa do Exército da Salvação em 1934	45
Figura 6. Winston Churchill a discursar em março de 1946, no Westminster College em Fulton, Missouri.	47
Figura 7. Operário trabalha na construção do Muro de Berlim, autor desconhecido	48
Figura 8. Soldados em jangada a atravessar um rio durante a Guerra Colonial, arquivos RTP	50
Figura 9. Retrato de Amílcar Cabral, autor desconhecido	51
Figura 10. Grumete da escola de fuzileiros, 2009	52
Figura 11. Cidade dizimada pela Segunda Guerra Mundial, autor desconhecido	60
Figura 12. Ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebbels, olha furioso para o fotógrafo Alfred Eisenstaedt no jardim do Carlton Hotel durante uma conferência da Sociedade das Nações, Genebra, setembro de 1933.....	61
Figura 13. Hitler, Speer e Breker em Paris, 23 de junho de 1940, autor desconhecido.....	61
Figura 14. Soldado do MFA retira quadro de Salazar, Eduardo Gageiro	62
Figura 15. Uma mulher palestina abraça o corpo da sobrinha, 2019 por Mohammed Salem	63

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Resultados pergunta 5	64
Gráfico 2. Resultados pergunta 9	66

Introdução

O principal objetivo deste relatório é explorar a importância da fotografia como ferramenta para a educação histórica, ilustrando como as fotografias, enquanto artefactos artísticos e científicos, podem enriquecer o ensino e a compreensão da História, nomeadamente no Ensino Secundário. Ao aprofundar a evolução histórica e as perspetivas teóricas da fotografia, este relatório procura estabelecer um quadro robusto para a sua aplicação no contexto educativo.

A fotografia, desde a sua criação no início do século XIX, teve um impacto profundo em diversas facetas da sociedade. Não só revolucionou a forma como capturamos e preservamos momentos, mas também como percecionamos e interpretamos acontecimentos históricos. Será apresentada uma breve visão geral do desenvolvimento histórico da fotografia, destacando os principais marcos e avanços tecnológicos que moldaram o seu papel como documento histórico, assim como os fundamentos teóricos da fotografia. Ao explorar conceitos como as dimensões ontológicas e semióticas da fotografia, este relatório de estágio sublinha a sua capacidade única de ligar o passado ao presente, tornando-a um recurso inestimável tanto para historiadores como para educadores.

O âmbito desta pesquisa abrange a integração da fotografia no ensino da História. O objetivo é demonstrar como as fotografias podem servir como ferramentas pedagógicas que não só envolvem os alunos, como também promovem o pensamento crítico e a literacia visual. Ao analisar diversas metodologias, será obtida uma visão prática sobre a utilização eficaz da fotografia na sala de aula, contribuindo, em última análise, para a melhoria do ensino da História.

A fotografia, inventada no início do século XIX, influenciou significativamente a forma como documentamos e percecionamos a história. Desde as experiências iniciais com a câmara escura até à primeira fotografia bem-sucedida de Niépce em 1826 e ao desenvolvimento do daguerreótipo em 1839 por Niépce e Daguerre, a fotografia evoluiu rapidamente com os avanços tecnológicos. Melhorias como o processo de colódio húmido e o processo de chapa seca tornaram a fotografia mais eficiente e acessível. A introdução da fotografia a cores com o processo Autochrome Lumière, em 1907, e a revolução digital do final do século XX expandiram ainda mais as capacidades e a acessibilidade da fotografia. Ao longo da História,

as fotografias forneceram um registo visual de acontecimentos significativos e marcantes, captando momentos que o texto, por si só, não conseguiria transmitir, tais como a Guerra do Vietname ou até o Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos da América.

Na educação, a fotografia é uma ferramenta valiosa para envolver os alunos com conteúdos históricos, oferecendo uma ligação visual e emocional com o passado. Esta visão geral estabelece as bases para explorar as perspetivas teóricas e as aplicações educativas da fotografia, destacando a sua importância na documentação e interpretação da História.

O impacto da fotografia na perceção, na comunicação e na sociedade é explorado através de várias lentes teóricas. André Bazin vê as fotografias como relíquias intemporais que preservam a realidade, satisfazendo o desejo humano de captar momentos fugazes. Os conceitos de *Studium* e *Punctum* de Roland Barthes realçam a dupla natureza da fotografia: interpretação cultural e impacto emocional pessoal. Susan Sontag discute o papel da fotografia na formação das narrativas e da memória sociais, enfatizando as responsabilidades éticas e o potencial tanto para a empatia como para a exploração. Estas perspetivas sublinham a capacidade única da fotografia para documentar e transmitir significados sociais e culturais complexos.

A integração da fotografia no ensino da História oferece inúmeros benefícios, aumentando o envolvimento e a compreensão entre os alunos. Ao utilizar fotografias como ferramentas pedagógicas, os educadores criam uma experiência de aprendizagem mais imersiva e interativa que promove o pensamento crítico e a literacia visual.

As fotografias tornam os eventos históricos mais tangíveis e relacionáveis, evocando ligações emocionais que ajudam na retenção do conteúdo. A análise de fotografias estimula o pensamento crítico, ajudando os alunos a interpretar as provas visuais e a compreender o contexto e os preconceitos adjacentes (por vezes, com uma enorme dualidade de interpretações). Ensinar literacia visual prepara os alunos para navegar e interpretar os media visuais no ambiente rico em informação de hoje. A fotografia une também a História à Arte, à Literatura e à Tecnologia, enriquecendo a experiência de aprendizagem. Além disso, os educadores podem orientar os alunos na compreensão das implicações éticas do uso e interpretação dos meios visuais. No geral, a fotografia melhora o ensino da História, tornando-o mais envolvente, crítico e relevante, dotando os alunos de competências essenciais para o mundo contemporâneo.

Nesta investigação, partimos das bases teóricas aqui apresentadas, que serão exploradas em maior detalhe nos próximos capítulos, para apresentar a aplicação destes conceitos em sala de aula, com recurso a exercícios práticos e um workshop que visaram dotar os alunos de maiores capacidades pessoais e artísticas, assim como melhorar a eficácia do ensino em História, a literacia visual e o pensamento crítico.

Parte I – Enquadramento Teórico

1. A História da Fotografia

1.1 Breve história da Fotografia

A Fotografia é um meio que, por excelência, une a arte e a ciência, tendo um profundo impacto em várias facetas da sociedade desde a sua invenção no século XIX. O enquadramento necessário para compreender a importância da Fotografia e o porquê da escolha deste tema passará por uma breve apresentação das origens da fotografia, a sua evolução tecnológica e a sua influência na cultura, percepção e comunicação.

A origem etimológica da palavra fotografia deriva do grego "phōtos" (luz) e "graphé" (desenho), cujo significado literal se traduz para “desenhar através da luz”. Esta forma de arte e técnica revolucionou a forma como capturamos, comemoramos e comunicamos a experiência humana, servindo como um poderoso meio para a documentação, expressão artística e análise científica (Amar, 2007).

A invenção da fotografia remonta ao início do século XIX com o desenvolvimento da câmara escura – um aparelho óptico que projeta uma imagem do que o rodeia, consistindo numa caixa de tamanho variado, podendo ir de alguns centímetros a dimensões do tamanho de uma sala, com um orifício numa das faces. A luz, refletida por um objeto externo, entra pelo orifício, atravessando a caixa e atinge a superfície interna oposta, onde se forma uma imagem invertida do objeto que é, assim, projetado. Foi o trabalho de Nicéphore Niépce e Louis Daguerre em França que permitiu a fotografia como a conhecemos hoje (Brusselle, 1998; Trachtenberg, 2013).

As contribuições de Nicéphore Niépce, decorridas nos anos de 1826/1827, passaram pela criação da primeira fotografia permanente utilizando um prato de estanho revestido com betume judaico. No entanto, este processo, conhecido como heliografia, exigia um longo tempo de exposição e produzia imagens que não eram reproduzíveis. Então, em 1839, numa colaboração com Niépce, Louis Daguerre desenvolveu o processo do daguerreótipo, que foi apresentado ao público no mesmo ano. Este novo método reduziu drasticamente o tempo de exposição e permitiu a criação de imagens detalhadas e claras numa placa de cobre prateada,

catalisando uma evolução da fotografia e dos processos desenvolvidos posteriormente, como o de Frederick Scott Archer, em 1851, que introduziu o processo de colódio, representando mais uma melhoria significativa, permitindo tempos de exposição ainda mais curtos e custos de produção mais baixos (Brusselle, 1998). Nos anos 1870, George Eastman desenvolveu a fotografia em placa seca, levando à produção em massa de negativos em placas de vidro (novamente, uma redução de custos bastante significativa). Eastman introduziu o filme flexível em rolo em 1885, culminando no lançamento da máquina Kodak em 1888, tornando a fotografia, finalmente, acessível ao grande público (Amar, 2007).

De notar a revolução da fotografia a preto e branco para a fotografia a cores, que acaba por ser um dos marcos mais significativos de toda a fotografia, com a introdução do primeiro processo prático de cor, o Autochrome Lumière, em 1907. Três quartos de século mais tarde, assistimos à revolução digital, transformando a fotografia de processos químicos para a imagem computacional (a primeira câmara digital é produzida em 1975, por Steven Sasson, engenheiro da Kodak).

1.2 Perspectivas teóricas sobre a Fotografia

O estudo e a análise da fotografia através de lentes teóricas (*theoretical lenses*) oferece uma introspeção profunda sobre o seu impacto na perceção humana, comunicação e sociedade. Vários académicos e filósofos contribuíram para um robusto corpo de trabalho que examina a fotografia para além das suas dimensões técnicas e estéticas, mergulhando nas suas implicações ontológicas, semióticas e socioculturais.

A ontologia da fotografia preocupa-se com a natureza da realidade fotográfica e a sua relação com o tempo e a memória. Esta perspetiva considera as fotografias mais do que meras representações – são vistas como tendo uma conexão única com o passado, capturando um momento que já foi. O "Complexo da Múmia" de Bazin argumentava que a fotografia satisfaz um desejo fundamental humano de preservar aspetos da realidade contra o fluxo do tempo, comparando-a à prática egípcia antiga de mumificação. Para Bazin, a fotografia é uma relíquia do passado, um embalsamamento do tempo, capturando um momento que é para sempre perdido, mas preservado na sua imagem – intemporalidade física (Bazin, 2018).

Roland Barthes e o “*That-has-been*” (tradução literal: “Isso-foi”), conceito introduzido em “Camera Lucida” (livro publicado em 1980), Barthes enfatiza a conexão existencial e quase mágica entre a fotografia e o seu sujeito. Barthes vê a fotografia como uma evidência da existência do sujeito num tempo e lugar específicos, tornando a fotografia um meio poderoso para confrontar a realidade da mortalidade e da ausência (Barthes, 2006).

A semiótica da fotografia, o estudo dos sinais e símbolos como elementos do comportamento comunicativo, fornece uma estrutura para entender como as fotografias comunicam o seu significado. O trabalho de Roland Barthes traz um cunho inovador nesta área, oferecendo uma abordagem de duas camadas para interpretar fotografias. *Studium* e *Punctum*: O *Studium* refere-se à interpretação cultural, política e social da fotografia, o interesse geral que os espectadores encontram na imagem. O *Punctum*, no entanto, é um detalhe mais pessoal e pungente que perfura o espectador, invocando uma forte resposta emocional. Esta distinção sublinha a complexidade da interpretação fotográfica, destacando como as experiências pessoais e os contextos culturais influenciam a recepção das imagens. No entanto, Barthes também explora como as fotografias podem tornar-se símbolos culturais, codificando ideologias e mitos dominantes, analisando como imagens aparentemente inocentes nos *mass media* são imbuídas de significados sociais mais amplos, servindo como ferramentas para a transmissão ideológica (Barthes, 2006).

Em “Ensaio sobre a Fotografia” (Sontag, 2012), Susan Sontag oferece uma perspectiva profunda sobre o papel da fotografia na nossa relação com o passado. Para ela, a fotografia não documenta apenas o que já foi, mas também justifica e compensa a nossa relação precária com a memória. A autora propõe que a fotografia funciona como uma antologia visual do mundo, catalogando a realidade de forma burocrática. Através da captura daquilo que o fotógrafo considera digno de ser observado, a fotografia valoriza esses elementos, conferindo-lhes um estatuto de importância.

No entanto, Sontag adverte que a fotografia não é uma mera reprodução fiel da realidade. Ao capturar um instante fugaz, o fotógrafo participa no acontecimento, impondo-lhe a sua interpretação. Através da escolha da composição, da luz e da perspectiva, o fotógrafo molda a nossa percepção daquilo que está a ser documentado.

O papel da fotografia na sociedade, as suas dinâmicas de poder e considerações éticas formam o cerne desta perspectiva teórica. Acadêmicos investigaram e investigam como a

fotografia molda e é moldada por práticas sociais, relações de poder e dilemas éticos. Na análise crítica de Susan Sontag, em "On Photography" (2002), são examinadas criticamente as implicações sociais da fotografia, destacando o seu papel na vigilância, na mercantilização das imagens e nos aspetos voyeurísticos do fotojornalismo. Ela argumenta que a fotografia pode tanto revelar quanto obscurecer a verdade, servindo como uma ferramenta de controlo e como um meio de gerar empatia. Já Vicki Goldberg (historiadora de fotografia), no seu trabalho publicado em 1991, enfatiza o poder da fotografia na formação de narrativas históricas e memória pública, explorando como as fotografias podem influenciar percepções da verdade e da História, muitas vezes servindo como registos definitivos de eventos, apesar da sua suscetibilidade à manipulação e representação seletiva.

1.3 Evolução da fotografia como documento histórico

Desde o seu surgimento, a fotografia tem sido uma ferramenta crucial na documentação da História. Ao contrário dos registos escritos, que estão sujeitos aos vieses e interpretações dos seus autores, as fotografias fornecem um relato visual, oferecendo uma janela aparentemente direta para o passado, o que transforma, fundamentalmente, como a História, ou o momento, é registado, lembrado e ensinado.

Em "Os Tempos da Fotografia – O Efémero e o Perpétuo" (2014), Kossoy investiga as dualidades temporais inerentes ao meio fotográfico. Contempla a natureza paradoxal das fotografias, que captam momentos transitórios e efémeros, mas possuem a capacidade de perdurar como artefactos perpétuos. Esta dualidade realça o poder único da fotografia para congelar o tempo. Um excelente exemplo disto é o caso da fotografia de Robert Capa - "Miliciano Leal no Momento da Morte", Cerro Muriano, 7 de setembro de 1936 - onde é capturado o momento em que o soldado é atingido fatalmente, oferecendo um vislumbre permanente de momentos fugazes. Kossoy examina como esta interação entre o efémero e o perpétuo influencia a nossa percepção da realidade e da memória. As fotografias, segundo Kossoy, servem de pontes entre o passado e o presente, remodelando continuamente a nossa compreensão de ambos. Ao explorar estas dimensões temporais, Kossoy oferece uma

perspetiva diferenciada sobre o impacto duradouro da fotografia na experiência humana e na memória cultural.



Figura 1. Miliciano Leal no Momento da Morte, Cerro Muriano, 5 de setembro de 1936 de Robert Capa

A capacidade da fotografia para documentar eventos históricos evoluiu profundamente, e de forma quase exponencial, sendo moldada e moldando avanços tecnológicos e mudanças sociais. Esta evolução não só ampliou o escopo do que pode ser capturado, mas também influenciou a percepção pública e

o estudo histórico – um exemplo é o advento da fotografia de guerra, marcado pela Guerra da Crimeia (1850's) – um momento de grande influência para a documentação fotográfica, com fotógrafos como Roger Fenton a enveredar pelo processo complexo da fotografia em placa húmida para capturar o conflito (e iniciar a documentação do fotojornalismo de guerra) – um enorme avanço tecnológico que permitiu a fotografia no campo de batalha, num primeiro esforço para destacar o potencial da fotografia em trazer uma realidade distante para mais perto do olho e escrutínio públicos.

Um constante avanço tecnológico e de acessibilidade, como a introdução da fotografia de placa seca, no final do século XIX, e inovações subsequentes como o filme em rolo e câmaras mais portáteis, democratizaram a fotografia, tornando-a mais acessível tanto para fotógrafos amadores quanto profissionais. Isso facilitou uma documentação mais ampla de eventos, desde a vida quotidiana até à expansão da documentação de ainda mais momentos históricos monumentais. O papel do fotojornalismo cresceu no século XX, com revistas como "Life" e jornais usando fotografias como ferramentas narrativas essenciais, trazendo imagens icónicas de eventos como a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial ou até a Guerra do Vietname, não apenas como informativas para o público, mas também na forma como moldaram as atitudes sociais e a memória retida desses eventos.

O valor da fotografia como documento histórico reside na sua capacidade de capturar momentos com precisão e detalhe, servindo como um registo visual direto de um evento, pessoa ou lugar. No entanto, embora as fotografias sejam consideradas pela sua objetividade, refletindo o momento recolhido, temos de considerar, sempre, a escolha do fotógrafo sobre o assunto documentado. Fazendo um enquadramento e considerando o momento da captura, podemos perceber se existe algum enviesamento ou uma perspetiva mais forçada da realidade, destacando a importância de contextualizar e perceber, a fundo, as evidências fotográficas. Esta interpretação requer uma abordagem crítica, reconhecendo tanto o conteúdo da imagem quanto o contexto da sua criação. A honestidade social/académica/laboral exige que se considere quem tirou a fotografia, a motivação para o registo e como foi destinada a ser usada (Mauad, 1996; Mauad, 2008).

O impacto da fotografia na documentação histórica é significativo, proporcionando, tanto aos contemporâneos quanto às gerações futuras, provas visuais e uma conexão emocional com eventos passados. A fotografia, por si só, desempenhou e desempenha um papel crucial na documentação de mudanças sociais, capturando momentos de protesto, conquista e transformação (Litz, 2009). A título de exemplo, as imagens do Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos da América (um período de tempo historicamente compreendido entre 1952 e 1983) retratam protestos pacíficos, mas com registos de violência, o que não só atraiu a atenção nacional (norte-americana) e internacional para a luta, mas também ajudou a galvanizar o apoio público e a ação política. Outro exemplo é a capacidade da fotografia em documentar o rescaldo imediato de desastres naturais ou provocados pelo homem, que não só forneceu registos históricos, mas também facilitou respostas humanitárias, uma vez que são fotografias com arcaboço emocional. As imagens marcantes, muitas vezes até assombrosas, de eventos como o pós-bombardeamento de Hiroshima, a destruição causada pelo Furacão Katrina ou as cenas pungentes do 11 de Setembro (2001) servem como memórias coletivas que sublinham o custo humano dessas tragédias – o papel do fotógrafo, nestes contextos, pode levantar questões éticas importantes, no sentido em que a decisão de capturar momentos de sofrimento, o potencial de exploração dos sujeitos retratados e o impacto dessas imagens na sensibilidade dos espectadores, são temas de um debate polarizado contínuo e, portanto, esta dimensão ética enfatiza a responsabilidade que acompanha o poder de documentar a história através da fotografia (Calado, 1994).

2. A Fotografia na História

2.1 A Fotografia como Ferramenta Pedagógica na Sala de Aula

Para o historiador, utilizar a fotografia como fonte documental permite compreender o tempo, o progresso da sociedade e, numa perspetiva sociológica, revela o inconsciente social que, em última análise, esconde os vestígios da identidade cultural e coletiva. A memória histórica é determinada por um conjunto de documentos que refletem as perspetivas dos protagonistas e participantes da História, sendo a fotografia crucial para observar e recuperar verdades muitas vezes escondidas. É como se se construísse uma narração alternativa através da fotografia, questionando a subjetividade dos seus participantes (Tonello e Madio, 2018).

A relação entre o historiador e as suas fontes sofreu alterações significativas. Já não se trata apenas da ligação entre o testemunho e a realidade, mas antes da relação do testemunho com as questões levantadas pelo historiador. Esta ideia pode servir como um importante paradigma para historiadores e educadores que procuram desenvolver o pensamento crítico nos alunos (Felgueiras, 1994). A fotografia potencia a capacidade humana de ver o mundo, servindo mais do que um mero meio de reproduzir a realidade.

Em meados do século XX, dá-se uma mudança significativa nos paradigmas educacionais, com ênfase no pensamento crítico e na alfabetização visual. A ascensão dos estudos de comunicação social destacou a importância da interpretação e compreensão das imagens (Burke, 2014). A fotografia, neste contexto, deixa de ser apenas uma ferramenta ilustrativa, para se transformar num meio através do qual os alunos podem explorar e envolver-se criticamente com as narrativas históricas.

A democratização da fotografia permitiu aos educadores começarem a utilizá-la como complemento da documentação existente e relatos históricos, servindo para fornecer exemplos concretos de artefactos históricos, arquitetura e eventos, oferecendo aos alunos um contexto visual que as palavras por si só não podem transmitir. O início desta utilização foi um período de integração experimental, onde o foco estava em complementar os métodos tradicionais de ensino com recursos visuais (Drake, 2005).

As teorias educacionais de John Dewey defendem a aprendizagem experiencial e a importância da interação com os materiais, sendo esta a fundamentação teórica para a mudança que se inicia neste período. Os educadores começam a empregar fotografias, não apenas como evidência histórica, mas como estímulos para discussão, análise e interpretação. A dinâmica da sala de aula começa a ter um cariz mais interativo e participativo, onde os alunos são incentivados a questionar e inferir contextos históricos a partir de fotografias (Dewey, 1974).

O advento da era digital e a subsequente democratização da fotografia transformaram ainda mais o seu papel na educação. As máquinas digitais, smartphones e a internet tornaram os arquivos fotográficos mais acessíveis do que nunca. Além disso, a capacidade de criar e partilhar facilmente fotografias permitiu novas formas de aprendizagem participativa. Na educação histórica, esta evolução manifestou-se ao serem os alunos a fazer a sua própria curadoria dos ensaios fotográficos e a ter um papel participativo nas narrativas digitais. A digitalização também ampliou os tipos de conteúdo fotográfico disponíveis para uso educacional. Além das fotografias históricas, os alunos podem agora interagir com narrativas visuais contemporâneas, conectando o passado e o presente e promovendo uma compreensão mais dinâmica da História. Torna-se assim cada vez mais premente a literacia mediática crítica, uma vez que os alunos devem navegar num universo de imagens em constante expansão, discernindo entre diferentes fontes e perspetivas (Gervereau, 2007; Gil, 2011).

Boris Kossoy, em "Fotografia e História" (2001), explora a profunda relação entre a fotografia e a documentação histórica. Kossoy defende que as fotografias servem não só como registos visuais de momentos no tempo, mas também como fontes críticas de provas históricas que moldam a nossa compreensão dos acontecimentos passados. A importância metodológica de analisar as fotografias dentro do seu contexto histórico é fundamental, pois estão imbuídas de significados culturais, sociais e políticos. Ao examinar minuciosamente as circunstâncias em que as fotografias foram tiradas, os propósitos pretendidos e as perspetivas tanto do fotógrafo como dos sujeitos, os historiadores podem descobrir camadas mais profundas de verdade histórica. O trabalho de Kossoy sublinha a necessidade de integrar a análise fotográfica na investigação histórica para enriquecer a nossa compreensão da história e desafiar as narrativas tradicionais que se baseiam apenas em fontes textuais.

Atualmente, a utilização da fotografia na educação é caracterizada por uma mistura de abordagens tradicionais e inovadoras. As tecnologias de realidade virtual (RV) e realidade aumentada (RA) oferecem experiências imersivas, permitindo aos alunos “entrar” em fotografias históricas e explorar locais históricos reconstruídos. Hoje podemos, sem sair de casa, visitar o [Louvre](#), o [Guggenheim](#) ou a [casa-museu de Frida Kahlo](#), a título de exemplo. Estas tecnologias não só tornam a História mais envolvente, mas auxiliam o desenvolvimento de empatia para uma compreensão mais profunda dos contextos históricos. Adicionalmente, a incorporação da fotografia no ensino baseado em projetos diversos (incluindo os de caráter interdisciplinar) reflete uma compreensão contemporânea de como a literacia visual pode melhorar o pensamento crítico, a criatividade e as competências de comunicação. Os alunos não são apenas consumidores passivos de conteúdo fotográfico, mas também criadores ativos que utilizam a fotografia para expressar as suas próprias investigações históricas e narrativas. Esta utilização é apoiada em diversas teorias educacionais que exploram como as imagens podem facilitar a compreensão histórica, o pensamento crítico e o envolvimento entre os alunos, o que, por sua vez, se coaduna a todos os níveis com o propósito do estudo de História de acordo com a visão de Luís Alves (2001) de “aprender a conhecer... aprender a fazer... aprender a viver com os outros... aprender a ser”.

As **teorias construtivistas de aprendizagem** influenciadas pelos trabalhos de Piaget e Vygotsky postulam que os alunos constroem conhecimento através de experiências e interações com o seu ambiente. No contexto do ensino da História, as fotografias funcionam como artefactos tangíveis do passado que os alunos podem examinar, questionar e discutir. Este processo interativo incentiva os alunos a construir sua própria compreensão de eventos históricos, culturas e perspetivas. As imagens servem como catalisadores para a investigação, levando os alunos a investigar as histórias representadas nas fotografias, aprofundando assim o seu envolvimento com o conteúdo histórico. Especificamente, o **construtivismo social de Vygotsky** enfatiza a importância das interações sociais na construção do conhecimento. A aplicação desta teoria na utilização de fotografias no ensino de História sugere que as discussões e análises colaborativas de imagens podem melhorar a compreensão. Atividades em grupo onde os alunos discutem interpretações de fotografias históricas promovem um ambiente de aprendizagem colaborativo. Através do diálogo, os alunos expõem-se a múltiplas perspetivas, refinando a sua capacidade de articular e defender as suas interpretações (Pass, 2004).

O **conceito de literacia visual**, que envolve a capacidade de interpretar, argumentar e dar sentido a informações apresentadas na forma de uma imagem, é crucial. Educadores como Paul Messaris destacam a importância de ensinar os alunos a analisar criticamente as imagens. No ensino histórico, este conceito significa orientar os alunos através do processo de examinar as fotografias para identificar preconceitos, perspetivas e contextos. Ao aprender a avaliar criticamente a confiabilidade e o significado das imagens como fontes históricas, os alunos desenvolvem capacidades analíticas que são aplicáveis dentro e fora da sala de aula (Messaris, 1994; Messaris, 1998; Messaris, 2012).

A **Teoria da Atividade Histórico-Cultural (CHAT)**, termo cunhado por Michael Cole e popularizado por Yrjö Engeström, cuja base assenta no trabalho de Lev Vygotsky, fornece uma estrutura para a compreensão de como os humanos interagem com as suas ferramentas culturais e as implicações para a aprendizagem. Na educação histórica, as fotografias são artefactos culturais que aumentam o envolvimento dos alunos com o conhecimento histórico. A análise das fotografias como ferramentas culturais permite aos alunos explorar os contextos culturais, sociais e históricos em que foram produzidas. Esta teoria apoia a ideia de que as fotografias não são neutras, mas estão imbuídas das intenções e perspetivas dos seus criadores, suscitando análise crítica e interpretação (Lemos et al., 2013).

A teoria das **inteligências múltiplas de Howard Gardner** sugere que os indivíduos possuem diferentes tipos de inteligência, incluindo inteligência visual-espacial. A inclusão de fotografias no ensino de História permite aos alunos que detêm maiores valências no campo da inteligência visual-espacial maior facilidade da aprendizagem, possibilitando um ensino acessível a uma constituição mais heterogénea da sala de aula. Esta abordagem promove maior inclusão, o que oferece diferentes caminhos de aprendizagem para as diversas necessidades dos alunos (Gardner e Hatch, 1989; Gardner, 2000).

Gardner identificou, inicialmente, sete inteligências no seu livro "Frames of Mind" (1983) e, mais tarde, acrescentou uma oitava, com uma possível nona inteligência em consideração. Estas inteligências são distintas, mas inter-relacionadas, oferecendo uma visão mais abrangente das capacidades humanas do que os testes tradicionais de Quociente de Inteligência. Cada inteligência opera de forma independente e sinérgica, contribuindo para o perfil cognitivo global de um indivíduo.

1. Inteligência Linguística

A inteligência linguística envolve a sensibilidade à linguagem falada e escrita, a capacidade de aprender línguas e a habilidades de usar a linguagem para atingir objetivos. Esta inteligência é evidente em poetas, escritores, advogados e oradores. Na sala de aula, atividades como ler, escrever composições e participar em debates, podem ajudar a desenvolver esta forma de inteligência.

2. Inteligência Lógico-Matemática

A inteligência lógico-matemática implica a capacidade de analisar problemas logicamente, realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente. Esta inteligência é predominante em matemáticos, cientistas e engenheiros. Os métodos de ensino que envolvem a resolução de problemas, as experiências e os exercícios de raciocínio lógico podem melhorar esta inteligência nos alunos.

3. Inteligência Visual-Espacial

A inteligência visual-espacial envolve a capacidade de pensar em imagens e visualizar de forma precisa e abstrata. Arquitetos, artistas e navegadores exibem, frequentemente, níveis elevados desta inteligência. A incorporação de recursos visuais, como diagramas, gráficos e fotografias, bem como atividades como o desenho e a construção de modelos, pode apoiar os alunos com fortes competências viso-espaciais.

4. Inteligência Musical

A inteligência musical inclui a habilidade na execução, composição e apreciação de padrões musicais. Abrange a capacidade de reconhecer e compor alturas, tons e ritmos musicais. Esta inteligência é frequentemente encontrada em músicos, compositores e maestros. As atividades baseadas na música, como aprender a tocar instrumentos, analisar composições e integrar a música nas aulas, podem fomentar esta inteligência.

5. Inteligência Corporal-Cinestésica

A inteligência corporal-cinestésica envolve a utilização de todo o corpo ou de partes do corpo para resolver problemas ou criar produtos. Esta inteligência é crucial para bailarinos, atletas, cirurgiões e artesãos. As atividades que envolvem movimento físico, aprendizagem prática e dramatização podem ajudar os alunos a desenvolver esta inteligência.

6. Inteligência Interpessoal

A inteligência interpessoal é a capacidade de compreender e interagir eficazmente com os outros. Envolve uma comunicação verbal e não verbal eficaz, sensibilidade aos estados de espírito e temperamentos dos outros e capacidade de cooperar no trabalho em grupo. Os professores podem melhorar esta inteligência incorporando projetos de grupo, ensino entre pares e atividades sociais nos seus currículos.

7. Inteligência Intrapessoal

A inteligência intrapessoal é a capacidade de compreender a si próprio, de apreciar os seus sentimentos, medos e motivações. Envolve ter um modelo de trabalho eficaz de si mesmo e usar essa informação para regular a própria vida. As atividades reflexivas, como os registos diários, os exercícios de autoavaliação e as oportunidades de estudo independente, podem nutrir esta inteligência.

8. Inteligência Naturalista

A inteligência naturalista é a capacidade de reconhecer, categorizar e recorrer a determinadas características do ambiente. Envolve a sensibilidade aos fenómenos naturais, a capacidade de nutrir e interagir com os seres vivos e uma consciência aguçada da flora e da fauna. As atividades que envolvam exploração ao ar livre, estudos da natureza e projetos ambientais podem apoiar o desenvolvimento desta inteligência.

9. Inteligência Existencial (Em consideração)

Gardner considerou a adição de uma nona inteligência, a inteligência existencial, que envolve a capacidade de abordar questões profundas sobre a existência humana, tais como o significado da vida, porque morremos e como chegámos até aqui. Embora esta inteligência ainda não esteja formalmente incluída, reflete a capacidade de ponderar conceitos existenciais profundos.

Gardner criticou as teorias tradicionais da inteligência, como os testes de QI, por serem demasiado restritas e por não captarem toda a gama de capacidades cognitivas humanas. Para a criação da sua teoria, baseou-se em extensas pesquisas cognitivas de vários campos, incluindo psicologia, neurociência, antropologia e educação, que indicaram um espectro mais amplo de capacidades cognitivas. Evidências neuropsicológicas de estudos em indivíduos com lesões cerebrais mostraram que as capacidades cognitivas específicas podem ser prejudicadas

de forma independente, sugerindo inteligências múltiplas e distintas localizadas em diferentes áreas do cérebro.

Gardner também considerou os insights da psicologia do desenvolvimento, referindo que as diferentes capacidades e inteligências emergem e evoluem ao longo do tempo nas crianças. Estudos interculturais demonstraram que diferentes culturas priorizam diferentes competências e conhecimentos, apoiando a ideia de que a inteligência é multifacetada e influenciada pelos contextos culturais. Além disso, as capacidades extraordinárias dos sábios e dos prodígios em áreas específicas, apesar do desempenho médio ou abaixo da média noutras, reforçaram a noção de inteligências múltiplas.

O interesse de Gardner em melhorar a educação revelou que o reconhecimento das inteligências múltiplas poderia levar a estratégias de ensino mais inclusivas e eficazes. O seu trabalho com o Project Zero em Harvard (Gardner, 2016), que se centra no aperfeiçoamento da aprendizagem e da criatividade, também contribuiu para a sua compreensão e formulação da teoria.

A integração da Teoria das Inteligências Múltiplas na sala de aula reconhece estas inteligências variadas e permite aos educadores criar estratégias de ensino mais inclusivas e eficazes. A investigação de Branton Shearer, intitulada “Múltiplas Inteligências no Ensino e na Educação: Lições Aprendidas com a Neurociência” (2018), explora a interseção entre a Teoria das Inteligências Múltiplas e a neurociência. Shearer identifica cinco princípios-chave para a aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas na educação: a importância do contexto cultural, o reconhecimento da configuração neural única de cada aluno, a importância da autoconsciência, a interligação entre a cognição e a emoção e tornar a aprendizagem significativa ao conectá-la aos alunos. Ao abraçar estes princípios, os educadores podem adaptar os seus métodos de ensino para ativar os pontos fortes dos alunos e promover uma experiência de aprendizagem mais personalizada.

No trabalho “Multiple Intelligences in the Classroom” (2008), de Andrea Lauren Heming, são examinadas as aplicações práticas da Teoria das Inteligências Múltiplas através de observações e entrevistas com professores. Heming descobriu que muitos professores adaptam intuitivamente os seus métodos de ensino para acomodar diferentes inteligências, embora muitas vezes sem uma abordagem sistemática. A implementação eficaz inclui a elaboração de aulas que incorporem várias inteligências, a utilização de unidades

interdisciplinares, o incentivo a projetos liderados pelos alunos, a diversificação das avaliações e o fornecimento de oportunidades de aprendizagem prática. Estas estratégias garantem que todos os alunos, independentemente das suas inteligências dominantes, se possam envolver e compreender o conteúdo histórico.

Um outro estudo, "O efeito da educação baseada na teoria das inteligências múltiplas no desempenho académico: uma revisão meta-analítica" (2016), demonstra o impacto positivo da educação baseada na Teoria das Inteligências Múltiplas no desempenho dos alunos. A meta-análise revela que o ensino baseado na Teoria das Inteligências Múltiplas melhora significativamente o desempenho académico, particularmente nos cursos de línguas. Mostra que esta abordagem é eficaz em várias disciplinas e níveis educativos, indicando que uma aplicação alargada da Teoria das Inteligências Múltiplas pode levar a melhores resultados educativos.

O artigo "MI Theory, Personalization, and Deeper Learning" (2017) apoia ainda mais os benefícios da integração da Teoria das Inteligências Múltiplas na educação. Destaca como a personalização da aprendizagem com base nas inteligências múltiplas dos alunos promove um envolvimento e uma compreensão mais profundos. Por exemplo, incorporar programas "Genius Hour", onde os alunos dedicam tempo a projetos que refletem os seus interesses e utilizam as suas inteligências mais fortes, pode tornar a aprendizagem mais relevante e significativa. O ensino autêntico e relevante que se liga à vida e aos interesses dos alunos aumenta o envolvimento e a retenção do conteúdo histórico.

A aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas na sala de aula, principalmente no ensino da história, passa pela utilização de diversos métodos de ensino que servem diferentes inteligências. Os recursos visuais, como fotografias, podem envolver os alunos com uma forte inteligência visual-espacial, enquanto as discussões em grupo beneficiam aqueles com inteligência interpessoal. As tarefas de escrita reflexiva exploram a inteligência intrapessoal e as atividades práticas apoiam os alunos cinestésicos corporais. Esta abordagem não só promove a inclusão, como também tira partido dos pontos fortes de cada aluno, promovendo um ambiente de aprendizagem mais abrangente e eficaz.

No entanto, existem também diversas críticas a esta teoria e a sua aplicabilidade, nomeadamente a autora Lynn Waterhouse é uma veemente descrente das teorias de Gardner e levanta preocupações significativas sobre a sua aplicação ao ensino. Em primeiro lugar,

Waterhouse defende que a Teoria das Inteligências Múltiplas carece de fortes evidências empíricas que suportem as suas afirmações. Embora Gardner tenha proposto oito inteligências distintas - como a linguística, a lógico-matemática, a espacial, a musical, a corporal-cinestésica, a interpessoal, a intrapessoal e a naturalista - existem poucos dados científicos para as validar como inteligências separadas e independentes. Esta falta de suporte empírico é uma grande preocupação quando se aplica a Teoria das Inteligências Múltiplas às práticas educativas. Waterhouse afirma que os educadores aplicam frequentemente mal a Teoria das IM, utilizando-a para rotular os alunos com um tipo particular de inteligência (por exemplo, "Johnny é um aprendiz espacial") e depois adaptando a instrução exclusivamente a essa força percebida. Esta abordagem pode levar a uma experiência educativa fragmentada e limitada, uma vez que pode negligenciar o desenvolvimento de outras competências e inteligências importantes.

A Teoria das Inteligências Múltiplas contribuiu para a popularidade da ideia de que o ensino deve ir ao encontro dos estilos de aprendizagem preferidos dos alunos. Waterhouse critica isto, referindo que a investigação não apoia a eficácia do ensino dos estilos de aprendizagem. Em vez disso, uma abordagem mais equilibrada que envolva inteligências múltiplas e integre vários métodos de ensino será provavelmente mais eficaz. Além disso, na perspectiva da autora, implementar a Teoria das Inteligências Múltiplas na sala de aula é complexo e pode ser impraticável. Os professores podem ter dificuldade em conceber e lecionar aulas que abordem todas as oito inteligências para cada tópico. Isto pode levar à inclusão superficial ou simbólica de atividades destinadas a diferentes inteligências, em vez de uma estratégia educativa significativa e coesa.

Waterhouse sublinha ainda que existem poucas evidências que sugiram que a aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas nas salas de aula conduza a melhores resultados educativos. Apesar do seu apelo intuitivo, não existem dados claros que demonstrem que os alunos aprendem melhor ou têm melhor desempenho académico quando ensinados de acordo com os princípios das IM. Por fim, em vez de se concentrarem na Teoria das Inteligências Múltiplas, Waterhouse sugere que os educadores devem confiar em práticas de ensino baseadas em evidências que comprovadamente melhoram os resultados da aprendizagem. Isto inclui estratégias como a instrução diferenciada, a avaliação formativa e a promoção de competências metacognitivas, que têm um suporte empírico mais forte.

Existem diversos outros autores que aplicam as mesmas críticas à teoria de Gardner, especificamente na sua aplicação, ao enunciar que os educadores não devem basear as decisões instrucionais e curriculares numa teoria cujo estatuto científico é controverso (Gerlin e Fien, 2016; Hale et al., 2016; Gottfredson, 2004; White, 1988; Willingham, 2004). Ainda assim, como anteriormente descrito, os estudos que demonstram resultados positivos da aplicação desta teoria são bastante mais prolíficos na literatura.

2.2 Literacia Visual e metodologias de análise de imagens fotográficas no ensino de História

Compreender o contexto em que uma fotografia foi tirada é fundamental para a sua interpretação como documento histórico, o que envolve compreender o estado evolutivo das tecnologias fotográficas da época para compreender as suas limitações e componentes. Por exemplo, os longos tempos de exposição necessários nas primeiras máquinas fotográficas levavam os sujeitos a permanecer imóveis durante vários minutos, o que influenciava os tipos de cenas e momentos que podiam ser capturados.

Da mesma forma, o advento das máquinas portáteis revolucionou o que era passível de ser documentado, permitindo registos mais espontâneos e sinceros da História. Além dos aspetos tecnológicos, o contexto cultural e social que envolve uma fotografia é igualmente crítico. Isso abrange a compreensão das normas, valores e eventos sociais no momento em que a fotografia foi tirada (Melo, 2008). Por exemplo, as fotografias tiradas durante a Grande Depressão não só captam as dificuldades económicas da época, mas também refletem os impactos sociais da pobreza, da migração e da mudança da paisagem americana. Da mesma forma, as imagens do tempo de guerra podem revelar detalhes sobre as experiências de soldados e civis, a atmosfera da frente interna e a perceção do conflito pelo público.

Interpretar o conteúdo e o tema das fotografias como documentos históricos requer uma compreensão diferenciada dos elementos visuais e do seu significado no contexto histórico e cultural da fotografia. Este processo envolve examinar atentamente os símbolos, motivos, pessoas e objetos capturados na imagem, cada um dos quais pode agregar informações valiosas sobre a época, os eventos e as normas sociais que representam. Adicionalmente, a própria composição da fotografia – a disposição dos elementos dentro do

enquadramento, a perspectiva a partir da qual é tirada e a inclusão ou exclusão de certos detalhes – pode influenciar a forma como o conteúdo é interpretado. Uma fotografia tirada de um ângulo baixo, por exemplo, pode elevar o assunto, imbuindo-o de um sentido de importância ou grandeza, enquanto o enquadramento seletivo de uma cena pode destacar aspectos específicos de um evento ou narrativa, orientando a interpretação do espectador. Ao interpretar o conteúdo e o tema das fotografias históricas, é crucial abordar criticamente estes elementos, considerando não apenas o que é mostrado, mas também o que é omitido, e como a composição e o conteúdo simbólico da fotografia contribuem para o seu significado e impacto globais (Joly, 1994; Joly, 2002).

A famosa fotografia "Raising the Flag on Iwo Jima", tirada por Joe Rosenthal durante a Segunda Guerra Mundial, contém um peso simbólico muito forte, que pode ser interpretado de duas formas muito diferentes dependendo dos olhos do observador. Esta fotografia é frequentemente vista como um poderoso símbolo do heroísmo e patriotismo americano. Capta um momento de vitória e unidade enquanto os fuzileiros navais dos EUA hasteavam a bandeira americana no topo do Monte Suribachi durante a Batalha de Iwo Jima. Esta interpretação vê a imagem como um testemunho da bravura e do sacrifício dos soldados que lutaram na batalha, representando a força e a resiliência dos Estados Unidos durante um momento crítico da guerra. No entanto, uma interpretação alternativa foca o custo humano e a brutalidade da guerra. A Batalha de Iwo Jima foi uma das mais sangrentas no Teatro do Pacífico, com baixas significativas de ambos os lados. Esta interpretação enfatiza o sofrimento e as perdas vividas pelos soldados e pelas suas famílias, bem como as implicações mais vastas da guerra para a humanidade e convida à reflexão sobre as duras realidades do conflito e todos os sacrifícios envolvidos. Esta dualidade de interpretação realça a complexidade dos



Figura 2. Raising the Flag on Iwo Jima, 23 de fevereiro de 1945 por Joe Rosenthal

acontecimentos históricos e as diversas perspetivas através das quais podem ser compreendidos.

O primeiro passo na análise de imagens fotográficas no ensino da História envolve examinar a composição da fotografia, incluindo enquadramento, perspetiva e uso de luz e sombra. Esta análise ajuda os alunos a compreender as escolhas do fotógrafo e como essas escolhas moldam a

perceção da imagem pelo observador. Paralelamente, é fundamental situar a fotografia no seu contexto histórico, ou seja, compreender o propósito da criação da fotografia e as circunstâncias sociopolíticas e culturais da época. A análise contextual permite aos alunos conectar a fotografia às narrativas históricas, auxiliando a sua compreensão do período em estudo. A análise de conteúdo centra-se no que a fotografia retrata, exigindo que se observe atentamente os elementos que compõem a imagem, identifique pessoas, objetos, configurações e qualquer outro elemento visível (Melo, 2008).

Após a análise técnica, a compreensão do artefacto fotográfico requer uma interpretação do que está representado. Os significados e implicações da fotografia, tanto pretendidos como percebidos, consideram aspetos emocionais, simbólicos e narrativos da imagem. Esta interpretação requer pensamento crítico e empatia, para que seja possível compreender a fotografia de múltiplas perspetivas. Por fim, a análise comparativa contrasta a fotografia em análise com outras imagens e documentos históricos do mesmo período. Este método permite identificar temas comuns, corroborar factos e explorar diferentes perspetivas sobre os mesmos eventos. É importante, ainda, considerar na análise de imagens fotográficas as implicações éticas. Ou seja, refletir sobre questões como o potencial de manipulação, o

impacto da fotografia nos sujeitos e espectadores históricos e nas responsabilidades dos fotógrafos e historiadores na representação do passado.

2.3 Considerações éticas na utilização de recursos fotográficos no ensino

A efetividade da utilização de fotografias na sala de aula requer que sejam tidas em consideração as implicações éticas, como anteriormente referido, devido às complexidades e responsabilidades inerentes à apresentação de conteúdos fotográficos, especialmente quando representam assuntos delicados e controversos, sendo também necessário considerar as diferentes sensibilidades dos alunos.

Um dos pontos mais relevantes a considerar é que muitos eventos históricos envolvem temas de violência, sofrimento e injustiça. Fotografias de guerras, genocídios ou lutas pelos direitos civis podem conter imagens gráficas ou perturbadoras. Os professores devem avaliar o valor educativo de tais fotografias em relação ao potencial de causar angústia ou trauma entre os alunos. Adicionalmente, fornecer um contexto adequado é essencial para evitar interpretações erradas ou simplificação excessiva de questões complexas (Gil, 2011). Os professores devem oferecer informações essenciais sobre as condições em que a fotografia foi tirada, a intenção do fotógrafo e como a imagem foi interpretada ao longo do tempo. Isto ajuda os alunos a analisar criticamente as fotografias, compreender as suas limitações e apreciar as nuances das narrativas históricas.

A complexidade de interpretação fotográfica como fonte histórica na educação requer a aplicação de metodologias que permitam aos alunos e professores um envolvimento crítico com a imagem para interpretar o conteúdo, contexto e narrativas subjacentes, de forma a retirar o melhor partido deste recurso e evitar incorrer em enviesamentos ou erros de interpretação, pois “para utilizar a fotografia como documento de forma segura, e de modo

eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fontes, estar consciente das suas fragilidades” (Dias, 2012).



Figura 3. Phan Thi Kim Phuc (ao centro) foge com outras crianças depois de aviões sul-vietnamitas terem lançado por engano napalm sobre tropas e civis sul-vietnamitas, 8 de junho de 1972 por Nick Ut

Podemos exemplificar a diferença de interpretação e impacto de uma fotografia histórica caso tenhamos ou não o seu contexto. A famosa fotografia capturada durante a Guerra do Vietname, "Napalm Girl", tirada por Nick Ut, mostra uma jovem, Phan Thi Kim Phuc, a correr nua numa estrada após um ataque de napalm. Sem contexto, a fotografia pode ser interpretada como uma cena trágica em que a menina é apenas uma vítima indefesa de um acontecimento horrível. Contextualizada, a fotografia conta uma história mais profunda sobre a brutalidade da Guerra do Vietname e o impacto do napalm nos civis. O conhecimento de que a menina fugia de um ataque de napalm perpetrado por aviões sul-vietnamitas, dirigidos pelos EUA, pode mudar a interpretação no sentido de uma crítica às ações militares e às implicações mais vastas da guerra. A imagem passou a servir como um poderoso símbolo antiguerra devido ao seu contexto, influenciando a opinião pública e contribuindo para o movimento contra a Guerra do Vietname, nos Estados Unidos.

As fotografias podem refletir e reforçar preconceitos, estereótipos ou perspetivas incompletas sobre a História. É, por isso, crucial que os professores selecionem criticamente as imagens que proporcionem uma visão equilibrada, em vez de representações perpetuadas, simplistas ou tendenciosas de pessoas e eventos. É importante incluir diversas perspetivas e vozes, especialmente as de grupos marginalizados ou sub-representados, para uma compreensão mais inclusiva da história. Imagens que retratam práticas culturais, cerimónias religiosas ou momentos pessoais requerem também consideração cuidadosa, pois deve ser

respeitado o significado cultural e as sensibilidades associadas a tais fotografias, evitando a sua utilização de formas que possam ser consideradas desrespeitosas (Calado, 1994).

Por fim, deve ser garantido que as fotografias utilizadas pertençam a fontes confiáveis, respeitem os direitos de autor e que os fotógrafos sejam devidamente creditados. As fotografias de eventos contemporâneos, devido à facilidade de acesso, podem envolver questões de privacidade ou atentar à dignidade dos indivíduos retratados. Os professores devem abordar estas preocupações de forma ponderada, garantindo que as imagens utilizadas respeitem a dignidade das pessoas retratadas e não explorem o seu sofrimento para fins educativos de forma gratuita.

Em suma, o ensino de História é extremamente beneficiado através da utilização de fotografias como elemento histórico, pois desperta nos alunos a curiosidade e o interesse que o texto, por si só, muitas vezes não consegue. As fotografias funcionam como janelas para o passado ao oferecer um vislumbre tangível de eventos históricos, pessoas e culturas. As fotografias servem diversos propósitos nas salas de aula de História, podendo ser fontes primárias, permitindo que os alunos as analisem como historiadores e desenvolvam habilidades de pensamento crítico. Além disso, podem evocar emoções, fomentando a empatia com pessoas e eventos do passado. Essa conexão emocional torna os eventos históricos mais memoráveis e significativos. Simultaneamente, as fotografias atendem a diversos estilos de aprendizagem, especialmente alunos com maiores capacidades visuais, que podem compreender conceitos de forma mais eficaz. Além disso, podem criar conexões interdisciplinares como Arte e Literatura, o que enriquece a experiência geral de aprendizagem. Por fim, as fotografias apoiam uma abordagem construtivista à aprendizagem, o que permite aos alunos construírem ativamente a sua compreensão através da investigação e da exploração estimuladas pelas imagens.

Parte II – O Estágio

3. Metodologia

Depois de coletar e analisar detalhadamente o conteúdo teórico sobre a fotografia e a sua utilização no ensino de História, o passo seguinte passou pela criação de uma abordagem metodológica baseada em todos os conhecimentos adquiridos, incluindo a Teoria de Inteligências Múltiplas de Gardner, anteriormente revista, que permitisse chegar a conclusões relevantes para a investigação.

É importante esclarecer que a metodologia aqui apresentada é única, pois considera que não existe uma abordagem universal para trabalhar com a fotografia, conforme discutido anteriormente. Sendo que a análise fotográfica não possui um conjunto padrão de procedimentos reconhecidos como regulares pelos educadores, não há um método de abordagem amplamente aceito ou universal; portanto, foram desenvolvidas as ferramentas consideradas necessárias.

A metodologia adotada para este relatório de estágio seguiu os protocolos de estágio definidos, incluindo a frequência e assistência nas aulas de História A lecionadas pela orientadora cooperante, bem como a lecionação independente de aulas específicas sobre temas pré-acordados dentro do currículo. Adicionalmente, participei em diversos eventos escolares, o que é parte integrante da experiência de estágio.

Dado o foco do meu relatório de estágio na utilização da fotografia no processo de ensino e de aprendizagem da História, dei uma ênfase especial à integração de fotografias relevantes nas aulas que lecionei. Durante estas aulas, promovi a análise destas fotografias junto dos alunos, incentivando-os a um envolvimento crítico com fontes históricas visuais. Esta abordagem foi concebida para atender a diferentes tipos de inteligência, tal como descrito pelo Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner.

Para abordar as diversas inteligências dos alunos, incorporei uma variedade de atividades:

- **Inteligência Visual-Espacial:** A utilização de fotografias e recursos visuais ajudou os alunos que se destacam na inteligência visual-espacial a compreender melhor os contextos e os acontecimentos históricos. As atividades incluíram a análise da composição, contexto e significado das fotografias históricas.
- **Inteligência Linguística:** Os alunos foram encorajados a escrever textos reflexivos e a participar em discussões sobre as fotografias e o seu significado histórico, melhorando assim as suas competências linguísticas.
- **Inteligência Lógico-Matemática:** Para os alunos com uma forte inteligência lógico-matemática, incluí atividades que envolviam a análise de dados históricos, cronogramas e padrões retratados nas fotografias.
- **Inteligência Corporal-Cinestésica:** Na oficina de fotografia, os alunos realizaram atividades práticas que envolviam tirar e editar fotografias, que iam ao encontro da sua inteligência corporal-cinestésica.
- **Inteligência Interpessoal:** As discussões em grupo e os projetos colaborativos permitiram aos alunos desenvolver competências interpessoais trabalhando em conjunto para analisar e interpretar fotografias.
- **Inteligência Intrapessoal:** As tarefas de escrita reflexiva e os projetos pessoais ajudaram os alunos a conectarem-se com o material a um nível mais profundo e pessoal, melhorando a sua inteligência intrapessoal.
- **Inteligência Musical:** Embora não esteja diretamente relacionada com a fotografia, a música de fundo relevante para o período histórico em estudo, foi, por vezes, utilizada para definir o cenário e envolver os alunos com inteligência musical.
- **Inteligência Naturalista:** Ao explorar temas relacionados com a natureza ou com o ambiente, os alunos com inteligência naturalista foram encorajados a estabelecer ligações entre as fotografias e os fenómenos ou cenários naturais.

Além disso, conduzi um workshop de fotografia voluntária com o objetivo de ensinar aos alunos os fundamentos da fotografia. Este workshop abordou os aspetos técnicos de tirar fotografias, as técnicas de edição e os princípios de enquadramento e expressão artística. Após o workshop, foi atribuído aos alunos um exercício prático onde lhes foi pedido que tirassem fotografias de temas que considerassem significativos, quer em contexto comunitário, quer pessoal. Foram encorajados a aplicar as técnicas aprendidas no workshop

e a fornecer uma explicação das imagens captadas, incluindo os motivos das suas escolhas e as técnicas utilizadas.

Nas aulas de História, foi dado um trabalho adicional, onde os alunos tinham de procurar e seleccionar uma fotografia relacionada com um dos temas históricos abordados durante o ano letivo. De seguida, foi-lhes pedido que escrevessem um texto reflexivo sobre a fotografia e o tema que esta representava, promovendo uma compreensão mais profunda e uma ligação com os acontecimentos históricos através dos meios visuais.

Para avaliar a eficácia e o impacto da utilização da fotografia como metodologia de ensino, foi distribuído um inquérito à turma. Este inquérito teve como objetivo recolher o feedback dos alunos sobre a utilização da fotografia nas aulas de História, a sua avaliação das fotografias como ferramentas educativas e as suas opiniões sobre as fotografias específicas utilizadas durante as aulas.

O objetivo geral destas atividades foi compreender o impacto da integração da fotografia na educação histórica, capacitar os alunos no seu desenvolvimento pessoal através de um meio artístico e cultivar competências de pensamento crítico através da análise de fotografias históricas. Ao envolverem-se com a fotografia, os alunos foram encorajados a desenvolver uma perspetiva diferenciada sobre os acontecimentos históricos e a apreciar o poder das imagens visuais na formação de narrativas históricas.

Nos próximos capítulos e subcapítulos, incluídos neste relatório, iremos explorar detalhadamente cada um dos pontos metodológicos aqui enunciados. Em cada um dos subcapítulos serão apresentados os principais objetivos e o racional por detrás de cada evento, uma descrição da sua execução e os resultados obtidos, assim como uma reflexão sobre os mesmos, enquadrando o seu fruto com questões sobre a investigação neste relatório.

4. O objeto de investigação

A interligação entre o meu estágio e a temática da fotografia decorre da minha longa e profunda relação pessoal com esta forma de arte. Escolhi este tema por vários motivos, que se entrelaçam com o meu percurso pessoal e académico. Desde muito jovem, a fotografia sempre teve um fascínio especial para mim, tornando-se uma das minhas principais formas de expressão artística – uma paixão que me levou a prosseguir uma formação especializada, culminando com uma pós-graduação em fotografia. A experiência adquirida através deste curso não só aprofundou os meus conhecimentos técnicos, como também fortaleceu o meu apreço pela fotografia como uma poderosa ferramenta de documentação e interpretação da realidade.

A minha dedicação à fotografia foi reconhecida quando ganhei um concurso com uma imagem captada em Pompeia, uma das cidades mais emblemáticas na História da Antiguidade. Esta conquista pessoal reforçou a minha crença de que a fotografia pode servir como um meio extraordinário de contar histórias e captar momentos significativos da humanidade, potenciando um lado criativo e, até, de expressão pessoal.

Ao iniciar o meu estágio na docência, vi uma oportunidade única de unir as minhas duas paixões: a História e a Fotografia. A ideia de utilizar a fotografia como recurso didático nas aulas de História surgiu naturalmente, tendo por base a crença de que as imagens podem facilitar a compreensão e o envolvimento dos alunos com os conteúdos históricos. Acredito que a fotografia pode acrescentar uma dimensão visual e emocional ao ensino, ajudando os alunos a conectarem-se mais profundamente com acontecimentos e figuras históricas.

Nas próximas páginas será apresentada a escola e as turmas que me acolheram neste desafio, e será descrita em detalhe a execução das metodologias acima apresentadas para o objetivo pretendido.

4.1 A Escola

Um dos aspetos mais importantes num Mestrado em Ensino é a experiência que os estudantes (professores estagiários) têm da realidade num espaço curricular como a Iniciação à Prática Profissional. Por diversas razões, o ano de estágio é um dos marcos mais importantes para um estudante/professor e, este ano, este estágio foi, é e será, dos mais marcantes no meu percurso académico, profissional e pessoal.

Esta nova aventura e desafio iniciou-se logo após a minha chegada do continente americano, de uma viagem de trabalho. A Escola em questão, seria, então, a minha nova base para o corrente ano letivo. Localizada no concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, é uma escola que tem desempenhado um papel crucial na educação e formação dos jovens da região. A escola, que funciona em regime de autonomia, oferece uma oferta educativa rica e diversificada. No Ensino Básico apresenta como oferta curricular complementar: Oficina de Escrita, Oficina de Matemática e Oficina de Artes. Ainda no Ensino Básico a Escola tem, em todos os anos do terceiro ciclo, turmas de alunos a frequentar o projeto CLIL (Content and Language Integrated Learning). No Ensino Secundário, tem como oferta educativa todos os cursos Científico-Humanísticos: Artes Visuais, Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades e Ciências Socioeconómicas. No âmbito do Ensino Profissional, neste ano letivo a Escola oferecia o Curso Profissional de Técnico de Multimédia. – (Plano Curricular, 2024).

Esta oferta curricular diversificada é complementada por uma série de projetos e clubes que visam enriquecer a experiência educativa dos alunos, tais como Desporto Escolar, Clube Ciência Viva, Clube de Robótica, Projeto S(AB)ER – Sala de Estudo para o Ensino Básico, com mentoria de alunos do ensino secundário; Projeto GFA – aulas de Preparação para Exame (PEX), para os 9.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade; Projeto Oficina de Ideias; Projeto BIP; Projeto Eco-Escolas, UBUNTO, etc; participação em várias iniciativas de âmbito nacional (tais como Olimpíadas, concursos de leitura, de escrita) e iniciativas específicas da Escola como, por exemplo, o “Sons da História” (iniciado em 2018) ou exposições temáticas várias. A Escola apresenta ainda a participação em Projetos no âmbito do Erasmus +, que procuram valorizar a partilha de experiências e enriquecimento cultural entre alunos e docentes de vários países europeus (e Turquia) e que promovem a cidadania ativa e o desenvolvimento de competências transversais (Plano Curricular, 2024).

As instalações da escola são modernas e bem equipadas, com laboratórios de ciências, uma biblioteca vasta e atualizada, além de salas de aula preparadas para suportar atividades multimídia. A escola promove, também, uma variedade de atividades extracurriculares que abrangem desde desportos até clubes de ciência e artes, clube de xadrez (o qual tenho de confessar que me alegrou bastante, tendo sido eu campeão escolar de xadrez durante o meu ensino secundário), elaboração de podcasts e a ESDJGFA-TV (estes dois últimos disponíveis no website da escola). Todas essas atividades contribuem para o desenvolvimento integral dos alunos, potencializando sua criatividade e envolvimento com a escola e seus projetos (Projeto Educativo, 2023-26).

Esta escola destaca-se pelo seu compromisso com a excelência educativa, algo evidenciado pela elevada qualidade do seu corpo docente e pelos resultados académicos obtidos pelos seus alunos. De acordo com os dados disponíveis, a taxa de sucesso escolar nos últimos três anos letivos tem se mantido bastante elevada, com uma significativa diminuição das taxas de abandono escolar (Resultados Académicos e Estatísticas, 2020-2023). Este sucesso é atribuído a uma série de fatores, incluindo a implementação de estratégias pedagógicas inovadoras, a constante formação dos professores, um corpo docente fixo e o envolvimento ativo dos alunos em projetos escolares e extracurriculares.

O estágio foi realizado sob a orientação atenta, pragmática e conhecedora da Professora Orientadora, cuja vasta experiência e conhecimento na área de História, assim como na orientação de estagiários, foram essenciais para a implementação eficaz das metodologias propostas. O apoio contínuo da Professora Orientadora foi fundamental para o desenvolvimento bem-sucedido deste estudo, assim como para o meu crescimento enquanto professor. Durante o estágio, o foco foi nas turmas do 12.º ano, especificamente nas turmas A e C de História A. Estas turmas já tinham a Professora Orientadora como professora de História desde o ano letivo anterior, o que facilitou bastante a minha integração. Os alunos integrantes das turmas mostraram-se bastante receptivos e comprometidos com as aulas, o que facilitou a aplicação das metodologias baseadas na utilização de fotografias históricas. Composição das turmas: turma A tinha 26 alunos (média de idade de 16,8 anos) e a turma C com 23 discentes (média de idade de 16,9 anos). A diversidade dos alunos e as dinâmicas adjacentes às suas individualidades ou, até, à relação entre eles e às motivações e ao empenho nas tarefas letivas, tornou a componente educativa, enquanto estagiário, bastante mais

desafiante e com um propósito de agregador de mentes, para o rumo constante de um navio (Regulamento Interno, 2023).

A proposta do tema centrado na utilização da fotografia no ensino de História teve diversos antecedentes que culminaram num enquadramento perfeito entre sujeito e objeto. A fotografia foi utilizada como fonte para facilitar a compreensão e o envolvimento dos alunos com os conteúdos históricos. A crença subjacente é que as imagens podem adicionar uma dimensão visual e emocional ao ensino, ajudando os alunos a conectar-se mais profundamente com acontecimentos e figuras históricas. As metodologias implementadas incluíram a utilização de slides em PowerPoint que apresentavam fotografias de grande relevância histórica, visualização de vídeos compostos por várias fotografias em slide, ou até fotografias únicas e individuais, para o realce do tema em questão. Estas imagens foram cuidadosamente selecionadas para ilustrar os principais tópicos abordados, tais como “A Grande Depressão e o New Deal”, “A Guerra Fria” e “A Questão Colonial em Portugal”. Cada tópico foi explorado em profundidade, utilizando esses registos visuais para enriquecer a narrativa histórica e promover uma compreensão mais completa e crítica dos eventos.

A integração da fotografia no ensino de História revelou-se uma estratégia eficaz para aumentar o compromisso, participação e a compreensão dos alunos. As respostas dos alunos às atividades propostas indicaram um maior interesse pelos temas abordados e uma melhor capacidade de analisar e interpretar eventos históricos. Além disso, a utilização de fotografias ajudou a desenvolver habilidades de pensamento crítico e literacia visual, essenciais para a formação de cidadãos informados e conscientes, assim como a aprendizagem de uma nova arte, não contemplada pela oferta formativa da escola.

O ambiente inclusivo e multicultural da escola, aliado à oferta educativa diversificada e aos recursos de alta qualidade, fazem da Escola de estágio um exemplo de boas práticas no ensino secundário em Portugal. A dedicação dos professores, o envolvimento ativo dos alunos e a colaboração com a comunidade local são pilares fundamentais que sustentam o sucesso desta instituição (Projeto Educativo, 2023-26).

Em suma, a experiência de estágio na ESDJGFA não só proporcionou um ambiente propício ao desenvolvimento das competências pedagógicas, como também destacou a importância de metodologias inovadoras, potenciando a utilização da fotografia no ensino de História, para o envolvimento e sucesso dos alunos, como mais uma ferramenta didática. A

integração de recursos visuais como ferramenta pedagógica mostrou-se eficaz em promover uma compreensão mais profunda e crítica dos conteúdos históricos, confirmando a relevância desta abordagem no contexto educativo atual.

4.2 A utilização de fotografias na sala de aula

Durante o meu estágio como professor de História, tive a oportunidade de lecionar três temas significativos: “A Grande Depressão e o New Deal”, “A Guerra Fria” e “A Questão Colonial em Portugal”. Cada tópico foi apresentado com um conjunto abrangente de slides em PowerPoint que incluía fotografias de grande relevância histórica para melhorar a experiência de aprendizagem. Este capítulo irá resumir os principais temas abordados nestas aulas e analisar as fotografias mais importantes utilizadas em cada tópico, demonstrando o seu papel na facilitação de uma compreensão mais profunda dos acontecimentos históricos.

Tema 1: A Grande Depressão e o New Deal

Este tema começou por explorar as causas da Grande Depressão, descrevendo vários fatores que levaram à quebra do mercado bolsista de 1929. Esses fatores incluíram a superprodução industrial, a desigualdade de rendimentos e a bolha especulativa no mercado bolsista. Foram destacados os papéis do taylorismo e do fordismo na produção e na emergência de uma sociedade de consumo, ilustrando como esses elementos contribuíram para a recessão económica. Um dos antecedentes explorados referiu-se aos loucos anos 20, onde se testemunhou a prosperidade e a inovação tecnológica, juntamente com o frenesim especulativo que caracterizou a década. Foram detalhados acontecimentos importantes, como a Quinta-feira Negra, a 24 de outubro de 1929, ilustrando o pânico e a turbulência financeira que se seguiram. As repercussões imediatas do *crash*, incluindo enormes perdas financeiras, o início de uma recessão grave e a rápida propagação da crise económica, também foram abrangidas.

As consequências da Grande Depressão foram exploradas em profundidade, como o desemprego generalizado, a pobreza e o fracasso empresarial que resultaram do colapso económico. Este tema incluiu descrições da pobreza, das cozinhas comunitárias e das

dificuldades económicas globais enfrentadas por muitos americanos. Os efeitos sociais da Depressão foram ilustrados através de imagens icónicas como a "Mãe Migrante" de Dorothea Lange e a proliferação de bairros de lata improvisados nos arredores de algumas grandes cidades americanas, batizados de "Hoovervilles" (alusão depreciativa ao Presidente Hubert Hoover, em cujo governo despoletou a crise). A dimensão global da Depressão foi abordada, observando o seu impacto na América Latina e na Europa, cujas repercussões levaram ao aumento das políticas protecionistas e afetaram o comércio e as relações internacionais.

O New Deal, introduzido pelo presidente Franklin D. Roosevelt, teve como objetivo proporcionar alívio, recuperação e reforma à economia e sociedade americanas. A primeira fase do New Deal, de 1933 a 1934, incluiu programas e políticas importantes, como a Lei Bancária de Emergência, a Lei Nacional de Recuperação Industrial, a Lei de Ajuste Agrícola e o Corpo de Conservação Civil. Essas iniciativas visaram estabilizar a economia, criar emprego e apoiar os agricultores. A segunda fase do New Deal, de 1935 a 1938, enfatizou o estabelecimento da Lei da Segurança Social, da Lei Wagner, da Lei de Padrões Justos de Trabalho, da Lei de Habitação de 1937 e da Administração do Progresso de Obras. Essas medidas centraram-se no bem-estar social, nos direitos laborais e em projetos de obras públicas. O impacto mais amplo do New Deal na sociedade americana e na economia global foi inegável sobre a recuperação económica, a ascensão dos regimes totalitários na Europa e os efeitos duradouros dos programas do New Deal.

Ainda neste tema, foram abordadas as reflexões culturais e sociais da época. A influência da Grande Depressão na literatura e nas artes foi notória em diversos autores como John Steinbeck e William Faulkner e nas suas obras que refletiram as lutas da época. Também a música refletiu a crise, em temas como "Brother, Can You Spare a Dime?" e "Dust Bowl Ballads" (escutadas e interpretadas em contexto de aula). No âmbito da sétima arte, foram realizados filmes sobre a Grande Depressão, o que demonstrou como o cinema serviu tanto de reflexo como de fuga à dura realidade do período.

Por último, foi importante analisar as perspetivas económicas de longo prazo, fazendo referência à natureza cíclica das economias e a dados históricos e teorias sobre os ciclos económicos. Esta visão forneceu uma visão sobre a forma como as lições da Grande Depressão e do New Deal puderam informar as políticas económicas contemporâneas e as respostas às crises.

Fotografia 1: "Mãe Migrante" de Dorothea Lange (1936)



Figura 4. Migrant Mother, tirada por Dorothea Lange em 1936.

A primeira fotografia foi a icónica "Mãe Migrante", tirada por Dorothea Lange, em 1936. Esta retratou Florence Owens Thompson (uma apanhadora de ervilhas da Califórnia) com os seus filhos, durante a Grande Depressão.

Esta fotografia foi tirada no âmbito do trabalho de Lange para a Farm Security Administration (FSA), que teve como objetivo documentar a situação dos agricultores americanos e os efeitos da Grande Depressão. A imagem tornou-se um símbolo das dificuldades enfrentadas por inúmeras famílias americanas durante este período.

A fotografia captou o desespero e a determinação nos olhos de Thompson, refletindo as dificuldades mais amplas de muitos americanos. Os seus filhos aproximaram-se dela, em busca de conforto e proteção, enfatizando a vulnerabilidade da unidade familiar durante estes tempos difíceis.

A análise desta fotografia ajuda os alunos a ter empatia com o sofrimento humano causado pela Grande Depressão. Fornece ainda informação sobre o papel da fotografia documental na sensibilização do público e na influência das políticas governamentais, mostrando o poder dos meios de comunicação visual na formação de narrativas históricas.

Fotografia 2: Fila para a sopa durante a Grande Depressão

A segunda fotografia mostrou uma fila de homens desempregados à espera de comida à porta de uma cozinha comunitária durante a Grande Depressão. Esta imagem foi representativa da pobreza e do desemprego generalizados que caracterizaram a época.

As filas para sopa e os refeitórios sociais tornaram-se comuns durante a Grande Depressão, à medida que milhões de americanos perderam os seus empregos e as suas poupanças. Organizações de caridade e agências governamentais criaram esses centros de distribuição de alimentos para prestar auxílio aos necessitados.

A fotografia ilustrou claramente a extensão da crise económica e o seu impacto nas pessoas comuns. Os homens que se encontravam na situação de pobreza, muitos dos quais



Figura 5. Sopa gratuita distribuída pela Cozinha de Sopa do Exército da Salvação em 1934

estavam anteriormente empregados, enfrentavam agora circunstâncias terríveis e dependiam da assistência pública para o seu sustento básico.

Esta imagem forneceu uma representação visual da disparidade económica e do deslocamento social causados pela Grande Depressão. Promoveu

debates sobre as falhas do sistema económico e a necessidade de redes de segurança social, bem como sobre as respostas das comunidades e do governo às dificuldades generalizadas.

Tema 2: A Guerra Fria

A Guerra Fria foi um período de tensão geopolítica entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que durou aproximadamente de 1947 a 1991. Caracterizou-se por um confronto ideológico entre o capitalismo, liderado pelos EUA, e o comunismo, liderado pela URSS. A competição manifestou-se em diversas áreas, incluindo influência militar, tecnológica (corrida espacial), económica e geopolítica, sem conflito militar direto entre as superpotências, mas com guerras por procuração em diversas regiões.

As raízes da Guerra Fria remontaram à era pós-Segunda Guerra Mundial, quando surgiu um vazio de poder que tanto os EUA como a URSS procuraram preencher, levando a conflitos de interesses geopolíticos opostos. As diferenças ideológicas desempenharam um papel crucial, com os EUA a defenderem a liberdade económica, a propriedade privada e a democracia liberal, enquanto a URSS promoveu a propriedade estatal da produção, a abolição da propriedade privada e um Estado de partido único.

Conferências importantes como Ialta e Potsdam prepararam o terreno para as tensões do pós-guerra. A Conferência de Ialta, realizada em fevereiro de 1945, teve como objetivo estabelecer uma ordem pós-guerra, abordar a reorganização da Europa devastada pela guerra e resolver questões relacionadas com a Polónia. As principais decisões incluíram a divisão da Alemanha em zonas de ocupação e o estabelecimento das Nações Unidas. A Conferência de Potsdam, em meados de 1945, centrou-se na negociação do fim da Segunda Guerra Mundial, no estabelecimento de fronteiras pós-guerra na Europa e na gestão da ocupação da Alemanha derrotada, incluindo princípios de desmilitarização, “desnazificação”, democratização e descentralização.

O termo "Cortina de Ferro", tornado famoso por Winston Churchill num discurso de 1946, simbolizou a divisão da Europa em dois blocos: o capitalista a ocidente; e o comunista na parte oriental. A influência dos EUA expandiu-se através de políticas como a Doutrina Truman, que visou conter o comunismo apoiando países por ele ameaçados, especialmente a Grécia e a Turquia. O Plano Marshall forneceu uma ajuda financeira significativa para a reconstrução das economias europeias, promovendo a produção industrial e a cooperação económica para contrariar a influência comunista.

Em resposta, a URSS desenvolveu o seu próprio programa económico, o Plano Molotov, mais tarde institucionalizado como Conselho de Assistência Económica Mútua (COMECON) para apoiar o desenvolvimento económico e a integração dentro do Bloco de Leste e proteger contra a penetração económica ocidental.

A Alemanha tornou-se um ponto focal das tensões da Guerra Fria. O plano dos Aliados Ocidentais de estabelecer a República Federal da Alemanha (RFA) levou ao bloqueio soviético de Berlim em 1948, que foi combatido pela Ponte Aérea de Berlim dos Aliados Ocidentais para abastecer a cidade. O eventual levantamento do bloqueio em 1949 resultou no estabelecimento formal da República Democrática Alemã (RDA) na zona controlada pelos soviéticos.

A Guerra Fria assistiu à formação de alianças militares opostas. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), criada em 1949, simbolizou a defesa coletiva do bloco ocidental contra a ameaça soviética. Em contraste, o Pacto de Varsóvia, estabelecido em 1955, uniu a URSS e os seus satélites da Europa de Leste numa aliança militar. As tensões

aumentaram ainda mais com a Guerra da Coreia (1950-1953), onde a península coreana se dividiu no Norte comunista apoiado pela URSS e no Sul capitalista apoiado pelos EUA, levando a um conflito brutal com implicações globais.

A Guerra Fria atingiu um novo auge com a construção do Muro de Berlim em 1961, separando física e ideologicamente Berlim Oriental e Ocidental. Esta barreira tornou-se o símbolo mais tangível da Guerra Fria, representando a forte divisão entre os mundos comunista e capitalista.

Ao longo da Guerra Fria, várias crises, políticas e alianças moldaram o panorama global, influenciando profundamente as relações internacionais e a ordem política do século XX. O período terminou com a dissolução da URSS em 1991, marcando a conclusão do conflito ideológico que dominou o panorama global durante mais de quatro décadas.

Fotografia 1: "Sinews of Peace"



Figura 6. Winston Churchill a discursas em março de 1946, no Westminster College em Fulton, Missouri.

Esta fotografia captou Winston Churchill a proferir o seu famoso discurso "Sinews of Peace", também conhecido como "Discurso da Cortina de Ferro", a 5 de março de 1946, no Westminister College, em Fulton, Missouri.

Este discurso marcou o início da Guerra Fria, uma vez que Churchill alertou para a divisão da Europa e para a expansão da influência soviética. Foi um dos primeiros reconhecimentos públicos por parte de um líder ocidental do conflito geopolítico emergente entre a União Soviética e os Aliados Ocidentais. O discurso destacou a necessidade de unidade e força entre as democracias ocidentais para combater a propagação do comunismo.

A fotografia serviu como um poderoso símbolo de determinação e previsão. Churchill, tendo liderado a Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial, era agora um arauto da nova luta ideológica. O seu apelo a uma parceria forte entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha enfatizou a importância da cooperação na preservação da paz e da democracia.

Esta imagem forneceu uma referência visual para um dos momentos cruciais da história do século XX. Permitiu aos alunos compreender os primeiros sentimentos e considerações estratégicas que moldaram a Guerra Fria. A fotografia sublinhou também o papel dos líderes influentes no enquadramento e na resposta aos desafios globais.

Fotografia 2: Construção do Muro de Berlim (1961)



Figura 7. Operário trabalha na construção do Muro de Berlim, autor desconhecido

A primeira fotografia captou soldados e trabalhadores da Alemanha de Leste a construir o Muro de Berlim em agosto de 1961. Esta imagem retratou as fases iniciais da construção do muro, com arame farpado e lajes de betão a serem colocadas sob forte vigilância.

O Muro de Berlim foi uma manifestação física da Cortina de Ferro, simbolizando a divisão entre Berlim Oriental e Ocidental e, por extensão, a divisão ideológica entre o Bloco de Leste comunista e o Bloco de Oeste capitalista. A sua construção começou a 13 de agosto de 1961, para evitar que os alemães de Leste fugissem para Berlim Ocidental.

A fotografia ilustrou poderosamente a divisão abrupta e gritante imposta à cidade de Berlim. Destacou até onde iria o governo da Alemanha de Leste para impedir o êxodo dos seus cidadãos e manter o controlo.

A análise desta fotografia ajudou os alunos a compreender o impacto humano e político da Guerra Fria. Forneceu um exemplo tangível de como as tensões geopolíticas afetaram a vida das pessoas comuns e conduziram a barreiras físicas e ideológicas significativas.

Tema 3: A Questão Colonial em Portugal

A questão colonial em Portugal, que durou de 1951 a 1974, foi significativamente influenciada pela onda de descolonização em toda a Europa. À medida que os valores da igualdade entre os povos e do direito à autodeterminação ganharam relevo, Portugal, sob o regime de Salazar, resistiu à descolonização, isolando-se do resto da Europa. Esta resistência conduziu a uma revisão da retórica imperialista, passando do “Império Português” para os territórios “ultramarinos portugueses”, influenciada ideologicamente pelo conceito de luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, que retratou a colonização portuguesa como não opressiva e evangelizadora.

O desenvolvimento económico nas colónias assistiu a investimentos significativos em infraestruturas, agricultura, indústria e um aumento da população branca. Isto foi particularmente evidente em Angola, onde o desenvolvimento económico se intensificou com o início da Guerra Colonial. Apesar desses esforços, a pressão internacional, a ascensão dos movimentos de descolonização e a posição estática do governo português levaram ao conflito armado.

A guerra colonial teve início em Angola em 1961, marcada pelos ataques do MPLA e da UPA. O conflito alastrou à Guiné-Bissau em 1963 e a Moçambique em 1964, criando um ambiente de guerra de guerrilha em todos os territórios. Estas guerras mobilizaram uma parte significativa da população portuguesa, resultando em milhares de vítimas e muitos mais feridos.

Líderes nacionalistas proeminentes como Amílcar Cabral (PAIGC, Guiné), Agostinho Neto (MPLA, Angola) e Eduardo Mondlane (FRELIMO, Moçambique) lideraram os movimentos independentistas. Os seus esforços estiveram alinhados com princípios mais amplos de

autodeterminação, igualdade e libertação, muitas vezes em ressonância com os valores marxistas.

O isolamento internacional de Portugal cresceu à medida que as Nações Unidas condenaram as suas políticas coloniais, culminando em resoluções que criticaram o governo português e o excluíram de vários órgãos da ONU. Os Estados Unidos, sob a presidência de Kennedy, retiraram o apoio, acreditando que a guerra prolongada favorecia os interesses soviéticos. O reconhecimento dos líderes independentes por figuras como o Papa Paulo VI realçou ainda mais o isolamento diplomático de Portugal.

A postura desafiadora de Salazar, resumida em frases como “Portugal não está à venda” e “A pátria não se discute”, simbolizou o orgulho do regime pelo seu isolamento. No entanto, a pressão financeira da guerra contínua e a crescente oposição interna acabaram por contribuir para o declínio do governo de Salazar.

Fotografia 1: Imagens da Guerra Colonial



Figura 8. Soldados em jangada a atravessar um rio durante a Guerra Colonial, arquivos RTP

Esta fotografia representou um momento da Guerra Colonial Portuguesa, mostrando soldados numa jangada a navegar por um rio num ambiente tropical.

A fotografia simbolizou a dura realidade da guerra de guerrilha. Os soldados, fortemente carregados e navegando por terrenos desafiantes, personificaram a determinação e a resiliência tanto dos militares portugueses como dos movimentos de resistência colonial. O cenário tropical realçou as difíceis condições ambientais que ambos os lados tiveram de suportar.

Esta imagem forneceu um ponto de entrada visual para a compreensão das complexidades da Guerra Colonial Portuguesa. Ilustrou as táticas utilizadas, como as operações ribeirinhas, e as lutas quotidianas enfrentadas pelos soldados. A fotografia pode ajudar os alunos a compreender as implicações mais amplas do colonialismo, a luta pela independência e o eventual impacto tanto nos colonizadores como nas regiões colonizadas.

Fotografia 2: Retrato de Amílcar Cabral



Figura 9. Retrato de Amílcar Cabral, autor desconhecido

Esta imagem retrata Amílcar Cabral como um retrato de liderança, simbolizando a resistência organizada contra o domínio colonial português. Amílcar Cabral foi uma figura-chave no movimento de descolonização na Guiné-Bissau e em Cabo Verde. A sua liderança e visão estratégica foram fundamentais para galvanizar o apoio à causa da independência e travar uma guerra de guerrilha eficaz contra as forças portuguesas.

A fotografia simbolizou a força e a determinação dos movimentos anticolonialistas. Destacou a solidariedade entre os combatentes pela liberdade e o seu empenho em alcançar a autodeterminação e a libertação da opressão colonial.

Esta imagem forneceu um ponto focal para discussões sobre liderança, resistência e o contexto mais amplo do movimento de descolonização global. Permitiu aos alunos apreciar as complexidades da luta pela independência e os sacrifícios pessoais feitos por líderes como Cabral.

Fotografia 3: A ligação com o pessoal

A terceira fotografia que analisei aqui, também apresentada nas aulas lecionadas, não foi uma fotografia histórica, mas da minha história pessoal. A escolha desta inserção foi, exatamente, demonstrar a ligação que podemos ter à História mesmo décadas depois. O contexto de aplicação no tema relacionou-se com a temática do armamento utilizado na guerra do ultramar.



Figura 10. Grumete da escola de fuzileiros, 2009

Esta fotografia, tirada em 2009, na Escola de Fuzileiros, retratou-me quando estava prestes a iniciar uma aula sobre armamento militar, focada principalmente em armas automáticas. É uma imagem que capturou o momento antes da entrada do Sargento Professor na sala de aula, depois de uma noite inteira a encerar o chão e a lavar casas de banho com uma escova de dentes. Apesar do cansaço extremo, refletido na minha face e corpo exausto, o espírito estava mais motivado do que nunca. A expressão na minha cara, cuidadosamente composta para esconder o cansaço inerente ao curso militar, foi emblemática da determinação e do espírito de superação que nos era exigido. Este momento encapsulou a essência do que significava estar dentro daquele espaço físico – a capacidade de enfrentar e superar adversidades com coragem e um sorriso no rosto, mesmo quando o corpo estava no seu limite.

Escolhi esta fotografia pela importância que ela teve a nível pessoal. Foi uma imagem que evocou uma torrente de memórias e me lembrou do desenvolvimento pessoal e profissional que obtive durante esse tempo e na evolução até aos dias de hoje. Esta foi uma altura desgastante, mas imensamente gratificante, representando a experiência mais agri-doce que alguma vez vivi.

Naquela época, a vida na Escola de Fuzileiros foi uma combinação intensa de disciplina rigorosa, treino físico extenuante e um ambiente de camaradagem que moldou o nosso caráter e resiliência. As noites passadas em atividades físicas mais intensas, exercícios de prontidão, caminhadas ou até de manutenção dos espaços foram, agora, lembradas com uma certa nostalgia. Cada tarefa, por mais trivial ou desmotivante que parecesse na altura, foi uma

lição de humildade, perseverança e atenção ao detalhe, a uma realidade que não experienciamos no quotidiano antes de nos alistarmos. Esta fotografia foi um testemunho silencioso dessas lições.

Olhar para esta fotografia trouxe-me um misto de orgulho, nostalgia e saudade. Orgulho, por ter conseguido superar os desafios e me tornar a pessoa que sou hoje e que, certamente, culminou, inclusive, na entrega deste relatório; nostalgia, pelas memórias dos momentos partilhados com os camaradas, fosse da minha turma ou outrem, fossem os cabos, sargentos, ou até os meus oficiais; e saudade, por aqueles tempos em que, apesar de tudo, nos sentíamos invencíveis. Esta imagem foi um memorando poderoso de que, embora o tempo passasse e as circunstâncias mudassem, as lições aprendidas e as amizades formadas durante esses dias permaneceram inabaláveis.

Concluí, então, que a escolha desta fotografia para o meu relatório de estágio não foi apenas um tributo à minha jornada pessoal, mas também uma reflexão sobre como a história pessoal e coletiva se entrelaçam. A ligação com a história, mesmo décadas depois, foi fortalecida por estas experiências pessoais que nos moldaram e nos conectaram aos eventos do passado de uma forma única e indelével.

4.3 Workshop de Fotografia

No âmbito do estágio e do estudo aqui apresentado, foi delineada a criação de um workshop de fotografia opcional para os alunos. A criação deste workshop como parte de um currículo de educação histórica foi uma abordagem estratégica para melhorar a compreensão e o envolvimento dos alunos com o conteúdo histórico. A fotografia, enquanto ferramenta educativa, ofereceu benefícios únicos na literacia visual, no pensamento crítico e na ligação emocional com acontecimentos históricos, conforme anteriormente mencionado. O “Workshop Fotografia” foi concebido para proporcionar aos alunos as competências técnicas e criativas necessárias para utilizarem a fotografia no seu dia a dia e compreenderem todas as dimensões que envolveram a criação fotográfica de forma prática.

A integração de um workshop de fotografia alinou-se com o foco do relatório de estágio na utilização dos recursos fotográficos no ensino da História. Enfatizou o papel da fotografia não só como meio de documentar acontecimentos históricos, mas também como

um meio poderoso de expressão pessoal e narrativa. Ao dotar os alunos de competências fotográficas, o workshop pretendeu aprofundar a sua apreciação pelos meios visuais e o seu impacto na compreensão histórica.

O workshop foi lecionado no dia dezanove de março de dois mil e quatorze, das 14h às 17h. As turmas componentes deste trabalho de estágio, 12.ºA e 12.ºC, foram convidadas a participar, assim como outra turma fora do âmbito do estágio, o 12.ºB. Não sendo de carácter obrigatório, a participação foi inteiramente voluntária, e o workshop cobriu uma gama abrangente de temas, proporcionando conhecimentos teóricos e competências práticas englobados em seis grandes grupos. Os materiais e conteúdo foram desenvolvidos por mim, seja a componente teórica, prática ou o formato da apresentação, com base nos vários cursos certificados que obtive no passado sobre fotografia.

Os principais tópicos incluídos foram:

1. Noções básicas de fotografia:

- Compreender a fotografia como arte, ciência e prática de criação de imagens duradouras.
- Explorar a evolução da fotografia desde o século XIX até à era digital.

2. Competências Técnicas:

- Triângulo de Exposição: Dominar a interação entre a abertura, a velocidade do obturador e o ISO para controlar a exposição e criar os efeitos fotográficos desejados.
- Abertura – Impacto na entrada de luz e na profundidade de campo.
- Velocidade do obturador – Efeito do movimento e nitidez da imagem.
- ISO – Ajustar a sensibilidade à luz para diferentes condições de iluminação.
- Composição – técnicas para organizar elementos dentro do enquadramento para criar imagens visualmente apelativas e significativas.
- Regra dos Terços – Dividir a imagem numa grelha 3x3 para equilibrar a composição.
- Linhas principais – utilização de linhas para guiar o olhar do espectador até ao assunto principal.
- Perspetiva – Alteração de ângulos para alterar a perceção do sujeito.
- Proporção Áurea e Espaço Negativo – Utilização de proporções naturais e espaço vazio para melhorar a composição.

3. Expressão Criativa:

- Utilização de técnicas fotográficas para transmitir histórias e evocar emoções.
- Explorar diversos géneros como o retrato, a paisagem, o fotojornalismo, a fotografia de rua, o desporto e a fotografia de natureza.

4. Noções básicas de pós-processamento, técnicas de edição. Introdução à edição básica de fotografias para melhorar imagens e transmitir mensagens específicas.

5. Fotografia com *smartphone*:

- Utilização das funcionalidades de *smartphone* como os modos HDR, panorama e retrato para imagens de alta qualidade.
- Definições manuais como ajuste do ISO, velocidade do obturador e focagem para maior controlo.

6. Formatos e tipos de ficheiro. Compreender os formatos digitais – Diferenças entre os formatos RAW e comprimidos (JPEG, PNG, TIFF etc.), as suas vantagens e melhores casos de utilização.

Os principais objetivos deste workshop foram melhorar a literacia visual dos alunos, promover a expressão criativa e melhorar as suas competências técnicas de fotografia. Os objetivos específicos incluíram:

1. Desenvolver proficiência técnica:

- Dotar os alunos de conhecimentos para controlar a exposição, composição e iluminação nas suas fotografias.
- Proporcionar experiência prática com câmaras tradicionais e smartphones.

2. Promover o pensamento crítico e a criatividade:

- Incentivar os alunos a pensar criticamente sobre a informação visual apresentada nas fotografias.
- Fomentar a criatividade na composição e edição de imagens para transmitir mensagens ou emoções específicas.
- Permitir aos alunos documentar momentos de significado pessoal e histórico.

- Promover a utilização da fotografia como meio de expressão pessoal e de documentação histórica.

Este workshop de fotografia foi parte integrante do estágio, pois proporcionou aos alunos competências valiosas para o seu desenvolvimento pessoal que complementaram o estudo de história. Ao aprender a captar e interpretar imagens, os alunos puderam apreciar melhor o papel da fotografia na documentação e compreensão de acontecimentos históricos. Este workshop não só se alinhou com o enquadramento teórico do relatório de estágio, como também melhorou a experiência educativa global, promovendo uma ligação mais profunda entre os alunos e a disciplina.

Lecionar este workshop de fotografia foi uma experiência profundamente gratificante e emocionalmente rica. Desde o momento em que propus o workshop, durante a sua conceptualização, a criação de conteúdo, a verificação de todas as quinze diferentes máquinas fotográficas que levei para a sala de aula, assim como o drone, até ao momento em que os alunos começaram a chegar, pude sentir a curiosidade e a antecipação no ar. Muitos deles nunca tinham tido a oportunidade de explorar a fotografia de maneira tão estruturada e detalhada e com uma grande diversidade de *hardware*. Ver os olhos de alguns alunos empolgados de interesse e já cheios de questões, ainda antes de começar a explicar os princípios básicos da fotografia, foi gratificante. E, claro, enquanto também partilhava histórias de momentos históricos capturados em filme (película), foi incrivelmente motivador.

Ao longo do workshop, houve momentos que me marcaram – um deles foi quando discutimos a composição e a regra dos terços. Ver os alunos pegarem nas câmaras e experimentarem, tirando fotos dos colegas e do ambiente ao seu redor, trouxe um sentido de realização. Aquele momento em que um aluno percebeu a diferença que uma boa composição pode fazer numa fotografia foi impagável. Foi como ver uma faísca de criatividade a ser acesa.

A aula sobre o triângulo de exposição, que muitos acham complicada, transformou-se numa oportunidade para mim de ver a resiliência e a determinação dos alunos em entender e aplicar conceitos técnicos. A sua dedicação e entusiasmo em aprender a controlar a abertura, a velocidade do obturador e o ISO para criar os efeitos fotográficos desejados, demonstraram-me o poder da motivação quando se ensinou com paixão.

Além do lado técnico, foi igualmente inspirador observar a evolução dos alunos na expressão criativa. Quando passamos a explorar diversos géneros de fotografia, como o retrato, a paisagem e o fotojornalismo, os alunos começaram a ver a fotografia não apenas como uma técnica, mas como uma forma de arte e expressão pessoal. As discussões que se seguiram às atividades práticas foram repletas de insights e reflexões, mostrando que os alunos absorveram e internalizaram o que estavam a aprender.

Um dos momentos mais emocionantes foi durante a sessão de análise e reflexão das suas próprias fotografias. Cada aluno escolheu uma fotografia que capturou durante o workshop e explicou o porquê da sua escolha. As histórias e as emoções que partilharam foram um testemunho do impacto profundo que a fotografia pode ter como meio de expressão pessoal. Ouvir as suas interpretações e as ligações emocionais que fizeram com as suas próprias imagens foi um momento de enorme orgulho para mim como professor.

O culminar do workshop, quando os alunos apresentaram as suas fotografias editadas e finalizadas, foi um momento de celebração e de reconhecimento do seu esforço e criatividade. Ver o progresso de cada aluno, desde as suas primeiras tentativas até às suas imagens finais, foi profundamente gratificante. Este workshop não só proporcionou aos alunos competências valiosas, mas também me permitiu crescer enquanto educador, reforçando a minha crença no poder transformador da educação.

Dar este workshop foi uma experiência que jamais esquecerei. A ligação criada com os alunos, a paixão partilhada pela fotografia e o impacto visível no seu desenvolvimento pessoal e académico foram uma recompensa imensa. Este workshop não só se alinou com o enquadramento teórico do relatório de estágio, como também melhorou a experiência educativa global, promovendo uma ligação mais profunda entre os alunos e a disciplina de história.

4.4 Exercício 1 – A Fotografia que Fala

A integração da fotografia no ensino de história ofereceu uma oportunidade única para melhorar o pensamento crítico, a literacia visual e o envolvimento dos alunos com o conteúdo histórico. O exercício “A Fotografia Que Fala” (enunciado disponível no anexo A) foi elaborado com o intuito de potenciar estes benefícios, incentivando os alunos a envolverem-se

ativamente com as fotografias históricas. Esta atividade não só auxiliou na compreensão dos acontecimentos históricos, como também promoveu uma ligação mais profunda entre os alunos e a matéria.

A decisão de criar este exercício partiu do quadro teórico que sustentou a utilização da fotografia como ferramenta pedagógica. Partindo de perspetivas sobre a ontologia e a semântica da fotografia, discutidas por teóricos como André Bazin e Roland Barthes, o exercício pretendeu elucidar a relação entre a fotografia e a realidade. Procurou demonstrar como as fotografias funcionam como documentos poderosos que captam momentos no tempo, oferecendo insights sobre contextos históricos e perceções culturais.

O principal objetivo deste exercício foi desenvolver nos alunos capacidades analíticas e interpretativas, utilizando a fotografia como meio de exploração e compreensão de temas históricos. Este exercício foi estruturado de forma a atingir os seguintes objetivos específicos:

- Melhorar a literacia visual – Ao analisar fotografias históricas, os alunos aprendem a interpretar dados visuais, compreendendo as nuances de contexto, conteúdo e perspetiva. Esta capacidade é essencial num mundo onde a média visual é cada vez mais predominante.
- Promover o pensamento crítico – O exercício incentiva os alunos a irem além da superfície de uma imagem, considerando o seu significado histórico, a intenção do fotógrafo e as implicações socioculturais mais amplas. Este exame crítico promove uma compreensão mais profunda das narrativas históricas.
- Incentivar o envolvimento emocional e intelectual – As fotografias podem evocar fortes respostas emocionais, tornando a história mais tangível e compreensível para os alunos. Este envolvimento pode aumentar a retenção da memória e o interesse pelo estudo histórico.
- Apoiar as teorias construtivistas e de aprendizagem visual – O exercício está alinhado com os princípios de aprendizagem construtivista, permitindo aos alunos construir a sua própria compreensão dos acontecimentos históricos através de uma pesquisa e interpretação ativas. Também apoia as teorias de aprendizagem visual, fornecendo uma representação visual tangível de conceitos históricos abstratos.

O exercício requereu que os alunos selecionassem uma fotografia relacionada com um tema abordado na aula. O processo de seleção de uma fotografia e execução do exercício envolveu várias etapas:

1. Pesquisa – Os alunos realizaram pesquisas na Internet para encontrar uma fotografia que tivesse repercussões nos temas abordados nas aulas. Esta etapa incentivou as competências de investigação independente e a capacidade de discernir fontes credíveis.
2. Seleção – Os alunos escolheram uma fotografia que consideraram captar um aspeto significativo do tema. Este processo de seleção pessoal foi concebido para promover um sentimento de propriedade e ligação pessoal com o material histórico.
3. Análise e Reflexão – Os alunos escreveram um parágrafo de 250 palavras descrevendo a fotografia, explicando a sua escolha e refletindo sobre a sua relevância para o tema. Este exercício exigiu que articulassem os seus pensamentos de forma clara e concisa, desenvolvendo as suas capacidades de comunicação escrita.
4. Submissão – O trabalho final, incluindo a fotografia e a análise escrita, foi submetido em formato PDF.

As diversas submissões demonstraram a ligação que os alunos foram capazes de criar com eventos históricos, comprovando a hipótese colocada nesta investigação sobre o valor da utilização da fotografia na sala de aula para compreensão e eficácia de aprendizagem.

A maioria dos alunos selecionou temas fraturantes e com representações de sofrimento, nomeadamente uma grande parte relacionada com a Segunda Guerra Mundial. O segundo tema mais escolhido relacionou-se com a Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974, destacando o poder de libertação e o significado que este acontecimento teve e continua a ter para o nosso país. Como exemplo, podemos destacar alguns dos trabalhos partilhados:

A representação da Segunda Guerra Mundial vista pelos alunos:

“Dizem que uma imagem pode valer mais que mil palavras, e esta é um verdadeiro exemplo disso. Nesta imagem, podemos contemplar uma das inúmeras cidades devastadas pela Segunda Guerra Mundial. As casas desmoronadas, as ruas arrasadas e as vidas perdidas das pessoas. Com sessenta milhões de vidas perdidas, a Segunda Guerra Mundial superou, em

termos de mortalidade, qualquer conflito anterior, convidando-nos a uma reflexão sobre os profundos 'custos da guerra'. Essa devastação não ficou pelas estruturas físicas das cidades, mas também deixou cicatrizes emocionais nos sobreviventes. Famílias despedaçadas, comunidades deslocadas e gerações futuras afetadas pelas memórias e traumas da guerra. Além disso, a



Figura 11. Cidade dizimada pela Segunda Guerra Mundial, autor desconhecido

Segunda Guerra Mundial trouxe à tona a destruição numa escala sem precedentes, levando à compreensão de que a guerra não é apenas uma questão de números e estatísticas, mas sim uma tragédia humana desmedida. Portanto, ao refletirmos sobre os "custos da guerra", somos confrontados com o impacto duradouro que a guerra tem nos indivíduos, famílias e sociedades como um todo. Essa reflexão faz nos procurar alternativas para resolver conflitos e a valorizar a paz e diplomacia como instrumentos essenciais para a construção de um mundo mais justo e harmonioso.” Aluno 1



“Esta foto retrata o momento em que Joseph Goebbels descobre que o seu fotógrafo é Judeu. No regime nazi, a propaganda foi um dos meios mais eficazes de disseminação de ideais, e o ministro da propaganda alemão era Joseph Goebbels, o homem na foto. Eu escolhi esta foto pois nela estão subentendidos vários conhecimentos que aprendemos em história A como, o antissemitismo alemão e o ódio que os alemães tinham a outras raças que consideravam inferiores, principalmente os judeus.” Aluno 2

Figura 12. Ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebbels, olha furioso para o fotógrafo Alfred Eisenstaedt no jardim do Carlton Hotel durante uma conferência da Sociedade das Nações, Genebra, setembro de 1933

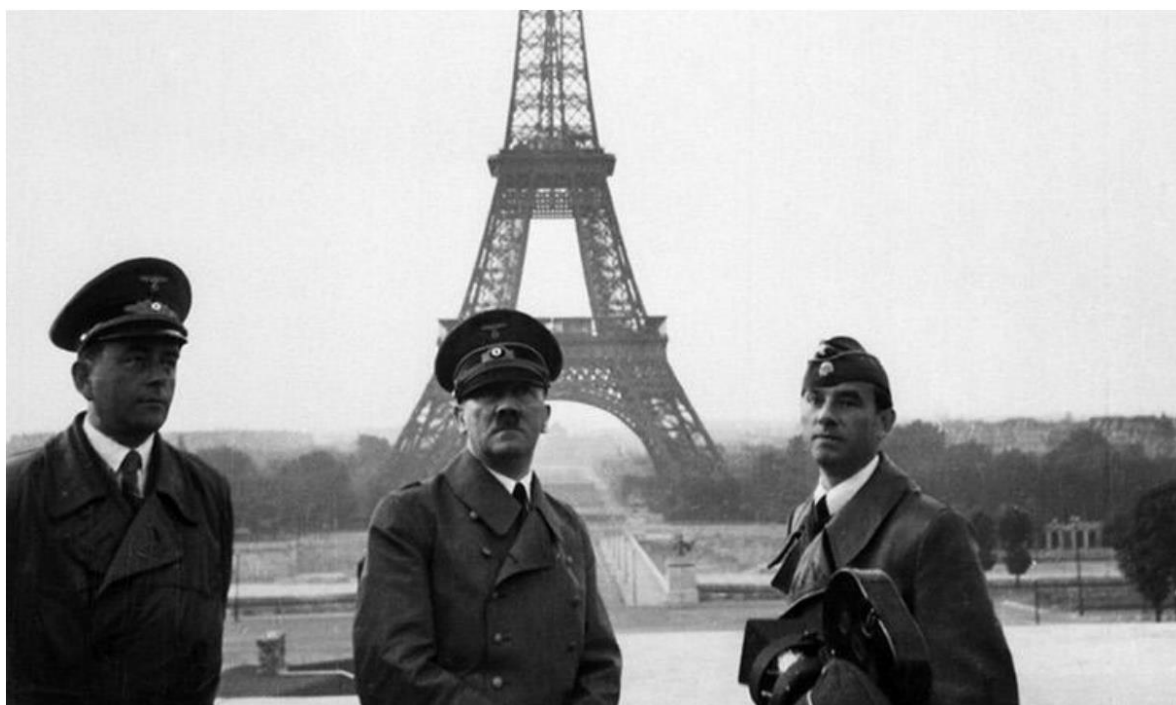


Figura 13. Hitler, Speer e Breker em Paris, 23 de junho de 1940, autor desconhecido

“Nesta imagem nós podemos observar Hitler e os seus oficiais à frente da Torre Eiffel, após a conquista de Paris. Eu escolhi esta imagem pois apesar de muito triste este período da história é um dos meus favoritos de estudar, esta fotografia sempre me deixou intrigada desde que vi pela primeira vez numa aula de história. A princípio

este momento parece completamente normal, até que se sabe a real história deste acontecimento. Hitler estava a pousar a frente da Torre Eiffel no dia 23 de junho de 1940, ou seja, um dia após o armistício franco-alemão, em que os alemães dividiram a França em 2, a conquistada pelos alemães (norte) e a não conquistada (sul). Ou seja, esta fotografia foi uma demonstração de poder que ele teria sobre os outros povos.

Eu acho que esta fotografia é muito importante para o desenvolvimento das aulas de história pois ao meu ver nós realmente só sentimos o impacto das coisas a assisti-las, nunca é a mesma coisa só falar oralmente sobre o assunto é necessário a parte oral, mas com os vídeos e fotografias a acompanhar porque é só aí que realmente percebemos o impacto que a situação teve na época.” Aluno 3

Reflexão do aluno 4 sobre a temática do 25 de Abril:



Figura 14. Soldado do MFA retira quadro de Salazar, Eduardo Gageiro

“Na fotografia que escolhi para este trabalho podemos ver um soldado pertencente ao Movimento das Forças Armadas, MFA, a retirar da parede de uma sede da PIDE/DGS um quadro de António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Ministros do Estado Novo desde a sua formação até 1968 e principal rosto do tempo de ditadura em que Portugal permaneceu durante 41 anos. Decidi escolher esta fotografia, porque representa muito bem o que foi feito no dia 25 de abril de 1974. O MFA, na imagem representado pelo soldado, revoltou-se de forma pacífica contra o regime opressor que era o Estado Novo, representado por Salazar, derrubando-o, “tirando-o da parede” para dar lugar a “um quadro” novo e melhor. Sempre que vejo esta foto começo a sentir uma sensação de liberdade. A mesma sensação que sinto quando vejo imagens, histórias, ou quando simplesmente me lembro da Revolução dos Cravos. Esta imagem simboliza o fim de algo velho e obsoleto para dar início a algo renovado, onde todos temos o direito de escolher o que é melhor para o nosso país e, acima de tudo, para a nossa vida. A isto se chama Democracia. E esta imagem é brilhante a representar o início da Democracia no nosso país.” Aluno

4

Um dos trabalhos que merece destaque pela qualidade da reflexão realizada pela aluna 5. O tema selecionado é mais atual do que histórico, mas é a história a acontecer no presente, o que permite uma maior empatia com os acontecimentos e vítimas da atualidade e do passado.



Figura 15. Uma mulher palestina abraça o corpo da sobrinha, 2019 por Mohammed Salem

““A Palestinian Women Embraces the Body of Her Niece” é mais do que apenas uma imagem. É uma porta de entrada para um mundo de histórias humanas dolorosas e emoções vívidas que transcendem fronteiras e diferenças culturais. Neste incidente, uma mulher palestina segurou o corpo sem vida da sua sobrinha com lágrimas nos olhos. Os seus braços envolveram a criança com uma mistura de desespero e amor, e os escombros que a cercavam testemunhavam a crueldade do conflito existente. O poder desta imagem nas aulas de história é enorme. Além de contar histórias, ele convida os alunos a explorarem as complexidades do conflito israelo-palestino (já abordado superficialmente nas aulas). Esta imagem reflete as vozes

silenciadas da guerra, um lembrete claro de que por de trás de cada estatística há uma perda de vidas, um sonho despedaçado e uma família dilacerada. O significado histórico desta imagem reside na sua capacidade de humanizar um conflito que muitas vezes é reduzido a fronteiras e negociações políticas. Expõe as cicatrizes invisíveis deixadas por décadas de guerra, vidas perdidas e esperanças destruídas. Ao mesmo tempo, propõe um sentido de urgência moral, incentivando os alunos a confrontar as questões éticas e políticas que estão presentes no conflito. Esta imagem é um apelo à ação, um apelo à empatia e uma exigência de justiça. Lembra-nos que mesmo nos momentos mais sombrios da história, a humanidade existe, pedindo por reconhecimento e salvação. Em última análise, esta imagem transcende o seu contexto específico e tornou-se um símbolo universal de resiliência, compaixão e busca pela paz eterna.” Aluno 5

Os trabalhos submetidos pelos alunos demonstram, tanto pelas suas escolhas de fotografias como pelas reflexões apresentadas, que o poder da imagem faz toda a diferença na capacidade de compreensão de um acontecimento histórico. Isso vai além dos factos, abrangendo as dimensões humanas e emocionais presentes. O propósito do ensino de História não é apenas a apresentação e memorização de factos, mas a compreensão da evolução humana e civilizacional, como cada decisão e cada ação têm uma consequência e uma correlação que impacta a experiência humana. Estas imagens e este exercício permitem que alunos com vidas, felizmente, seguras e protegidas, consigam pôr-se no lugar de alguém que viveu uma realidade completamente diferente.

4.5 Exercício 2 – Capturar a História

O exercício "Capturar a História" (enunciado disponível no anexo C) foi concebido para colmatar a lacuna entre o conhecimento teórico e a aplicação prática, proporcionando aos alunos a oportunidade de utilizar a fotografia como ferramenta de documentação e interpretação da história. Este exercício surgiu como uma extensão do workshop de fotografia mencionado anteriormente, com o objetivo de consolidar as competências aprendidas e aplicá-las num contexto do mundo real. Enfatiza o papel dos alunos como participantes ativos na história, capazes de captar e refletir sobre momentos significativos através das suas lentes.

A fotografia, enquanto ferramenta educativa, oferece uma forma única de envolver os alunos, permitindo-lhes documentar as suas histórias pessoais e coletivas. Ao captar imagens com significado histórico, os alunos não só aprendem a apreciar a importância dos acontecimentos, como também desenvolvem uma compreensão diferenciada de como a história é composta por grandes acontecimentos e marcos pessoais. Este exercício promove uma ligação mais profunda com a matéria e melhora a literacia visual, o pensamento crítico e o envolvimento emocional.

O principal objetivo de "Capturar a História" é capacitar os alunos a aplicarem as suas competências fotográficas na documentação de momentos que consideram historicamente significativos. Este exercício visa atingir vários objetivos específicos:

- Aplicar técnicas fotográficas – Incentiva os alunos a utilizar as técnicas aprendidas durante o workshop, como a composição, a iluminação e a perspetiva, para captar imagens de alta qualidade que transmitam uma mensagem ou emoção.
- Aumentar a consciência histórica – Ao selecionar eventos de importância histórica, pessoal ou da comunidade, os alunos obtêm uma compreensão mais profunda do que constitui um momento histórico, desde eventos públicos a marcos pessoais.
- Desenvolver competências analíticas e reflexivas – Escrever descrições para cada fotografia incentiva os alunos a articular os seus pensamentos, proporcionando contexto e reflexão pessoal sobre o significado do momento captado.
- Promover a criatividade e a expressão individual – Este exercício permite aos alunos expressarem as suas perspetivas individuais através da fotografia, destacando as suas interpretações únicas de significado histórico.

A implementação do exercício “Capturar a História” envolveu as seguintes etapas:

1. Seleção do Tema – Os alunos foram instruídos para escolher eventos que considerassem historicamente significativos, quer públicos, quer pessoais. Este processo de seleção encorajou-os a pensar criticamente sobre a natureza dos acontecimentos históricos e o seu impacto.
2. Fotografia – Utilizando as competências adquiridas durante o workshop, os alunos foram encarregues de tirar fotografias dos eventos escolhidos. Foram encorajados a serem criativos na sua abordagem, considerando a composição, o ângulo e a iluminação para documentar o momento de forma eficaz.
3. Descrição – Para cada fotografia, os alunos escreveram uma breve descrição que incluía:
 - a. O tema da fotografia.
 - b. A data e o local do evento.
 - c. O motivo da escolha deste momento para fotografar.
 - d. Como foram aplicadas as técnicas aprendidas no workshop.
 - e. O significado histórico ou pessoal do momento.
4. Envio – As fotografias e descrições preenchidas foram enviadas por e-mail. Os alunos foram lembrados de garantir a qualidade das suas imagens e a clareza das suas descrições escritas.

Resultados

Os resultados obtidos demonstram, não só, a aplicação dos conceitos lecionados, mas também revelam a ligação direta com o ensino histórico, pelo que os alunos utilizaram este exercício para eventos da sua história pessoal, da história da sua comunidade e até história nacional, numa evocação do passado, tendo através dessa tentativa sido capazes de se colocar no lugar de outrem.

Um dos melhores exemplos do impacto que a fotografia tem na perceção da História e empatia com o passado é-nos demonstrado pelo trabalho do aluno 6, que capta uma sala do Museu Militar do Porto e evoca o passado que retrata:



Figura 16. Museu Militar, 2024

Descrição da imagem pelo aluno:

“Nesta fotografia, decidi captar a essência de uma sala de interrogatório da PIDE. Foi fotografada no dia 2 de maio de 2024, no Museu Militar do Porto. Ao entrar na sala, senti um ambiente atormentador, daqueles que causam calafrios. Era uma sala escura, iluminada apenas por uma pequena janela. As próprias paredes pareciam contar histórias. Os objetos sobre a mesa intensificavam essa atmosfera angustiante e melancólica.

Havia lá uma cadeira preta, provavelmente onde os suspeitos se sentavam. Achei esse aspeto curioso e decidi colocar-me no lugar de um preso. Ao sentar-me, a perspetiva mudou completamente: passei de "turista" a "apreendida". A posição da cadeira, encostada a um canto da parede, fazia-me sentir diminuída em relação ao suposto inspetor, evocando um efeito sufocador. Foi por essa razão que quis captar este momento sombrio, demonstrando o que uma pessoa detida poderia enfrentar.

Para realçar a solidão, a brutalidade e a obscuridade do ambiente, reduzi a luminosidade ao tirar a fotografia e, posteriormente, editei a imagem diminuindo a exposição e as luzes fortes.

Esta imagem é uma das que simboliza a opressão sofrida pelo povo português durante o regime de Salazar e terá sempre um grande impacto para mim. É uma forma de recordar o passado, assegurando que futuras gerações não repitam tais experiências.”

Os efeitos de luz que o aluno indica aplicar, com o objetivo de enfatizar a emoção que pretende transmitir, foram lecionados no workshop de fotografia - os slides referentes a esta técnica podem ser consultados no Anexo G, páginas 147 a 150.

Por outro lado, alguns alunos utilizaram o conhecimento adquirido para fazer uma ligação ao passado e à história da sua própria família, como foi o caso do aluno 7. A coleção de fotografias tiradas após o workshop retrata vários elementos imbuídos de significado histórico para o fotógrafo.



Figura 17. Casa de Campo, 2024

“Nesta foto podemos ver a quinta dos meus bisavós, Quinta do Paço de Valadares. Tirei-a numa tarde de sábado, dia 21 de abril de 2024. Tarde essa que passei nesta quinta e onde decidi fotografar espaços nela que me trazem memórias de momentos incríveis que eu e os meus familiares passamos. Esta casa é extremamente importante para mim e para a minha família porque é um pedaço de história que temos o privilégio de ter como nosso. Esta casa, e todo o terreno à volta, foram comprados pelo meu tetravô no século XIX. Desde essa altura, várias gerações

passaram as suas infâncias neste local. Desde a minha trisavó, passando pelo meu bisavô, a minha avó, o meu pai e eu. Para além disso, esta quinta é como um ponto de encontro onde toda a família se pode reunir.

Nesta foto tentei utilizar as linhas de guia de modo a posicionar os assuntos na foto de uma forma mais simétrica. Assim, a parte da casa que aparenta ser uma espécie de quadrado ficou encaixada nas linhas de guia centrais.” Aluno 7



Figura 18. Sino rural, 2024

“Nesta foto tentei utilizar a regra dos terços ao colocar este sino da quinta dos meus bisavós na metade esquerda da foto. Este momento foi também fotografado no dia 21 de abril de 2024.

Este sino pode não ter grande interesse para as pessoas em geral, mas tem um certo valor sentimental para mim. Esta foi a campainha da casa dos meus bisavós durante muitos anos. Só há uns cinco anos é que foi instalada uma campainha elétrica. Por isso, quando estava em minha casa, que é praticamente a “porta ao lado” da quinta dos meus bisavós, conseguia perceber se estava alguém na casa deles. O que me dava uma sensação de segurança, porque sabia que estava sempre ali alguém se eu precisasse.” Aluno 7

O aluno supracitado refere duas técnicas de composição que auxiliam o focar no objetivo da imagem e do que pretende ser capturando, aumentando o valor estético da mesma. O Anexo G, que contém todo o conteúdo lecionado durante o workshop de fotografia, refere, especificamente, na página 136 a explicação de utilização de linhas guia para consolidar a simetria do objeto da fotografia. Nas páginas 134 e 135, ilustra-se a segunda técnica mencionada, dos três, que faz valer os atributos estéticos captados.

4.6 Análise do questionário

Compreender as percepções e experiências dos alunos é crucial para avaliar a eficácia das metodologias educativas. Para esse efeito, foi partilhado um inquérito (anexo E) com os alunos através de *Google Forms* para recolher as suas opiniões. Este feedback é essencial para avaliar se a integração dos recursos fotográficos alcançou os resultados pedagógicos desejados e para identificar áreas de melhoria. A investigação visa medir o impacto das ferramentas fotográficas na compreensão e envolvimento dos alunos com o conteúdo histórico. Ao analisar as respostas dos alunos, o inquérito fornece dados valiosos que podem informar as futuras estratégias de ensino e apoiar o refinamento contínuo das práticas educativas.

A utilização da fotografia no ensino da História, como discutido no relatório de estágio, serve múltiplos propósitos: melhorar a literacia visual, promover o pensamento crítico e tornar os acontecimentos históricos mais relacionáveis e tangíveis. Os exercícios “A Fotografia Que Fala” e “Capturar a História” foram implementados para atingir esses objetivos. Este inquérito foi concebido no seguimento desses exercícios, com o objetivo de captar as reflexões dos alunos sobre as suas experiências e a percepção da eficácia da utilização da fotografia como ferramenta pedagógica.

O principal objetivo da investigação é avaliar o impacto dos recursos fotográficos nas experiências de aprendizagem dos alunos nas aulas de história. Os objetivos específicos deste inquérito são:

- Avaliar o envolvimento dos alunos de forma a determinar se o uso da fotografia aumentou o envolvimento e o interesse dos alunos por temas históricos.
- Avaliar a compreensão e a aquisição de conhecimentos, medir como os recursos fotográficos influenciaram a compreensão dos alunos sobre os acontecimentos e conceitos históricos.
- Identificar aspetos positivos e negativos da utilização da fotografia no ensino da história.
- Compreender as perspetivas críticas, avaliar se a integração da fotografia ajudou os alunos a desenvolver uma perspetiva mais crítica em relação aos meios visuais.
- Reunir as percepções gerais para compreender as a visão dos alunos sobre a fotografia e o seu papel na educação.

Resultados (Anexo F)

O inquérito inclui respostas de alunos dos 17 aos 19 anos, a idade média dos alunos presentes em turmas de 12.º ano, sendo os respondentes principalmente da turma A. Os alunos demonstram compreender que os principais objetivos da fotografia são recordar memórias, transmitir o que se vê e servir de expressão artística e memória. Isto sugere que os alunos associam a fotografia à memória pessoal e histórica, bem como ao valor artístico. Todos os alunos referiram que o conteúdo da imagem (o que é retratado) é o elemento que mais chama a atenção quando se observa uma fotografia, indicando que se focam no assunto e na narrativa dentro da fotografia.

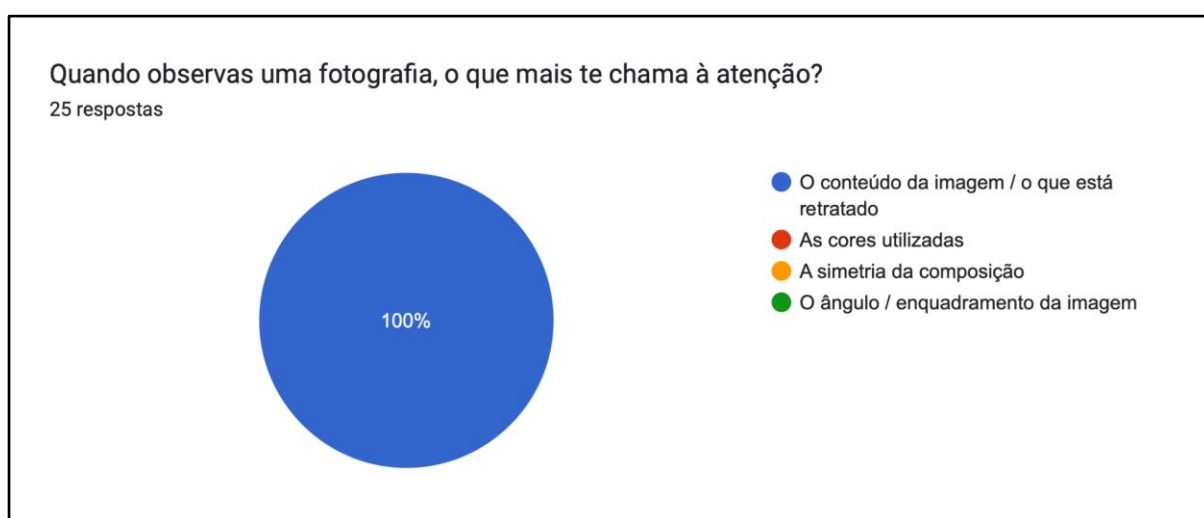


Gráfico 2. Resultados pergunta 5

A maioria dos alunos concordou que a utilização de recursos fotográficos nas aulas de História fez a diferença na compreensão dos temas históricos e na aquisição de conhecimentos, mostrando um impacto positivo da integração da fotografia no ensino da História.

“Claro, uma das melhores formas na minha opinião para nós alunos entendermos o que aconteceu é através de imagens, que nos transmitem uma visão e uma perspetiva mais pormenorizada que aconteceu. Um exemplo, foi quando foi lecionada a Wall street crash e as imagens da pobreza que nos foram mostradas ajudaram-nos a entender bastante bem o que aconteceu.” Aluno 7

“Sim, pois acabam por ter um impacto maior e são úteis para memorizar e entender melhor a realidade de certos acontecimentos históricos.” Aluno 8

“Sim, visto que muitas das vezes é mais fácil observamos e analisarmos o conteúdo de uma fotografia do que analisar um texto ou documento etc..” Aluno 9

Os alunos destacaram vários aspetos positivos da utilização da fotografia nas aulas de História A: melhorar a aprendizagem visual, tornar as aulas mais envolventes, ajudar a compreender melhor os contextos e eventos históricos e facilitar o pensamento crítico e a análise dos meios visuais.

“As aulas ficam mais dinâmicas e temos mais perceção da realidade porque acaba por se tornar mais real quando vemos do que teórico.” Aluno 10

“Um dos pontos positivos da utilização das fotografias no ensino de história é o facto de nos ajudar a ter uma visão mais pormenorizada da altura da história retratada.” Aluno 11

“Muitas das vezes as fotografias têm maior impacto do que um texto. Por exemplo é mais impactante vermos uma fotografia daquilo que os judeus sofreram na segunda guerra mundial do que lermos algo a falar sobre.” Aluno 12

“É importante pois tem um impacto maior nos alunos e acaba por ser útil para entender melhor a realidade de certos acontecimentos históricos.” Aluno 13

Alguns alunos referiram que a interpretação das fotografias poderia ser demorada ou ~~pudesse~~ causar maior dificuldade de interpretação, por ser algo mais subjetivo do que um texto, embora a maioria não indicasse aspetos negativos significativos na utilização da fotografia.

“Talvez a sensibilização de alguns alunos. Ainda assim, não considero isso um ponto negativo, pois acho a sensibilização um ponto importante.” Aluno 14

“Às vezes a difícil compreensão e análise da fotografia, assim como a correlação com os pontos históricos.” Aluno 15

Os alunos identificaram elementos importantes para a análise das fotografias como a data da fotografia, o conteúdo retratado e o tema, sugerindo estar cientes da importância da informação contextual na compreensão das fotografias históricas.

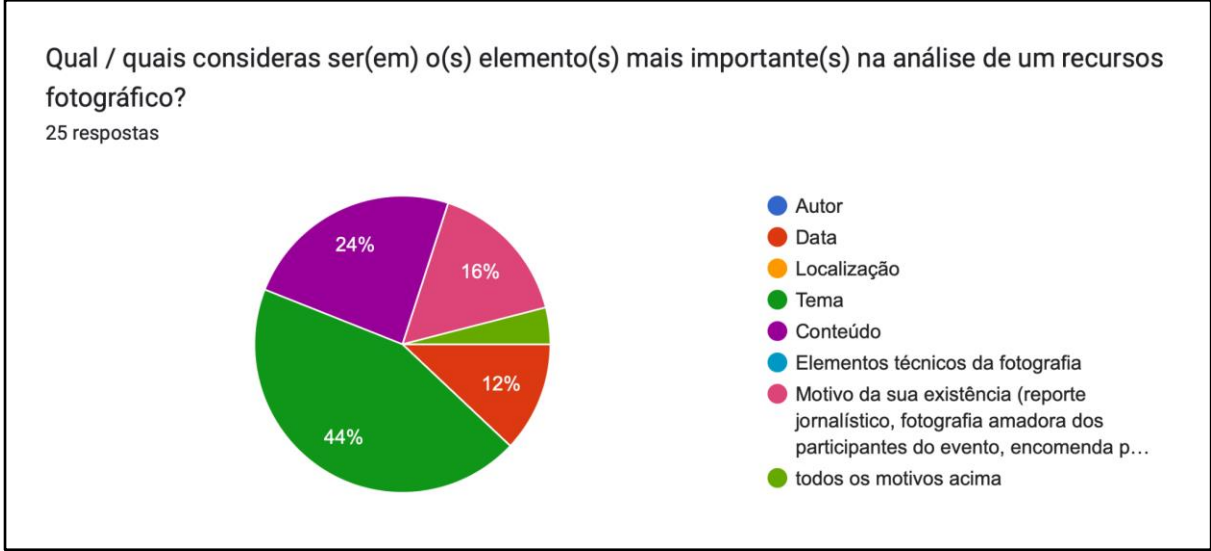


Gráfico 3. Resultados pergunta 9

A maioria dos alunos concordou que os recursos utilizados durante o ano letivo contribuíram para desenvolver uma perspetiva mais crítica sobre a fotografia, alinhando com os objetivos de promover o pensamento crítico através da utilização de recursos fotográficos.

“Sim, já que nos permitiu absorver informação não só via escrita, mas via visual, através da fotografia e do seu impacto na transmissão de ideias, pensamentos e factos verídicos e históricos.” Aluno 16

“Sim, pois pela explicação do professor Sandro, tive a conhecer mais sobre o estudo da fotografia e aprendizagens de tipos de fotografias e como tirar vários estilos de fotografia.” Aluno 17

“Sim, gostei muito das fotografias selecionadas pelo professor Sandro, pois permitiram aprofundar o meu conhecimento sobre os conteúdos e analisar a matéria de uma maneira diferente e pertinente.” Aluno 18

“Sim, porque concebeu uma nova perspetiva sobre a utilidade das fotografias.” Aluno 19

“Sim, considero que sim pois para mim é importante e útil a utilização da fotografia para uma visão mais pormenorizada da visão única da história.” Aluno 20

Está demonstrado que o uso da fotografia aumentou o envolvimento e o interesse destes alunos por temas históricos. As futuras estratégias de ensino devem continuar a incorporar recursos visuais para manter e melhorar este envolvimento. Os exercícios “A Fotografia Que Fala” e “Capturar a História” têm sido eficazes na promoção do pensamento

crítico e da literacia visual. Estes exercícios podem ser desenvolvidos e refinados para maximizar o seu impacto. Embora a fotografia seja benéfica, é importante equilibrar a sua utilização com outros métodos de ensino para atender a diferentes estilos de aprendizagem e evitar possíveis interpretações demoradas. Dar ênfase ao contexto das fotografias (data, conteúdo, tema) é crucial para que os alunos compreendam plenamente o seu significado histórico. Fornecer informações básicas juntamente com fotografias pode ajudar nesta compreensão. O feedback regular dos alunos é essencial para avaliar a eficácia dos métodos de ensino e melhorar as práticas educativas.

Ao analisar os resultados da investigação, é evidente que a utilização da fotografia no ensino da História tem conseguido atingir os seus objetivos pedagógicos e pode continuar a melhorar as experiências de aprendizagem dos alunos.

Conclusões Finais

A capacidade única da fotografia de captar e preservar momentos no tempo tornou-a um recurso inestimável para documentar a história. Ao longo da sua evolução, desde os primeiros daguerreótipos até à revolução digital, a fotografia proporcionou um registo visual de acontecimentos significativos, ao oferecer perspetivas que o texto escrito por si só não consegue transmitir. Imagens icónicas de acontecimentos como a Guerra da Crimeia, a Grande Depressão e o Movimento dos Direitos Cívicos demonstraram o poder da fotografia para evocar emoções, revelar verdades e moldar a memória coletiva.

O enquadramento teórico delineado neste relatório de estágio enfatiza a natureza multifacetada da fotografia. As perspetivas ontológicas, discutidas por André Bazin, revelam como as fotografias funcionam como relíquias intemporais que satisfazem o desejo humano de captar momentos fugazes. A análise semiótica, particularmente os conceitos de *Studium* e *Punctum* de Roland Barthes, sublinha a natureza dual da fotografia na interpretação cultural e no impacto emocional pessoal. As considerações socioculturais e éticas de Susan Sontag destacam as responsabilidades envolvidas na utilização da fotografia, enfatizando o seu potencial tanto para a empatia como para a exploração.

No contexto da educação, a integração da fotografia nas aulas de História revelou-se altamente eficaz. As fotografias envolvem os alunos, tornando os acontecimentos históricos mais tangíveis e relacionáveis, promovendo uma ligação emocional mais profunda com o material. A análise de fotografias melhora as competências de pensamento crítico, permitindo aos alunos interpretar evidências visuais e compreender o contexto e os preconceitos. O desenvolvimento da literacia visual prepara os alunos para navegar e interpretar a vasta gama de informações visuais que encontram diariamente. Além disso, a fotografia une múltiplas disciplinas, ligando a História com a Arte, a Literatura e a Tecnologia, enriquecendo assim a experiência educativa. A utilização de fotografias na sala de aula promove a aprendizagem interdisciplinar e ajuda os alunos a ver a interligação de diferentes campos de estudo. A consciência ética é também um aspeto crucial da utilização da fotografia na educação, orientando os alunos para a compreensão das implicações e responsabilidades da representação de acontecimentos e assuntos históricos.

A integração da Teoria das Inteligências Múltiplas (TIM) na utilização da fotografia no ensino da história enriquece profundamente a experiência de aprendizagem ao atender às diversas capacidades cognitivas dos alunos. Reconhecer e incorporar essas inteligências no currículo permite aos educadores criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz, especialmente nas aulas de história, onde o envolvimento visual e emocional pode melhorar significativamente a compreensão.

No contexto do meu relatório de estágio, a aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas passou por desenhar estrategicamente atividades que envolvessem algumas das inteligências múltiplas através do uso da fotografia. Por exemplo, os alunos viso-espaciais beneficiaram imenso da análise de fotografias históricas, o que contribuiu para a sua capacidade de visualizar e interpretar imagens. Esta abordagem tornou os conceitos abstratos mais concretos e acessíveis, promovendo uma ligação mais forte com o material.

Os alunos linguísticos foram envolvidos através de tarefas de escrita reflexiva e discussões sobre as fotografias. Essas atividades permitiram-lhes articular os seus pensamentos, analisar narrativas históricas e melhorar a sua compreensão através da linguagem. Ao incentivar os alunos a escrever textos reflexivos sobre fotografias selecionadas, puderam explorar o significado histórico e o contexto das imagens, promovendo uma compreensão mais profunda e uma ligação a acontecimentos históricos.

Para os alunos com uma forte inteligência lógico-matemática, a análise dos padrões, sequências e dados contidos nas fotografias históricas proporcionou uma forma significativa de ligação com o material. A inteligência interpessoal foi fomentada pelo incentivo a projetos de grupo e à análise colaborativa de fotografias. Os alunos envolveram-se em discussões e debates sobre diferentes perspetivas e interpretações, promovendo a interação social e a aprendizagem cooperativa. Essa abordagem colaborativa não só melhorou a sua compreensão dos acontecimentos históricos, como também desenvolveu as suas capacidades de comunicação e de trabalho em equipa. A inteligência intrapessoal foi apoiada através de práticas reflexivas, onde os alunos consideraram as suas próprias respostas emocionais e ligações pessoais com as imagens históricas. As tarefas de escrita reflexiva permitiram aos alunos explorar os seus pensamentos e sentimentos íntimos sobre as fotografias, promovendo uma ligação pessoal mais profunda com o material e aumentando a sua autoconsciência.

Os resultados deste relatório de estágio, com base na abordagem integrativa, demonstraram benefícios significativos e comprovam que a fotografia não é apenas um meio poderoso para documentar a história, mas também uma ferramenta essencial para melhorar a educação histórica. Ao tornar a aprendizagem mais envolvente, crítica e relevante, a fotografia equipa os alunos com as competências necessárias para navegar e interpretar o mundo visual moderno. A integração da fotografia no ensino da história traz implicações significativas tanto para as práticas de ensino como para os resultados dos alunos.

Em primeiro lugar, foi demonstrado que a utilização da fotografia na sala de aula aumenta o envolvimento e o interesse dos alunos por assuntos históricos. As imagens visuais tornam os conceitos abstratos mais concretos e relacionáveis, ajudando os alunos a formar ligações emocionais com o material. Este maior envolvimento pode levar a uma melhor retenção de informação e a um maior entusiasmo pela aprendizagem.

Em segundo lugar, a fotografia promove o desenvolvimento de competências de pensamento crítico. Ao analisar fotografias, os alunos aprendem a interpretar provas visuais, a compreender o contexto e a reconhecer preconceitos e perspetivas. Estas competências são essenciais não só para a compreensão de acontecimentos históricos, mas também para navegar na vasta quantidade de informação visual do mundo moderno. A capacidade de avaliar criticamente as fontes e discernir a sua fiabilidade é uma componente fundamental da literacia histórica e uma importante competência para a vida.

Em terceiro lugar, ensinar a literacia visual através da fotografia prepara os alunos para se envolverem eficazmente com os media contemporâneos. Numa era em que o conteúdo visual é omnipresente, a capacidade de analisar e interpretar imagens é crucial. Ao desenvolver estas competências, os alunos tornam-se consumidores de meios de comunicação mais informados, capazes de compreender e criticar as mensagens visuais que encontram diariamente.

As considerações éticas são também fundamentais no uso da fotografia na educação. Os professores devem orientar os alunos na compreensão das implicações éticas da utilização e interpretação de fotografias, especialmente as que retratam assuntos sensíveis ou controversos. Isto envolve ensinar os alunos a respeitar a dignidade dos indivíduos representados nas fotografias e a considerar as intenções e perspetivas dos fotógrafos.

Desenvolver esta consciência ética é crucial para promover cidadãos responsáveis e empáticos.

Por último, a aplicação prática da fotografia na sala de aula pode assumir diversas formas, desde a análise de imagens históricas à criação de ensaios fotográficos e projetos de *storytelling* digital. Estas atividades não só melhoram a compreensão da história pelos alunos, como também desenvolvem as suas capacidades criativas e técnicas. Ao incorporar a fotografia no seu trabalho, os alunos podem explorar narrativas históricas de formas inovadoras, tornando a aprendizagem mais dinâmica e interativa.

Ao finalizar este relatório de estágio e compreendendo os resultados aqui obtidos, assim como o seu enquadramento teórico nos vários trabalhos académicos citados, surge a questão: **Como podemos equilibrar a necessidade de personalização do ensino, segundo a Teoria das Inteligências Múltiplas, com os desafios práticos e complexos de implementação em salas de aula cada vez mais diversas e tecnicamente desiguais?**

Referências Bibliográficas

- Alves, L. A. M. (2001). O estado da história – O ensino. *Revista da Faculdade de Letras História*, III série, 2, 23-31. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7928/2/2306.pdf>
- Amar, P. J. (2007). *História da fotografia*. Lisboa: Edições 70.
- Armstrong, T. (2009). *Multiple intelligences in the classroom*. ASCD.
- Barthes, R. (2006). *A câmara clara* (M. Torres, Trans.). Lisboa: Edições 70.
- Bazin, A. (2018). *O que é o cinema?* Ubu Editora LTDA-ME.
- Bas, G. (2016). The effect of multiple intelligences theory-based education on academic achievement: A meta-analytic review. *Educational Sciences: Theory and Practice*, 16(6), 1833-1864.
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação* (4th ed.). Lisboa: Gradiva. (Original work published 1993)
- Bocato, V. R. C., & Fujita, M. S. L. (2006). Discutindo a análise documental de fotografias: Uma síntese bibliográfica. *Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação*, (2), 84-100.
- Branco, A. (1999). *O contributo dos mass media (cinema, televisão e imprensa) no ensino da história: Uma investigação no âmbito da formação dos conceitos de nacionalismo e revolução* (Doctoral dissertation). Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Burke, P. (2004). *Testemunha ocular: História e imagem*. São Paulo: EDUSC. (Original work published 2001)
- Busselle, M. (1998). *Tudo sobre fotografia* (8th ed.). São Paulo: Pioneira.
- Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.
- Castello-Lopes, G. (2004). *Reflexões sobre fotografia: Eu, fotografia, os outros*. Lisboa: Assíro & Alvim.

Dias, A. I. S. (2012). A fotografia no ensino da história (Master's thesis). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66532/2/70020.pdf>

Dewey, J. (1974). John Dewey on education: Selected writings.

Drake, F. D., & Nelson, L. R. (2005). Engagement in teaching history – Theory and practices for middle and secondary teachers. New Jersey: Pearson Education Inc.

Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, Biblioteca Escolar. <https://www.esdjgfa.org/biblioteca-escolar>

Escola Virtual. Recursos de História A, 12.º Ano. <https://app.escolavirtual.pt/>

Felgueiras, M. L. (1994). Repensar a história, repensar o seu ensino. Porto: Porto Editora.

Gardner, H. (2016). Harvard Project Zero: A personal history. Uaricha, Revista de Psicologia, 13(30), 1-25.

Gardner, H., & Hatch, T. (1989). Educational implications of the theory of multiple intelligences. Educational Researcher, 18(8), 4-10.

Gardner, H. E. (2000). Intelligence reframed: Multiple intelligences for the 21st century. Hachette UK.

Gearin, B. M., & Fien, H. (2016). Translating the neuroscience of physical activity to education. Trends in Neuroscience and Education, 5(1), 12-19.

Gervereu, L. (2007). Ver, compreender, analisar as imagens. Lisboa: Edições 70. (Original work published 1996)

Gil, I. C. (2011). Literacia visual: Estudos sobre a inquietude das imagens. Lisboa: Edições 70.

Goldberg, V. (1991). The power of photography: How photographs changed our lives.

Gottfredson, L. S. (2004). Schools and the g factor. The Wilson Quarterly (1976-), 28(3), 35-45.

Hale, J. B., Chen, S. A., Tan, S. C., Poon, K., Fitzer, K. R., & Boyd, L. A. (2016). Reconciling individual differences with collective needs: The juxtaposition of sociopolitical and

neuroscience perspectives on remediation and compensation of student skill deficits. *Trends in Neuroscience and Education*, 5(2), 41-51.

Heming, A. L. (2008). *Multiple intelligences in the classroom*.

Joly, M. (1994). *Introdução à análise da imagem* (J. E. Rodil, Trans.). Lisboa: Edições 70.

Joly, M. (1996). *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus.

Joly, M. (2002). *A imagem e a sua interpretação* (J. F. Espadeiro, Trans.).

Kossoy, B. (2001). *Fotografia e história* (2nd ed.). São Paulo: Ateliê Editorial.

Kossoy, B. (2014). *Os tempos da fotografia – O efêmero e o perpétuo* (3rd ed.). São Paulo: Ateliê Editorial.

Lemos, M., Pereira-Querol, M. A., & Almeida, I. M. D. (2013). A teoria da atividade histórico-cultural e suas contribuições à educação, saúde e comunicação: Entrevista com Yrjö Engeström. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 17(46), 715-727.

Litz, V. G. (2009). *O uso da imagem no ensino da história*. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação, Departamento de Políticas e Programas Educacionais. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>

Mauad, A. M. (1996). *Através da imagem: Fotografia e história interfaces*. *Tempo*, 1(2), 73-98.

Mauad, A. M. (2008). *Pose e flagrantes: Ensaio sobre história e fotografia*. Niterói: Editora da UFF.

Mauad, A. M. *Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica*. <http://www.unicentro.br/rbhm/ed04/dossie/01.pdf>

Melo, M. do C. (Ed.). (2008). *Imagens na história, diálogos e silêncios*. Mangualde: Edições Pedago, Lda.

Messaris, P. (1994). *Visual "literacy": Image, mind, and reality*. Westview Press.

Messaris, P. (1998). Visual aspects of media literacy. *Journal of Communication*, 48(1), 70-80.

Messaris, P. (2012). Visual "literacy" in the digital age. *Review of Communication*, 12(2), 101-117.

Ministério da Educação. (2018). Aprendizagens essenciais, 12.º ano, História A. Lisboa: DGE.
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/12_historia_a.pdf

Pass, S. (2004). Caminhos paralelos para o construtivismo: Jean Piaget e Lev Vygotsky. IAP.

Rosas, M. A. M., Couto, C. P., Costa, A., & Santos, A. C. (2024). Entre tempos – História A – 12.º ano. Porto: Porto Editora.

Shearer, B. (2018). Multiple intelligences in teaching and education: Lessons learned from neuroscience. *Journal of Intelligence*, 6(3), 38.

Sontag, S. (2002). *On photography*. London: Penguin Classics.

Sontag, S. (2012). *Ensaio sobre a fotografia*. Lisboa: Coleção Arte e Sociedade, Publicações D. Quixote.

Tonello, I., & Madio, T. (2018). A fotografia como documento: Com a palavra Otlet e Briet. *Informação & Informação*, 23, 77. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n1p77>

Trachtenberg, A. (2013). *Ensaio sobre a fotografia de Niépce a Krauss*. Lisboa: Orfeu Negro.

Waterhouse, L. (2006). Multiple intelligences, the Mozart effect, and emotional intelligence: A critical review. *Educational Psychologist*, 41(4), 207-225.

White, J. (2000). Do Howard Gardner's multiple intelligences add up?.

Willingham, D. T. (2004). Reframing the mind. Retrieved from
<http://educationnext.org/20043/18.html>

Anexos

Anexo A. Enunciado: Exercício de História – "A Fotografia Que Fala"

Objetivo: Este exercício visa desenvolver a capacidade de análise crítica e interpretação histórica dos alunos, utilizando a fotografia como meio de exploração e compreensão dos temas estudados em aula.

Instruções:

1. **Pesquisa:** Antes da próxima aula, cada aluno deverá realizar uma pesquisa na internet para encontrar uma fotografia relacionada com o tema da aula. A fotografia selecionada pode ser de qualquer evento histórico, desde que esteja diretamente ligada com o tema discutido.
2. **Seleção:** Escolha uma fotografia que, na sua opinião, capture um aspecto significativo ou revelador do tema. Pode ser uma imagem que ilustre um evento específico, uma personalidade importante, uma inovação tecnológica, movimentos sociais, entre outros aspetos relevantes. A escolha deve ser pessoal e refletir uma conexão ou interesse especial pela imagem selecionada.
3. **Análise e Reflexão:** Após selecionar a fotografia, escreva um parágrafo explicativo, no qual deverá incluir:
 - Uma breve descrição da fotografia (o que está representado).
 - O motivo da escolha: explique o motivo pelo qual a fotografia selecionada é relevante para o tema da aula e o que revela sobre o período ou o assunto em questão. Elabore sobre o impacto ou a importância da imagem para a compreensão histórica do tema.
4. **Formatação do Trabalho:** O trabalho deve ser entregue num ficheiro em formato PDF. O ficheiro deve conter:
 - O nome e número de aluno no cabeçalho.
 - A fotografia escolhida (certifique-se de que a qualidade da imagem é suficientemente nítida).
 - O parágrafo de análise e reflexão.
 - A fonte onde a fotografia foi encontrada (link para site).
5. **Prazo de Entrega:** O trabalho deve ser entregue no início da próxima aula de história.

Anexo B. Trabalhos dos Alunos

Trabalho 1



ALGO QUE É DECERTO UM CAMINHO PARA A SOLUÇÃO

Uma palavra que não é usada tão frequentemente quanto deveria: Saudade!!

Pois eu julgo que a saudade é o propulsor para todo um leque de emoções. Podemos sentir algum tipo de raiva. Talvez indignação, devido aquela discussão que não acabou do nosso lado. Aprendizagem, pois o relembrar, sobretudo das coisas menos boas, é certamente algo que nos faz evoluir como pessoas. Talvez se o fizéssemos com mais regularidade, o mundo seria um lugar melhor onde a paz e cooperação fosse possível. No entanto, acima de tudo, é algo que nos pode trazer e rever a alegria vivida em tempos, a mágoa vivida em tempos, ou até a pura neutralidade vivida em tempos. Mas onde quero chegar eu com isto?

Nestes últimos anos passei por várias turmas, várias pessoas, vários amigos. Mas só nesta turma, para a qual eu fui com um pensamento negativo, encontrei de facto pessoas que fariam a diferença no meu modo de ver as coisas. Pessoas interventivas, outras menos. Pessoas que se dedicavam a ajudar o outro, e até algumas que só olhava para o próprio umbigo. Como escrevo este texto no preciso dia em que formalmente me despedi destas pessoas, o sentimento de saudade encontra-se presente, vivo. Daí ser mais fácil de o escrever.

Esta fotografia, tão banal e amadora, para mim representa mais para mim do que muitas outras que de facto exigiram profissionalismo. E eu acredito que isso seja um ponto bom, pois eterniza um momento, ou vários que poderiam ser levados em vão pelo tempo. Tirada em menos de 30 segundos, e com uma história de 3 anos.

No entanto, este texto não tem como objetivo falar das minhas vivências, mas sim do que exemplos como este, podem de facto ajudar a tirar o mundo da ruína social em que se encontra. Que este está cada vez mais rápido a correr para o seu próprio declínio é um facto, mas porquê? Será que é de facto tão difícil procurar a solução em vez do conflito? Porque é que o carro novo de um empresário de material bélico tem de ficar à frente da vida de milhares ou milhões de cidadãos?

Acima de tudo, porque é que a saudade não é utilizada para o bem do mundo? Todos nós certamente já tivemos alguém que partiu. Num abrir e fechar de olhos, a mão já não podia ser agarrada; a bochecha beijada e o corpo abraçado. Esse creio que seja o ponto mais alto da saudade. É aí que ela aparece, a qualquer momento, e nos faz lembrar dos bons momentos. Eu sinceramente creio que até a pessoa que cria guerras, deixando populações sem comida, crianças sem pais, e pais sem filhos, até essa pessoa já sentiu este tipo de saudade. Mas resta a questão: Como consegue ela sentir a perda de alguém, ou apenas a separação de alguém, e fazer isso voluntariamente a milhões e milhões de outros? E assim deixo uma das minhas maiores questões.

Será que é sequer possível que haja um mundo em paz e igualdade, se há gente incapaz de olhar para si e rever os ensinamentos proveniente das perdas, e as aprendizagens que provêm dos erros que cometeu?

Com o maior respeito,

Trabalho 2



fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51230256>

A foto apresentada representa a realidade de muitas pessoas durante as décadas de 1930 e 1940. Na imagem vemos judeus que estão presos em campos de concentração, desnutridos e péssimas condições de vida. Para além disso, vemos o que aparentam ser médicos ou oficiais Nazis a verificarem o estado dos prisioneiros.

Eu escolhi esta imagem pois representa muito bem a realidade daquele tempo. A ignorância e desprezo pela vida, principalmente dos judeus, molda de maneira bem fiel à realidade a falta de compaixão pelo regime alemão. Este tema é de grande importância, pois para além de ser uma das chacinas mais chocantes da história moderna, foi também a prova da influência negativa que os nacionalismos podem causar. Reduzir aquelas pessoas a condições desumanas e até piores apenas pela sua religião ou em outros casos pela etnia como os povos eslavos e de etnia cigana como por exemplo. Além disso, a expressão dos membros do regime que aparecem na imagem, a total indiferença perante a situação, algo de arrepiar, a perfeita reflexão daquele tempo.

Trabalho 3



Esta foto retrata o momento em que Joseph Goebbels descobre que o seu fotógrafo é judeu. No regime nazi, a propaganda foi um dos meios mais eficazes de disseminação de ideais, e o ministro da propaganda alemão era Joseph Goebbels, o homem na foto.

Eu escolhi esta foto pois nela estão subentendidos vários conhecimentos que aprendemos em história A como, o antissemitismo alemão e o ódio que os alemães tinham a outras raças que consideravam inferiores, principalmente os judeus.

Trabalho 4

“A Fotografia Que Fala”



<https://www.gqportugal.pt/revolucao-dos-cravos-25-de-abril-em-imagens>

A imagem demonstra um dos períodos mais significativos da História de Portugal, a Revolução de 25 de abril de 1974. Nesta fotografia é possível visualizar dois militares encostados num tanque de guerra (dentro do tanque encontra-se outro militar, possível condutor) com cravos nos bolsos do casaco.

Os cravos, no 25 de abril, como se sabe historicamente, tiveram um papel importante na Revolução. Durante o dia 25 de abril de 1974, a senhora chamada Celeste Caeiro distribuiu cravos vermelhos (e porquê os cravos? porque era uma flor economicamente barata), em Lisboa, quando os militares tiraram os ditadores do governo. Esta fotografia demonstra, então, os soldados já com os cravos que receberam da “mulher que deu cravos ao 25 de abril”. A fotografia supracitada é relevante para o conteúdo histórico abordado no 12.º ano, o 25 de abril, pois, com a análise da imagem, conseguimos relacionar com os cravos (símbolo do 25 de abril) e com o espírito de conflito/revolucionário que se viveu, tanto no dia 25 de abril de 1974 como no período pré-constitucional (relacionando através dos militares e do tanque de guerra retratados). Em suma, a fotografia tem um impacto positivo na compreensão histórica do tema, porque, não só é uma forma interessante de analisar os temas das aprendizagens essenciais das disciplinas de História, História A, História B e História da Cultura e das Artes (e não só), mas como também é possível cativar os alunos a estarem mais atentos às aulas. Uma simples fotografia pode ter mil e um significados!

Trabalho 5

Exercício de História → “A Fotografia Que Fala”



A fotografia nomeada "**VJ Day In Times Square, 1945**", da autoria de Alfred Eisenstaedt, captura o momento em que um marinheiro norte-americano decide beijar uma enfermeira, enquanto uma celebração espontânea na Times Square, Nova Iorque, no dia 14 de agosto de 1945. Ao observar o ambiente em volta dos protagonistas, percebemos que a energia era positiva, ao ver sorrisos no rosto da população.

Em primeiro lugar, contextualizando historicamente, no dia conhecido nos Estados Unidos como “VJ Day” (Dia da Vitória sobre o Japão), a rendição do Japão marcou o fim da Segunda Guerra Mundial. Os festejos espalharam-se por todo o mundo: em Nova Iorque, Paris, Londres e tantas outras cidades, a alegria invadiu as ruas. No cruzamento da Rua 44 com a Broadway, perto de Times Square, o marinheiro George Mendonsa, luso-descendente de 22 anos, estava com a sua futura esposa, a assistir um espetáculo no Radio City Music Hall. Ao ouvir a notícia da rendição japonesa, saíram para comemorar. Já Greta Zimmer Friedman, uma assistente de dentista de 21 anos e refugiada austríaca judia, também estava em Nova Iorque quando ouviu a notícia. Mal saiu para o exterior, Greta foi abordada por George, que a beijou entusiasticamente, apesar de não a conhecer. O fotógrafo capturou este momento, criando uma imagem que se transformaria numa marca do fim do terror vivido até então. A fotografia foi publicada pela *revista Life* na edição de 27 de agosto de 1945, tornando-se uma das imagens mais reproduzidas da revista.

Efetivamente, escolhi este retrato em virtude do poderoso simbolismo e impacto emocional que arrecada. A arte de Eisenstaedt representa um momento de euforia e desafogo, após anos de um conflito global devastador. Abordamos a Segunda Guerra Mundial e as suas consequências em aula, e esse tema sempre me intrigou. Por esse mesmo motivo, tenho uma especial consideração por esta foto, pois encapsula o sentimento coletivo de vitória e esperança por um futuro mais pacífico.

Este beijo, capturado de forma tão natural, simboliza a união e o espírito de comemoração que se instalou sobre o mundo. Além disso, a fotografia revela muito sobre o período: a imagem de um marinheiro e uma enfermeira remete ao papel crucial dos militares e dos profissionais de saúde durante o conflito, destacando a sua contribuição para o esforço

realizado durante a guerra e a subsequente vitória. A importância desta imagem reside no poder de humanizar e dar um rosto às grandes narrativas entre 1939 e 1945, lembrando-nos de que, por trás dos eventos históricos, existem histórias pessoais de alegria, sacrifício e resiliência. O autor conseguiu capturar um momento que transcende o tempo, lembrando-nos que a história é feita tanto de grandes eventos, quanto de pequenos, mas significativos, momentos de conexão humana.

Assim, esta foto ajuda-nos a compreender a profundidade do impacto emocional da Segunda Guerra Mundial sobre a sociedade e a toda a felicidade que trouxe o retorno à paz. Aliás, é um verdadeiro ícone do alívio que se seguiu ao fim do maior conflito da História Moderna.

Fonte: <https://fasciniodafotografia.com/2016/09/16/alfred-eisenstaedt-vj-day-in-times-square-1945/>

Trabalho 6

A Fotografia Que Fala



“A Palestinian Women Embraces the Body of Her Niece” é mais do que apenas uma imagem. É uma porta de entrada para um mundo de histórias humanas dolorosas e emoções vívidas que transcendem fronteiras e diferenças culturais. Neste incidente, uma mulher palestina segurou o corpo sem vida do seu sobrinha com lágrimas nos olhos. Os seus braços envolveram a criança com uma mistura de desespero e amor, e os escombros que a cercavam testemunhavam a crueldade do conflito existente. O poder desta imagem nas aulas de História é enorme. Além de contar histórias, ele convida os alunos a explorarem as complexidades do conflito israelo-palestino (já abordado superficialmente nas aulas). Esta imagem reflete as vozes silenciadas da guerra, um lembrete claro de que por detrás de cada esta s ca há uma

perda de vidas, um sonho despedaçado e uma família dilacerada. O significado histórico desta imagem reside na sua capacidade de humanizar um conflito que muitas vezes é reduzido a fronteiras e negociações políticas. Expõe as cicatrizes invisíveis deixadas por décadas de guerra, vidas perdidas e esperanças destruídas. Ao mesmo tempo, propõe um sentido de urgência moral, incentivando os alunos a confrontar as questões éticas e políticas que estão presentes no conflito. Esta imagem é um apelo à ação, um apelo à empatia é uma exigência de justiça. Lembra-nos que mesmo nos momentos mais sombrios da História, a humanidade existe, pedindo por reconhecimento e salvação. Em última análise, esta imagem transcende o seu contexto específico e tornou-se um símbolo universal de resiliência, compaixão e busca pela paz eterna.

www.worldpressphoto.org/collec on/photo-contest/2024/Mohammed -Salem-POY/1

Trabalho 7

HISTÓRIA A N.º7 A FOTOGRAFIA QUE FALA



<https://www.nationalww2museum.org/war/articles/cost-victory>

Dizem que uma imagem pode valer mais que mil palavras, e esta é um verdadeiro exemplo disso.

Nesta imagem, podemos contemplar uma das inúmeras cidades devastadas pela Segunda Guerra Mundial. As casas desmoronadas, as ruas arrasadas e as vidas perdidas das pessoas. Com sessenta milhões de vidas perdidas, a Segunda Guerra Mundial superou, em termos de mortalidade, qualquer conflito anterior, convidando-nos a uma reflexão sobre os profundos 'custos da guerra'.

Essa devastação não ficou pelas estruturas físicas das cidades, mas também deixou cicatrizes emocionais nos sobreviventes. Famílias despedaçadas, comunidades deslocadas e gerações futuras afetadas pelas memórias e traumas da guerra.

Além disso, a Segunda Guerra Mundial trouxe à tona a destruição numa escala sem precedentes, levando à compreensão de que a guerra não é apenas uma questão de números e estatísticas, mas sim uma tragédia humana desmedida.

Portanto, ao refletirmos sobre os "custos da guerra", somos confrontados com o impacto duradouro que a guerra tem nos indivíduos, famílias e sociedades como um todo. Essa reflexão faz nos procurar alternativas para resolver conflitos e a valorizar a paz e diplomacia como instrumentos essenciais para a construção de um mundo mais justo e harmonioso.

A Fotografia que Fala



“V-J Day in Times Square” é o nome da famosa fotografia que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial. Da autoria de Alfred Eisenstaedt, retrata um momento espontâneo entre um marinheiro norte-americano, Glenn McDuffie, e uma jovem enfermeira, Greta Zimmer Friedman.

Este instante de celebração passou-se em Times Square, New York, a 14 de agosto de 1945, dia do anúncio do fim da guerra feito pelo Presidente Harry S. Truman, já que o Japão se rendera.

A expressão de felicidade no rosto das pessoas que invadem a rua para celebrar é notória e este casal icónico não é exceção.

Assim, podemos concluir que esta foto não representa apenas um casal apaixonado, como também o alívio e a alegria de uma nação cansada da guerra. Tornou-se um símbolo de paz, alegria e vitória.

No entanto, a identidade dos dois jovens da fotografia não é certa, há várias outras possibilidades, sendo uma delas George Mendonsa um luso-descendente, filho de emigrantes madeirenses. Apesar da sua identidade ser incerta, representam, até aos dias de hoje, o fim do que muitos descrevem como o maior conflito global da História.

Trabalho 9



<https://memorialdademocracia.com.br/card/tropas-nazistas-desfilam-em-paris>

Nesta imagem nós podemos observar Hitler e os seus oficiais à frente da Torre Eiffel, após a conquista de Paris. Eu escolhi esta imagem pois apesar de muito triste este período da história é um dos meus favoritos de estudar, esta fotografia sempre me deixou intrigada desde que vi pela primeira vez numa aula de história. A princípio este momento parece completamente normal, até que se sabe a real história deste acontecimento. Hitler estava a pousar a frente da Torre Eiffel no dia 23 de junho de 1940, ou seja, um dia após o armistício franco-alemão, em que os alemães dividiram a França em 2, a conquistada pelos alemães (norte) e a não conquistada (sul). Ou seja, esta fotografia foi uma demonstração de poder que ele teria sobre os outros povos.

Eu acho que esta fotografia é muito importante para o desenvolvimento das aulas de História pois ao meu ver nós realmente só sentimos o impacto das coisas a assisti-las, nunca é a mesma coisa só falar oralmente sobre o assunto é necessário a parte oral mas com os vídeos e fotografias a acompanhar porque é só aí que realmente percebemos o impacto que a situação teve na época.

Trabalho 10

A Fotografia que Fala



Na imagem anteriormente apresentada observamos uma multidão em frente ao Muro de Berlim enquanto, ao mesmo tempo, soldados e guardas da fronteira da Alemanha Oriental derrubam parte desta barreira, colocando um ponto final na divisão entre Berlim Ocidental e Berlim Oriental.

A razão pela qual escolhi esta fotografia foi pela sua relevância para a história do século XX, uma vez que foi a queda do muro de Berlim que marcou o término da Guerra Fria, conflito travado entre os EUA e a ex-URSS entre 1947 e 1991, e, consequentemente, a derrota soviética naquilo que foi um período marcado por uma rivalidade geopolítica, corrida armamentista e espionagem, mas sem confrontos diretos entre as duas superpotências.

Por outro lado, a fotografia apresentada demonstra ainda o papel fundamental da população para a queda deste muro e para a reunificação alemã, visto que estes se encontram presentes no momento em que o muro é finalmente derrubado, expressando a sua união e felicidade perante o seu principal objetivo: a liberdade.

Fonte da fotografia:

<https://oglobo.globo.com/mundo/queda-do-muro-de-berlim-dia-em-que-mundo-mudou-2407041>

Trabalho 11

“A Fotografia Que Fala”



https://www.reddit.com/r/portugal/comments/ubgtwl/soldado_retira_o_retrato_d_e_salazar_da_sede_da/?rdt=48409 (consultado a 28/04/2024)

Na fotografia que escolhi para este trabalho podemos ver um soldado pertencente ao Movimento das Forças Armadas, MFA, a retirar da parede de uma sede da PIDE/DGS um quadro de António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Ministros do Estado Novo desde a sua formação até 1968 e principal rosto do tempo de ditadura em que Portugal permaneceu durante 41 anos.

Decidi escolher esta fotografia, porque representa muito bem o que foi feito no dia 25 de abril de 1974. O MFA, na imagem representado pelo soldado, revoltou-se de forma pacífica contra

o regime opressor que era o Estado Novo, representado por Salazar, derrubando-o, “tirando-o da parede” para dar lugar a “um quadro” novo e melhor. Sempre que vejo esta foto começo a sentir uma sensação de liberdade. A mesma sensação que sinto quando vejo imagens, histórias, ou quando simplesmente me lembro da Revolução dos Cravos. Esta imagem simboliza o fim de algo velho e obsoleto para dar início a algo renovado, onde todos temos o direito de escolher o que é melhor para o nosso país e, acima de tudo, para a nossa vida. A isto se chama Democracia. E esta imagem é brilhante a representar o início da Democracia no nosso país.

Anexo C. Enunciado: Exercício Pós-Workshop de Fotografia – "Capturar a História"

Descrição do Exercício:

Após a participação no workshop de fotografia, convidamos cada aluno a aplicar os conhecimentos adquiridos através da captura de momentos que possam ser considerados históricos. Estes momentos podem variar desde eventos de grande escala, como concertos, jogos de futebol, manifestações, até acontecimentos mais íntimos e pessoais, que marquem a história pessoal ou familiar do aluno.

Instruções para a Realização do Exercício:

1. Seleção do Tema: Escolha um ou mais eventos que considere ter significado histórico, podendo ser de natureza pública ou pessoal. Pense em como estes momentos representam um ponto de viragem, um marco importante ou uma memória significativa que deseja capturar através da sua lente.
2. Fotografia: Utilizando as técnicas e os conhecimentos adquiridos durante o workshop de fotografia, tire uma ou mais fotografias do evento escolhido. Seja criativo na composição, na escolha do ângulo e na utilização da luz, para que as imagens não só documentem o evento, mas também transmitam uma mensagem ou emoção, tal como apresentado no workshop.
3. Descrição: Para cada fotografia selecionada, escreva uma breve descrição que inclua detalhes como:
 - O que está a ser fotografado.
 - A data e o local do evento.
 - Por que escolheu este momento para fotografar.
 - Como as técnicas aprendidas no workshop foram aplicadas na captura da imagem.
 - Qual o significado histórico ou pessoal que o momento representa para si.
4. Envio das Fotografias e Descrições: As fotografias, acompanhadas das suas respectivas descrições, devem ser enviadas por email para o endereço designado. Por favor, certifique-se de que as imagens têm boa qualidade e as descrições estão bem elaboradas.
5. Prazo de Entrega: O prazo final para o envio do material é até 31/05/2024.

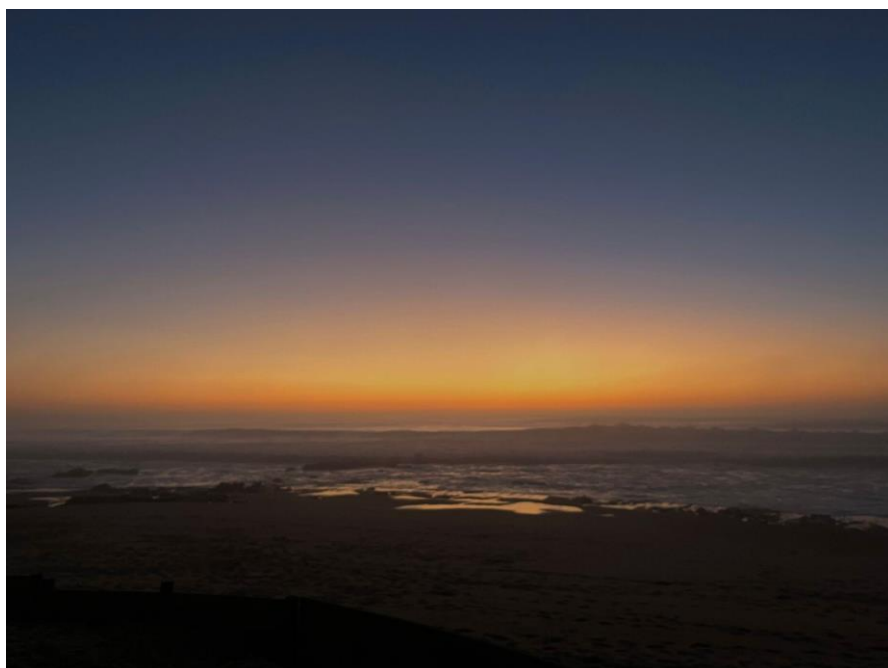
Anexo D. Trabalhos dos Alunos

Trabalho 13

Olá stor, desde já peço desculpa pelo envio tardio da sua atividade, não sei porque estava mesmo na ideia que tínhamos até ao fim desta semana (dia 28) para enviar. Peço desculpa e espero que isto ainda lhe ajude.

Decidi fotografar o por do sol na praia da Madalena, mas também quis captar a areia, as rochas e o mar pois penso que o facto de ser na praia e a foto constituir os elementos duma praia, complementa o foco que é o por do sol (espero estar a fazer-me entender). Tirei esta fotografia no dia 20/04/2024, quando tinha ido ver o por do sol com a minha namorada. Decidi então tirar esta fotografia (no telemóvel dela, pois não estava com tanta qualidade no meu) porque o por do sol é algo que significa bastante para ela e ir assistir o por do sol é algo que ambos fazemos regularmente. Mas apesar de ser regularmente, neste dia foi mais especial. Não sei porquê. Parece que estava a ter um daqueles momentos de reflexão e sentimo-nos gratos. Naquele momento eu estava grato por ter a minha namorada, por ter visão, por poder estar a ver aquela paisagem, por estar vivo. E enquanto tinha estes pensamentos ao ver o sol a desaparecer e a ouvir uma certa brisa no meio do silêncio do momento, escutava na minha mente o clímax do segundo movimento do Piano concerto no.2 de Sergej Rachmaninoff. Agora que escrevo isto parece que estou num momento de fim de vida de um filme mas, foi isso que aconteceu, não voluntariamente mas aquela espécie de reflexão e a música, surgiram involuntariamente em mim. Decidi baixar ligeiramente a iluminação da foto pois senti que melhor representava o que aconteceu naquele momento.

E é isso, espero que ajude no seu trabalho e aproveito para lhe desejar tudo de bom, sei que vai ser um excelente professor, tal como foi para connosco, tanto pelas suas capacidades como pelo seu à vontade com os alunos.



Trabalho 14

Workshop de fotografia

1.º fotografia:



- O que está a ser fotografado é o “Ciutat de las Arts i les Ciències”;
- Foi fotografado no dia 1/04/2024 em Espanha, mais propriamente em Valência;
- Escolhi esta foto porque achei uma boa foto para editar e tentar fazer uma coisa diferente;
- Editei a foto mexendo em vários pontos de edição da imagem por exemplo na saturação, no contraste etc;
- Esta foto é importante para mim, porque foi tirada na viagem de finalistas.

2.ª fotografia:



- O que está a ser fotografado é um pequeno lago dentro do hotel que estive nas férias da Páscoa;
- Esta foto foi tirada no dia 2/04/2024 em Espanha, mais propriamente em Alcúdia;
- Escolhi esta imagem porque neste dia tinha chegado ao hotel passado 1 dia de viagem, foi como um relaxamento.
- As técnicas de edição de imagem estão presentes nesta fotografia, por exemplo, a saturação, o contraste, a sombra e a exposição da foto;
- Esta foto é importante para mim, porque me lembra de um momento feliz e divertido da minha vida.

NOTA: Ambas foram tiradas por mim.

Trabalho 15



Nesta foto podemos ver a quinta dos meus bisavós, Quinta do Paço de Valadares. Tirei-a numa tarde de sábado, dia 21 de abril de 2024. Tarde essa que passei nesta quinta e onde decidi fotografar espaços nela que me trazem memórias de momentos incríveis que eu e os meus familiares passamos. Esta casa é extremamente importante para mim e para a minha família porque é um pedaço de história que temos o privilégio de ter como nosso. Esta casa, e todo o terreno à volta, foram comprados pelo meu tetravô no século XIX. Desde essa altura, várias gerações passaram as suas infâncias neste local. Desde a minha trisavó, passando pelo meu bisavô, a minha avó, o meu pai e eu. Para além disso, esta quinta é como um ponto de encontro onde toda a família se pode reunir.

Nesta foto tentei utilizar as linhas de guia de modo a posicionar os assuntos na foto de uma forma mais simétrica. Assim, a parte da casa que aparenta ser uma espécie de quadrado ficou encaixada nas linhas de guia centrais.



Nesta foto tentei utilizar a regra dos terços ao colocar este sino da quinta dos meus bisavós na metade esquerda da foto. Este momento foi também fotografado no dia 21 de abril de 2024.

Este sino pode não ter grande interesse para as pessoas em geral, mas tem um certo valor sentimental para mim. Esta foi a campainha da casa dos meus bisavós durante muitos anos. Só há uns cinco anos é que foi instalada uma campainha elétrica. Por isso, quando estava em minha casa, que é praticamente a “porta ao lado” da quinta dos meus bisavós, conseguia perceber se estava alguém na casa deles. O que me dava uma sensação de segurança, porque sabia que estava sempre ali alguém se eu precisasse.



Nesta foto, que também foi tirada a 21 de abril de 2024, usei as linhas guia para colocar o esteio no meio da foto e ao mesmo tempo colocar as duas portas verdes de uma forma mais ou menos simétrica de cada lado do mesmo. Nota curiosa: Se reparar, com esta composição consegui fazer quase que uma cara de um senhor de bigode. As portas são os olhos e o esteio é um nariz que tem no seu fim um bigode farfalhado, daqueles que acaba por tapar a boca do indivíduo.

Decidi fotografar este pátio, pois traz-me memórias incríveis. Tardes de verão que passei a brincar neste espaço com todos os meus primos. Muito tempo foi passado a correr, ou a andar de bicicleta à volta deste esteio. Muitas vezes caí e esfolei o joelho. Mas foram esses momentos que me ensinaram que devemos sempre sair de cabeça erguida. Mesmo que estejamos cheios de vergonha por termos tropeçado numa pedra qualquer.



Este simples banco de pedra era o local onde os meus bisavós se sentavam para se abrigarem do calor depois de um dia de trabalho no campo. Como está abrigado, não apanha sol nenhum. Por isso era o sítio mais fresco e ideal para terminar o dia. Hoje o banco está vazio. Nunca ninguém lá se senta para descansar. Mas mesmo assim imagino o meu bisavô e a minha bisavó aqui sentados. A recarregar baterias para o que têm de fazer a seguir.

Nesta foto, tirada a 21 de abril de 2024, voltei a utilizar as linhas guia para colocar o banco de um modo simétrico e, ao mesmo tempo, encaixar mais ou menos corretamente os outros elementos da foto. Mas o meu foco principal era deixar o espaço vazio para as pessoas se sentarem. Para mostrar que já ninguém lá se senta.



Nesta fotografia experimentei utilizar o modo retrato para captar o pato de casa dos meus bisavós.



Aqui utilizei, mais uma vez, a regra dos terços de modo a deixar o ganso só na parte esquerda da fotografia. Para além de ter, também, utilizado o modo retrato.



Nesta fotografia tentei voltar a utilizar a regra dos terços, mas penso que não foi assim tão bem-sucedido. Contudo, a pose em que consegui captar os dois gansos foi algo que me deixou bastante orgulhoso e por isso mantive. Também voltei a utilizar o modo retrato nesta fotografia.

A explicação para eu ter tirado estas fotografias aos gansos e pato da quinta dos meus bisavós é a mesma. Daí eu só a fazer neste paragrafo desta última fotografia. Apesar de ser uma quinta, a casa dos meus bisavós já não tem os animais tradicionais das quintas. Bois, Vacas, Porcos. No passado já existiram animais desse tipo, mas com o passar dos tempos deixaram de existir. Agora, os únicos animais, para além dos racionais, que abitam a Quinta do Paço de Valadares são estes gansos e este pato. Já foram mudando ao longo dos anos. Já foram só dois patos, depois veio um cisne, morreram os patos, vieram dois gansos, os gansos tiveram filhos e por isso houve mais gansos, o cisne faleceu, alguns gansos foram doados e veio depois mais um pato. Mas o que eu quero personificar nestes animais é a animação com que eu dizia aos meus amigos da escola, quando era pequeno, que os meus bisavós tinham patos e gansos em casa. Eles ficavam fascinados e eu sentia-me o maior. Por isso, no dia 21 de abril de 2024, decidi dar-lhes o destaque que eles merecem.



Esta é uma velha bomba de água. Penso que não preciso de explicar para que é que servia. O nome já diz tudo. Mas, apesar de ser uma bomba de água, eu nunca a vi a funcionar. Para mim, isto não é uma bomba de água. É uma espécie de divertimento de um parque qualquer. Na altura em que ia para casa dos meus bisavós a medir pouco mais de um metro, eu corria para esta roda com o meu pai, ou com a minha mãe, ou com outro familiar adulto qualquer. Isto porque eu gostava de pôr as mãos na manivela e nesse momento, o adulto, fazia girar a roda. Eu, com o meu metro e pouco, ficava completamente no ar como se estivesse a voar. É incrível como na imaginação de uma criança, uma simples bomba de água se torna o melhor brinquedo de sempre. Agora, as crianças cresceram e a bomba está aqui enferrujada, com ervas e abandonada.

Nesta foto eu não utilizei nenhuma técnica específica, mas sim uma mistura. Utilizei as linhas guia para equilibrar a foto. O pilar que está na direita foi alinhado com a linha guia vertical da direita. Dessa forma, a roda acaba por ocupar quase metade da fotografia. O que não é a regra dos terços, mas acaba por ser quase uma evolução da mesma. Não sei se para pior ou melhor.

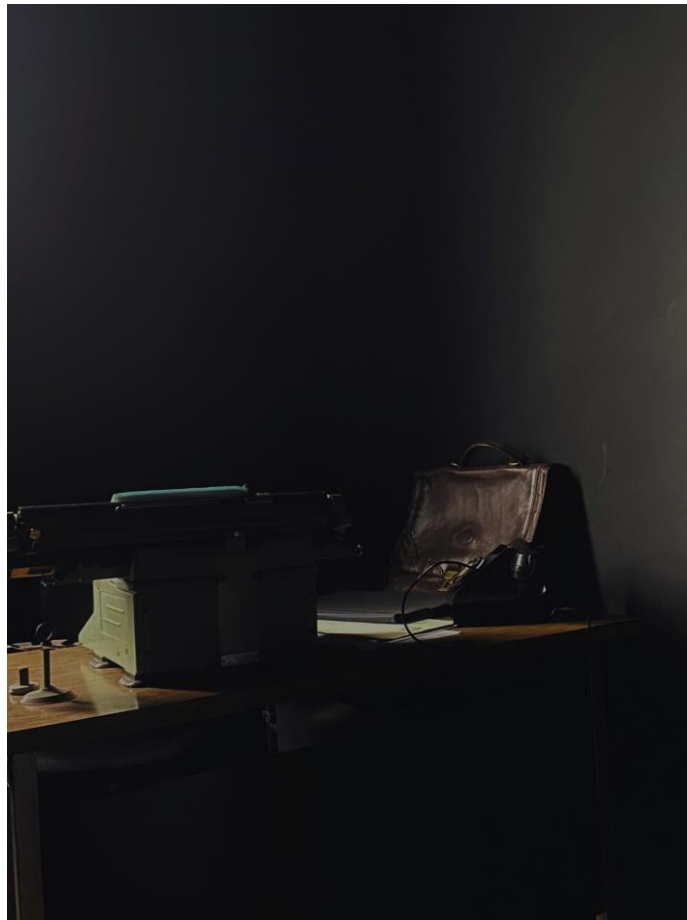


Nesta foto, também tirada a 21 de abril de 2024, captei o sítio onde eu e o meu avô paterno nos sentávamos a conversar. Isto é uma tampa de cimento de um poço. Contudo, como está num lugar alto, tem uma vista incrível para todo o campo que circunda a casa. Por isso, quando ia com o meu avô a casa dos meus bisavós, sentávamo-nos a falar e a observar a paisagem. Quase como aquela cena do Rei Leão em que o Mufasa fala com o Simba no topo da colina, enquanto olham para toda a savana. Mas neste caso eu não sou o herdeiro do reino.

Aqui utilizei as linhas guia para tentar equilibrar a foto. Criando uma linha imaginária na horizontal no fim da tampa mais para o centro da foto e alinhei a linha lateral esquerda com a tangerina que está mais visível mais perto do centro da fotografia.

Trabalho 16

Exercício Pós-Workshop de Fotografia – “Capturar a História”



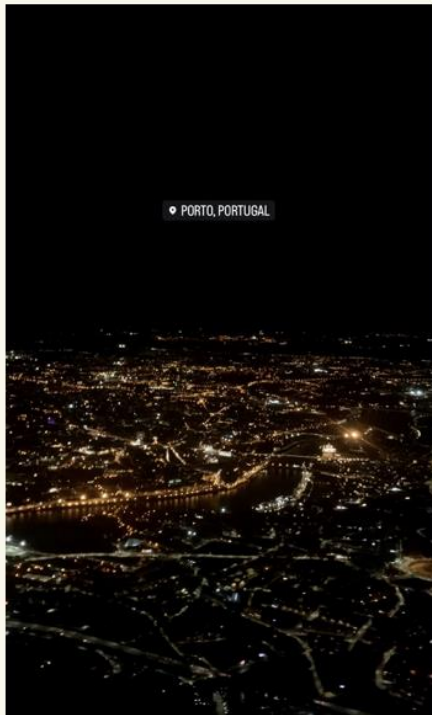
Nesta fotografia, decidi captar a essência de uma sala de interrogatório da PIDE. Foi fotografada no dia 2 de maio de 2024, no Museu Militar do Porto. Ao entrar na sala, senti um ambiente atorrentador, daqueles que causam calafrios. Era uma sala escura, iluminada apenas por uma pequena janela. As próprias paredes pareciam contar histórias. Os objetos sobre a mesa intensificavam essa atmosfera angustiadora e melancólica.

Havia lá uma cadeira preta, provavelmente onde os suspeitos se sentavam. Achei esse aspecto curioso e decidi colocar-me no lugar de um preso. Ao sentar-me, a perspectiva mudou completamente: passei de "turista" a "apreendida". A posição da cadeira, encostada a um canto da parede, fazia-me sentir diminuída em relação ao suposto inspetor, evocando um efeito sufocador. Foi por essa razão que quis captar este momento sombrio, demonstrando o que uma pessoa detida poderia enfrentar.

Para realçar a solidão, a brutalidade e a obscuridade do ambiente, reduzi a luminosidade ao tirar a fotografia e, posteriormente, editei a imagem diminuindo a exposição e as luzes fortes.

Esta imagem é uma das que simboliza a opressão sofrida pelo povo português durante o regime de Salazar e terá sempre um grande impacto para mim. É uma forma de recordar o passado, assegurando que futuras gerações não repitam tais experiências.

Trabalho 17

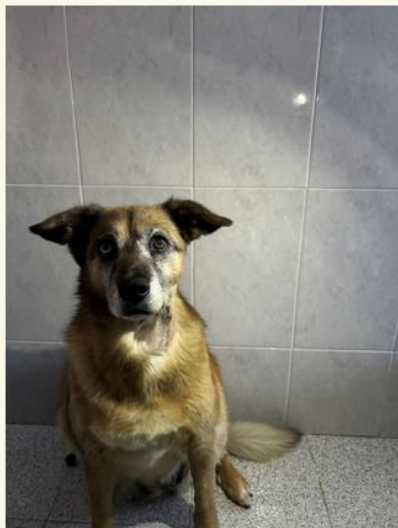


1 Esta foto foi tirada a 9/02/23, quando estava numa viagem de avião para Inglaterra, pela primeira vez. Nesta foto eu apenas utilizei a técnica de edição de imagem e mexi com o contraste.



2- Esta foto foi tirada a 23 /03/24, numa ação de serviço de um jogo importante de voleibol de um amigo de família. Nesta foto não achei necessário usar nenhuma técnica.

4- Esta foto foi tirada dia 20 /04/24. Para esta foto usei a técnica da grelha de maneira a conseguir colocar os objetos apenas num terço da imagem.



3- Esta foto foi tirada no dia 3/04/24. A primeira vez que a minha cadela foi operada. Nesta foto usei um contraste com a luz branca, de maneira a destacar o que era intencional.



Questionário sobre Fotografia - Dissertação de Mestrado Prof. Sandro

Nome *

Your answer

Idade *

Your answer

Turma *

Your answer

Quais são, para ti, os principais objetivos/utilidade da fotografia? *

Your answer

Quando observas uma fotografia, o que mais te chama à atenção? *

☐ O conteúdo da imagem / o que está retratado

☐ As cores utilizadas

☐ A simetria da composição

☐ O ângulo / enquadramento da imagem

☐ Other: _____

A utilização de recursos fotográficos, nas aulas de história, fizeram diferença no teu entendimento dos temas e aquisição de conhecimento? *

Your answer _____

Quais são, para ti, os pontos positivos de utilizar fotografias no ensino de história? *

Your answer _____

Quais são, para ti, os pontos negativos de utilizar fotografias no ensino de história? *

Your answer

Qual / quais consideras ser(em) o(s) elemento(s) mais importante(s) na análise de um recursos fotográfico? *

- ☐ Autor
- ☐ Data
- ☐ Localização
- ☐ Tema
- ☐ Conteúdo
- ☐ Elementos técnicos da fotografia
- ☐ Motivo da sua existência (reporte jornalístico, fotografia amadora dos participantes do evento, encomenda por ordem de alguém, recordação pessoal,...)
- ☐ Other: _____

Consideras que os recursos utilizados ao longo do ano lectivo, na aulas de história, lecionadas pelo Professor Sandro, contribuíram para despertar um olhar mais crítico sobre a fotografia? *

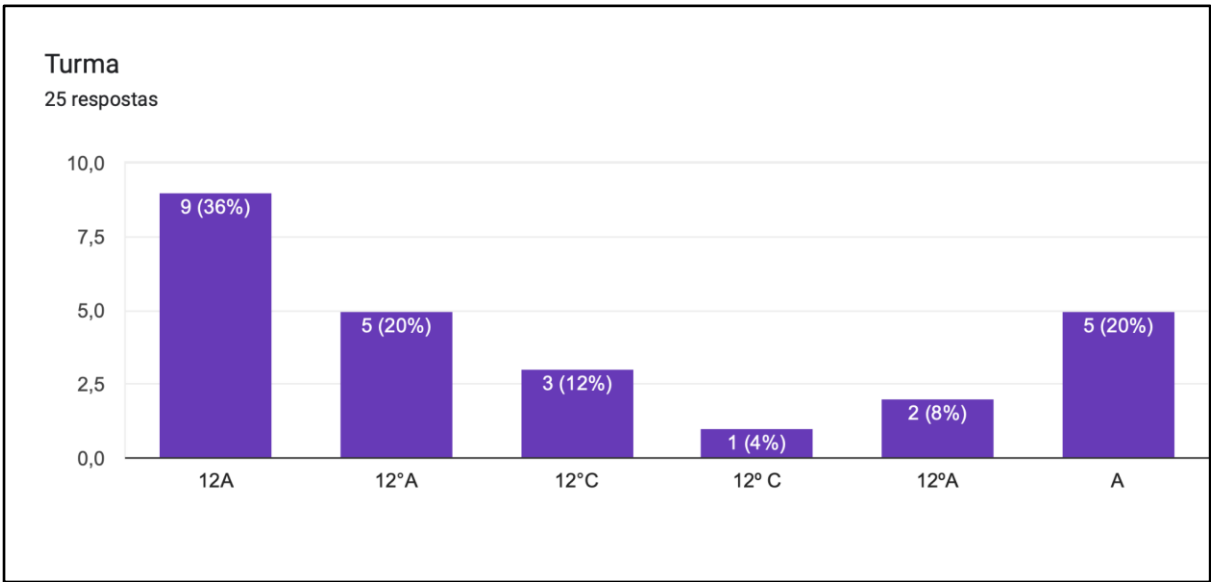
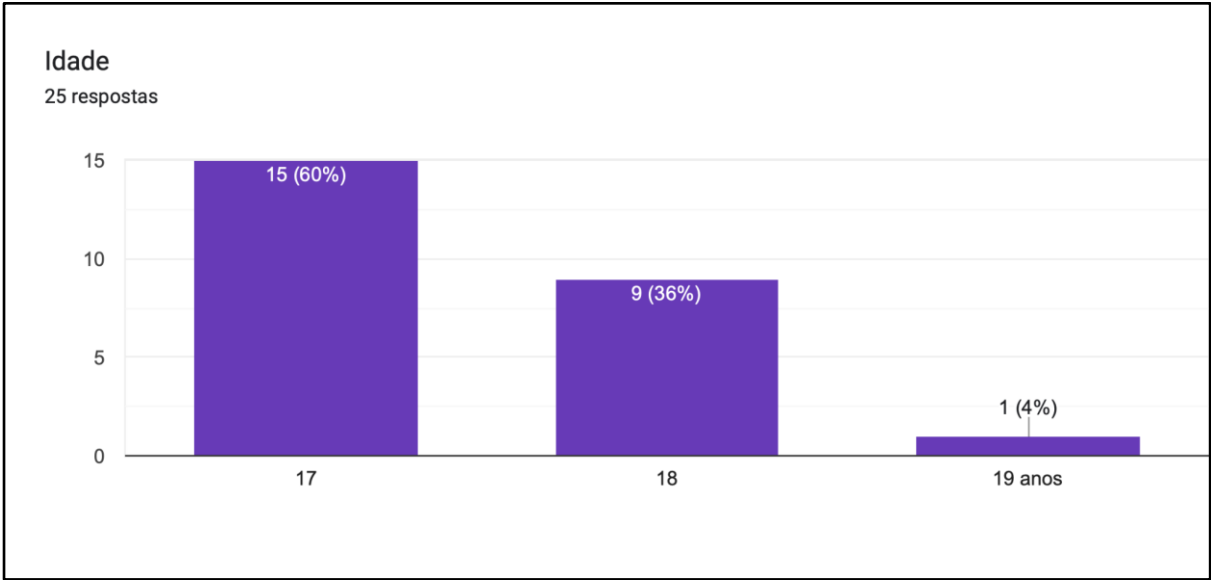
Your answer

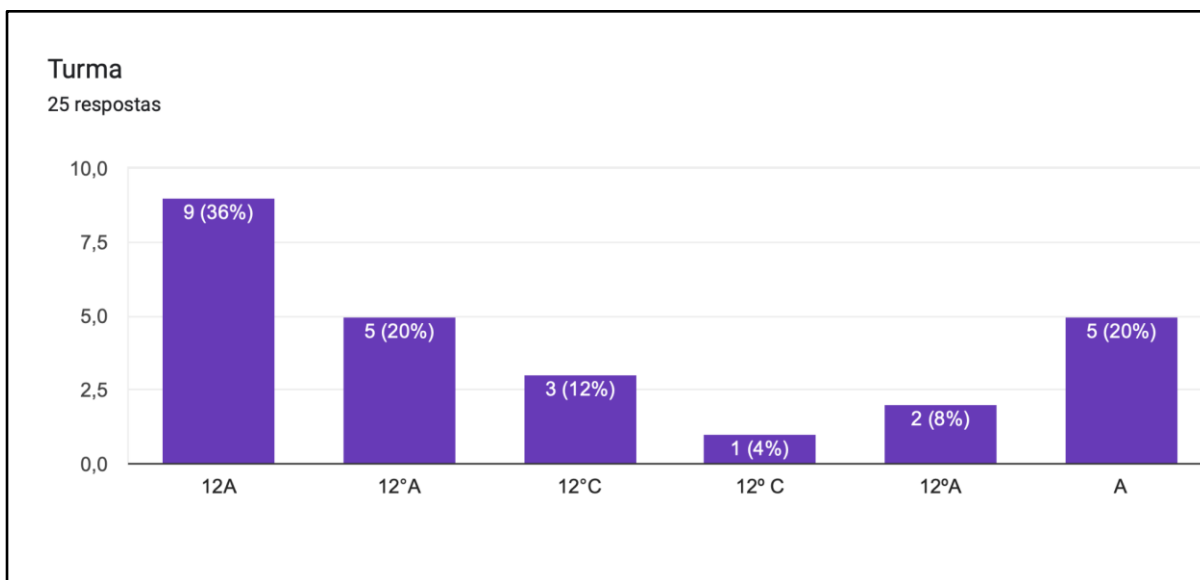
Submit

Page 1 of 1

Clear form

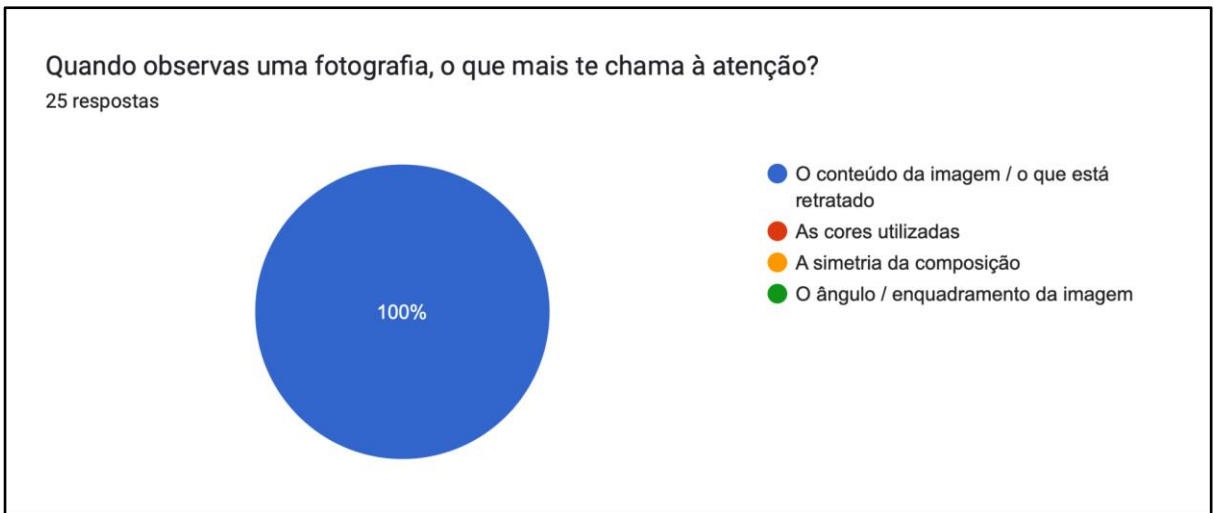
Anexo F. Respostas ao Inquérito





Quais são, para ti, os principais objetivos/utilidade da fotografia?
Recordar memórias
Transmitir tanto o que os nossos olhos vêem, como o que nós sentimos
Arte e memórias
Arte e recordação
recordação e arte
Transmitir emoções e sentimentos e retratar acontecimentos históricos
Analisar a realidade da época e espaço em que foi tirada.
Impactar o espectador e fazê-los refletir sobre os assuntos.
Recordar memórias
Guardar recordações dos momentos que tive
Recordar memórias, registar paisagens
Guardar momentos.
Registar momentos marcantes para os relembrar mais tarde, expressar sentimentos e transmitir ideias.
Recordar momentos.
A fotografia serve para analisar os conteúdos de uma forma mais "divertida" e de maneira diferente. Todos os seus detalhes, como por exemplo, as simples cores e formas, conseguem transformar a nossa imaginação numa série de coisas e, por vezes, retirar diversos significados. Com as fotografias é possível registar os momentos mais significantes para nós. Uma fotografia vale mais que mil palavras!
Capturar um determinado momento que consideremos relevante e que queiramos recordar.
Retratar algo inefável, que só vendo é que conseguimos verdadeiramente compreender.
Capturar momentos únicos, íntimos e especiais.

Registar um momento
Preservar as memórias.
partilhar memórias, sentimentos e expressar o que se sente
capturar momentos, histórias e emoções
Recordar momentos
Captar momentos de grande importância, de grande beleza ou de incomum ocorrência.
A fotografia é uma forma de expressão e serve para guardarmos recordações



A utilização de recursos fotográficos, nas aulas de História, fizeram diferença no teu entendimento dos temas e aquisição de conhecimento?
Sim
Sim
Sim
Sim
Sim
Sim, porque permitiu visualizar os temas, em vez de apenas os decorar e compreender de forma escrita.
Sim.
Sim.
Sim
Sim
Sim
Sim
Sim
Sim
Claramente.

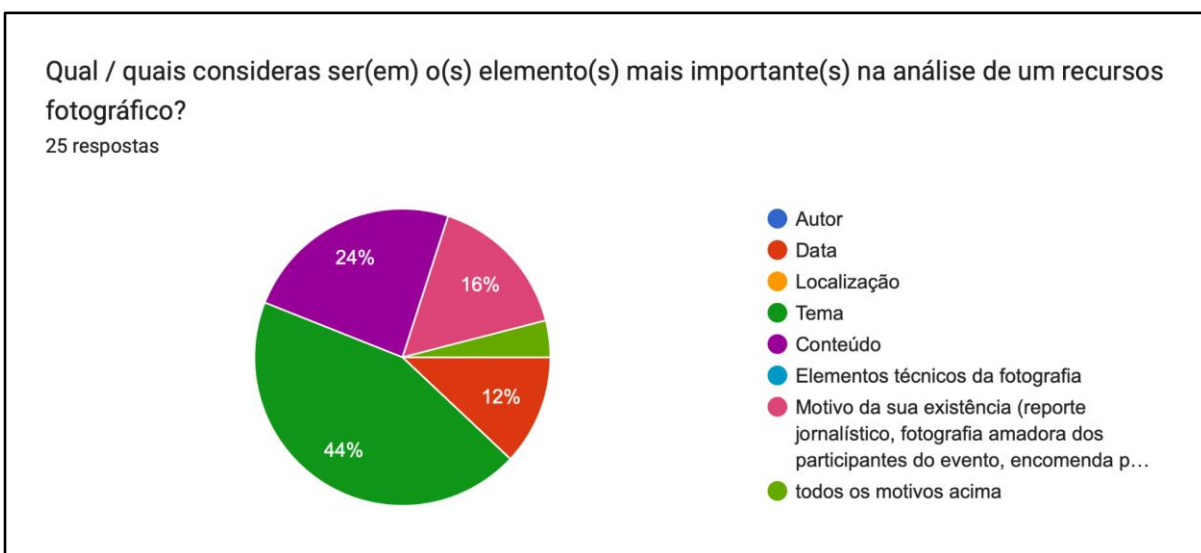
Sim, as fotografias chamam mais a minha atenção para a abordagem dos diversos conteúdos.
Sim, pois acabam por ter um impacto maior e são úteis para memorizar e entender melhor a realidade de certos acontecimentos históricos.
Sim, visto que muitas das vezes é mais fácil observarmos e analisarmos o conteúdo de uma fotografia do que analisar um texto ou documento etc.
Sim, considero que sim pois melhora o nosso conhecimento e possibilita uma melhor aprendizagem.
Sim
Claro, uma das melhores formas na minha opinião para nós alunos entendermos o que aconteceu é através de imagens, que nos transmitem uma visão e uma perspectiva mais pormenorizada que aconteceu. Um exemplo, foi quando foi lecionada a Wall street crash e as imagens da pobreza que nos foram mostradas ajudaram nos a entender bastante bem o que aconteceu.
sim, fizeram os alunos terem uma melhor perceção do conteúdo lecionado.
sim
Sim as imagens e fotografias ajudam a compreender melhor e ter uma cultura mais abrangente
Sim.
Sim, fizeram muita diferença

Quais são, para ti, os pontos positivos de utilizar fotografias no ensino de História?
É mais fácil para percebermos como eram as coisas antigamente
Percebemos melhor algumas matérias, pois a memórias visual é bastante importante
Ajuda nos a perceber o que aconteceu no passado
Faz nos ter uma melhor ideia de como eram as coisas naquela determinada época
Torna as aulas mais interessantes e didáticas.
A transmissão de factos históricos via fotográfica.
Ganhamos uma nova percepção da realidade histórica.
As aulas ficam mais dinâmicas e temos mais percepção da realidade porque acaba por se tornar mais real quando vemos do que teórico.
Fazermos aplicar os conhecimentos interpretando as fotografias
Transmite mais conhecimento mais históricos e forma de aprendizagem mais simples do que a escrita
Fazer-nos aplicar os conhecimentos na interpretação das fotografias
Através das fotografias, podemos interpretar e perceber melhor a materia
Permite-nos visualizar e adquirir uma perspectiva mais real dos acontecimentos históricos.

Poder ter uma perspetiva visual sobre os assuntos. E poder recordar épocas que não vivemos.
O aumento do interesse por parte dos alunos.
É importante pois tem um impacto maior nos alunos e acaba por ser útil para entender melhor a realidade de certos acontecimentos históricos.
Muitas das vezes as fotografias têm maior impacto do que um texto. Por exemplo é mais impactante vermos uma fotografia daquilo que os judeus sofreram na segunda guerra mundial do que lermos algo a falar sobre.
Um dos pontos positivos da utilização das fotografias no ensino de história é o facto de nos ajudar a ter uma visão mais pormenorizada da altura da história retratada.
Permite aos alunos colocá-los perante um tempo e um espaço que não é o deles.
-um melhor entendimento dos acontecimentos
maior percepção dos assuntos lecionados
dá-nos acesso a uma nova perspetiva dos conhecimentos, podendo observar aquilo que estudamos
Captar maior interesse nos alunos, em vez de usar textos e documentos
Ajuda-nos a visualizar aquilo de que falamos em aula.
Temos imagens concretas de momentos da história e é uma maneira de aprender.

Quais são, para ti, os pontos negativos de utilizar fotografias no ensino de História?
Não existe
Acho que não existe nenhum
Não dá tanta informação como um documento escrito
Pode demorar muito a ser interpretado
Na minha opinião não existem pontos negativos de utilizar fotografias no ensino de história.
Nenhum.
Não contêm nenhum tipo de explicação do que é retratado, parte tudo do conhecimento do indivíduo.
Nenhum.
Não há
Nenhum
Não encontro pontos negativos.
Não tem

Nenhum
Talvez a sensibilização de alguns alunos. Ainda assim não considero isso um ponto negativo, pois acho a sensibilização um ponto importante.
As vezes a difícil compreensão e análise da fotografia, assim como a correlação com os pontos históricos.
Podiam ser substituídos por palavras, que não dão tanto espaço para a reflexão e interpretação do aluno, o que torna a matéria mais objetiva e concreta sendo mais fácil memorizar.
Para mim não existem pontos negativos,são sempre úteis e contribuem sempre para as nossas aprendizagens.
Não consigo apontar nenhum ponto negativo.
Difícil compreensão e relacionar com os conteúdos de história
- eu não acho que haja pontos negativos no que toca a utilização de fotografias no ensino de história
Para mim não existem pontos negativos
nao considero que existam pontos negativos
Não vejo pontos negativos
Não acho que seja algo negativo.
Na minha opinião não existem pontos negativos de utilizar fotografias no ensino de história.



Consideras que os recursos utilizados ao longo do ano lectivo, nas aulas de história, lecionadas pelo Professor Sandro, contribuíram para despertar um olhar mais crítico sobre a fotografia?
Sim
Sim, sem dúvida
Sim, bastante

Sim, bastante
Sim, bastante.
Sim, já que nos permitiu absorver informação não só via escrita, mas via visual, através da fotografia e do seu impacto na transmissão de ideias, pensamentos e factos verídicos e históricos.
Sim.
Sim.
Sim
Sim, pois pela explicação do professor Sandro, tive a conhecer mais sobre o estudo da fotografia e aprendizagens de tipos de fotografias e como tirar vários estilos de fotografia
Sim
Sim
Sim, contribuiu para complementar os conteúdos.
Claro que sim.
Sim!
Sim, gostei muito das fotografias seleccionadas pelo professor Sandro, pois permitiram aprofundar o meu conhecimento sobre os conteúdos e analisar a matéria de uma maneira diferente e pertinente.
Sim, porque concebeu uma nova perspetiva sobre a utilidade das fotografias
Sim, considero que sim pois para mim é importante e útil a utilização da fotografia para uma visão mais pormenorizada da visão única da história.
Sim
Sim claro!
Sim
sim, bastante
Sim
Sim. Considero que adquiri mais conhecimentos e espírito crítico em relação a fotografia.
Sim, estou de acordo

Anexo G. Slides Workshop Fotografia



Bem-vindos ao Workshop de Fotografia

Coisas que vamos aprender durante este Workshop:

- Noções básicas de fotografia: abordaremos os elementos essenciais que compõem uma ótima fotografia, incluindo luz, exposição, composição, entre outras coisas;
- Habilidades técnicas: Compreender o triângulo de exposição – abertura, velocidade do obturador e ISO – e como manipular essas configurações para obter o efeito desejado;
- Expressão Criativa: Técnicas para compor fotografias de uma forma que conte uma história e evoque emoções;
- Algumas dicas específicas para dispositivos: conselhos para tirar o melhor proveito da câmera do smartphone ou câmera DSLR profissional.
- Noções básicas de pós-processamento: uma introdução à edição fotográfica para realçar algumas especificidades, transmitir o uma ideia ou até uma mensagem.



Definição de fotografia?

Fotografia é a arte, a ciência e a prática de criar imagens duradouras pela captura de luz ou outras radiações eletromagnéticas, seja eletronicamente por meio de um sensor de imagem, seja quimicamente por meio de um material sensível à luz, como filme fotográfico. Tradicionalmente, uma fotografia era considerada uma representação da realidade, mas com o advento da tecnologia digital, a fotografia agora abrange tanto a captura fiel do mundo visível quanto a manipulação criativa de imagens para expressar a visão, as emoções e a mensagem do fotógrafo. A fotografia não apenas documenta a história e a evolução cultural, mas também é uma forma de arte que permite a expressão individual e a comunicação visual, transcendendo as barreiras da linguagem e do tempo.



Sobre a Fotografia



Uma breve história

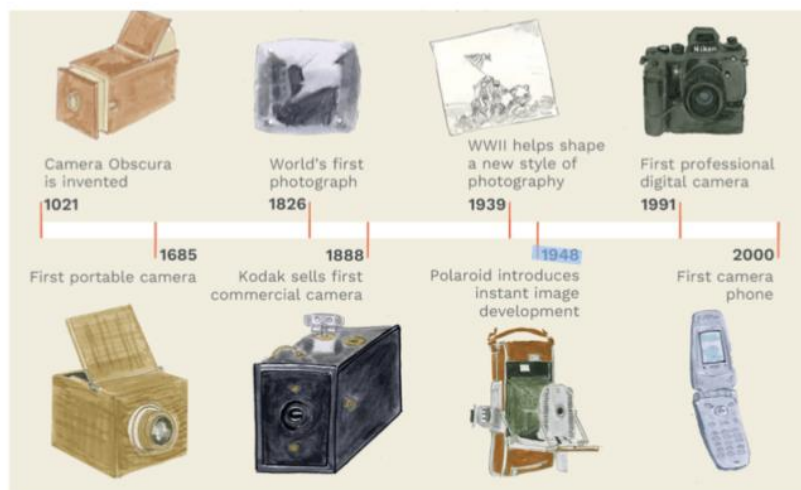
A jornada da fotografia começou no início do século 19 com a invenção da câmera obscura e evoluiu dramaticamente com os avanços da tecnologia. Desde a primeira fotografia permanente, tirada em 1826 por Joseph Nicéphore Niépce, até a introdução da fotografia digital, o meio transformou continuamente a maneira como capturamos e compartilhamos momentos.



A sua importância

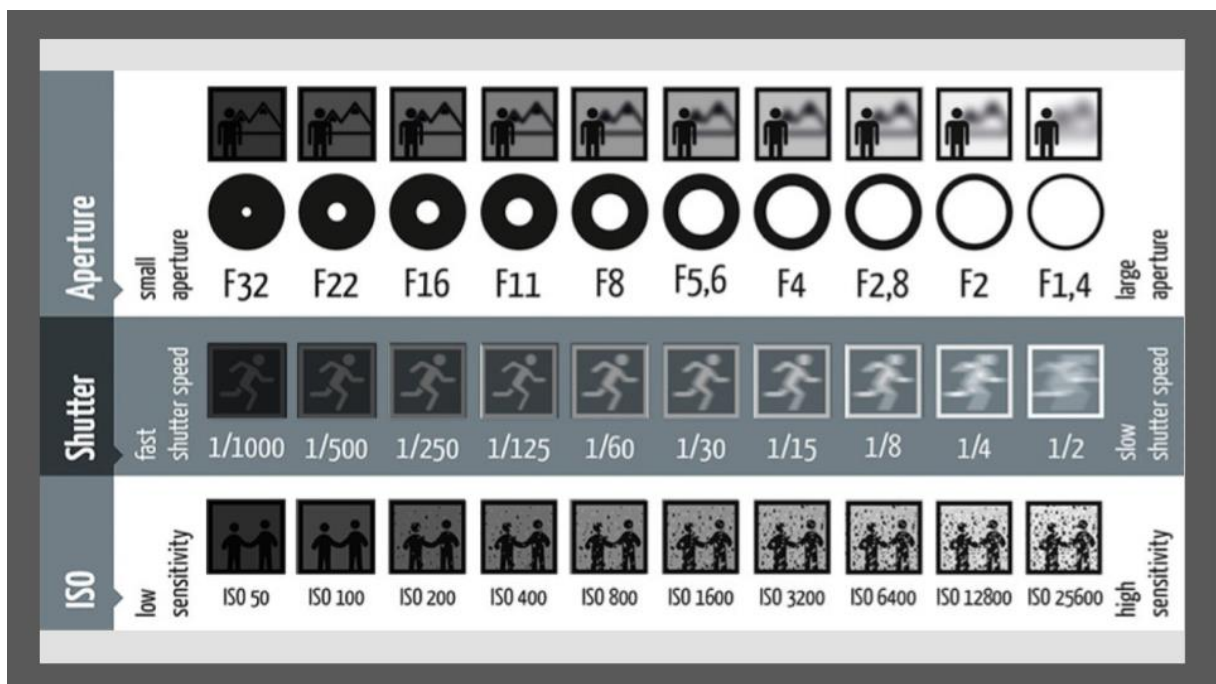
A fotografia tem o poder único de congelar o tempo, contar histórias e evocar emoções. Ela serve como uma linguagem universal que nos permite comunicar e conectar-nos com outras pessoas de diferentes culturas e origens. Seja documentando a história, explorando a beleza da natureza ou capturando a essência da emoção humana, a fotografia permite-nos ver o mundo a partir de perspectivas infinitas.

História da Fotografia



Exposição

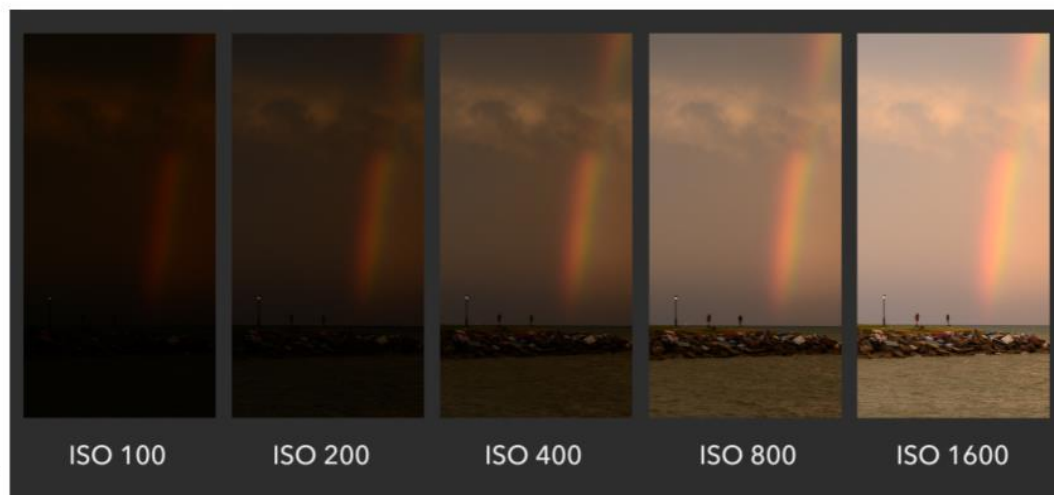
Refere-se à quantidade de luz que atinge o sensor da câmera (ou o filme, no caso de câmeras analógicas) durante a captura de uma imagem. É um dos elementos chave na criação de uma fotografia, determinando quão clara ou escura a imagem final aparecerá. A exposição é controlada através da **combinação de três principais variáveis**: a **abertura do diafragma** (que regula a quantidade de luz que passa pela lente), a **velocidade do obturador** (que determina por quanto tempo o sensor ou filme é exposto à luz) e o **ISO** (sensibilidade do sensor à luz). Ajustar corretamente estes três elementos permite ao fotógrafo controlar a luminosidade da imagem, além de influenciar na profundidade de campo, no congelamento ou no borrão do movimento, contribuindo para a expressão artística e técnica da fotografia.



Dominar o Triângulo de Exposição: Abertura, Velocidade do Obturador e ISO



EXEMPLO: ISO



EXEMPLO: ABERTURA



Over exposure



Correct exposure



Under exposure

EXEMPLO: VELOCIDADE DO OBTURADOR



ABERTURA: COMO AFETA A EXPOSIÇÃO

A Abertura é medida em 'F stops' e controla a luz na câmara.

Abrir um F Stop = dobra o nível de exposição

Fechar um F Stop = corta a exposição para metade



ABERTURA: ESCALA



Abertura larga ← Abertura estreita
O sensor de imagem recebe mais luz O sensor de imagem recebe menos luz
Pouca profundidade de campo → Maior profundidade de campo

ABERTURA: GUIA



f/22 = abertura
pequena



f/5.6 = abertura
grande



f/1.8 = abertura
muito grande

ABERTURA: PROFUNDIDADE DE CAMPO

A Abertura também determina a profundidade de campo, isto é, a parte da imagem que está focada.

Se apenas uma parte pequena da imagem se encontra focada então é considerado que a imagem tem pouca profundidade de campo. Se a fotografia tiver uma maior superfície focada então terá uma maior profundidade de campo.

Quanto maior for a Abertura, menor será a área de foco.

ABERTURA: PROFUNDIDADE DE CAMPO

f/22



f/2.8



ABERTURA: MUITO IMPORTANTE



- Números de abertura pequenos – $f/1.4$ / $f/2.8$ permitem mais luz e criam uma profundidade de campo mais superficial
- Números de abertura maiores – $f/16$ / $f/22$ permitem menos luz e criam uma profundidade de campo mais larga

VELOCIDADE DO OBTURADOR: EXPOSIÇÃO



Maior definição e mais estático



Menor definição e mais movimento

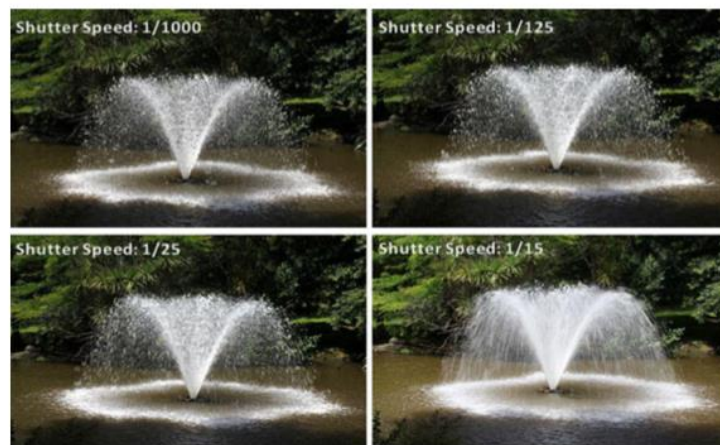
VELOCIDADE DO OBTURADOR: EXPOSIÇÃO

A velocidade do obturador determina quanto tempo o obturador da máquina fica aberto para permitir a entrada de luz quando o botão de shutter é pressionado.

Quanto **mais lento** for a velocidade do obturador (o obturador fica aberto mais tempo), **mais luminosa** será a exposição. A fotografia pode ser mais luminosa ou escura consoante a exposição criada através da velocidade do obturador.

A velocidade afeta, também, o movimento da fotografia. Quanto **mais lento**, **maior será o movimento** conseguido em imagem. Para 'congelar' uma imagem o shutter tem de ser muito rápido.

VELOCIDADE DO OBTURADOR: EXPOSIÇÃO

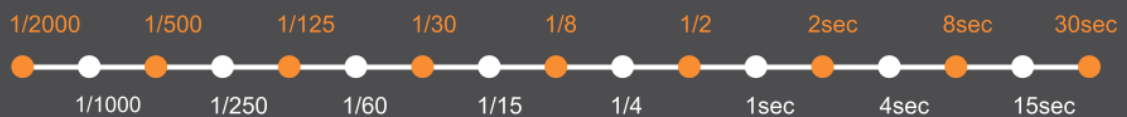


EXPOSIÇÃO

VELOCIDADE DO OBTURADOR

MAIOR DEFINIÇÃO

MAIS MOVIMENTO



ISO: EXPOSIÇÃO



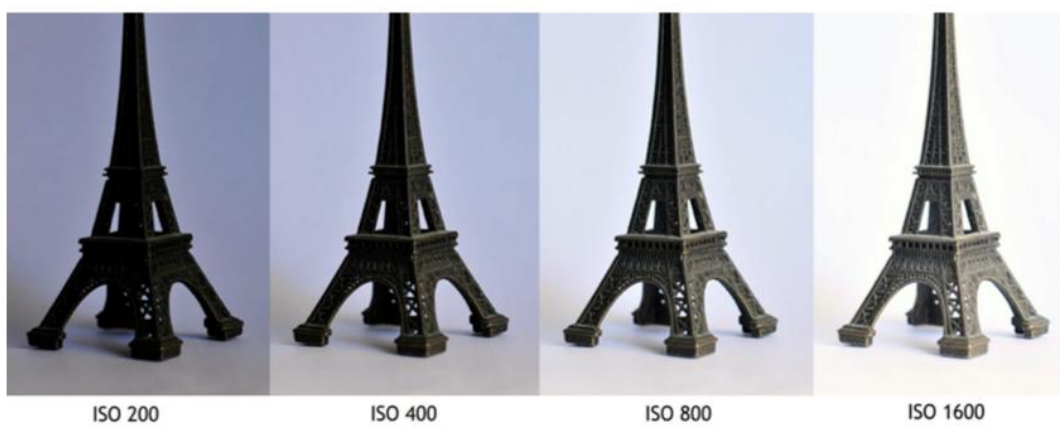
ISO: EXPOSIÇÃO

ISO é o **nível de sensibilidade da máquina à luz** disponível.

- Quanto menor o número ISO, menos sensível será à luz.
- Um número de ISO maior vai aumentar a sensibilidade da máquina à luminosidade.



ISO: EXPOSIÇÃO





COMPOSIÇÃO

A composição em fotografia é a arte de colocar os elementos dentro do **enquadramento** de uma forma visualmente atrativa.

Vai para além de capturar o momento, é sobre como se quer **apresentar o sujeito** da fotografia. Uma boa composição pode transformar uma cena quotidiana numa história.

COMPOSIÇÃO: **Regra de três**

Uma das mais simples regras da composição. Divide-se o cenário numa grelha de 3x3 e posiciona-se o sujeito ao longo das linhas imaginárias ou das suas intersecções para criar uma imagem mais equilibrada.



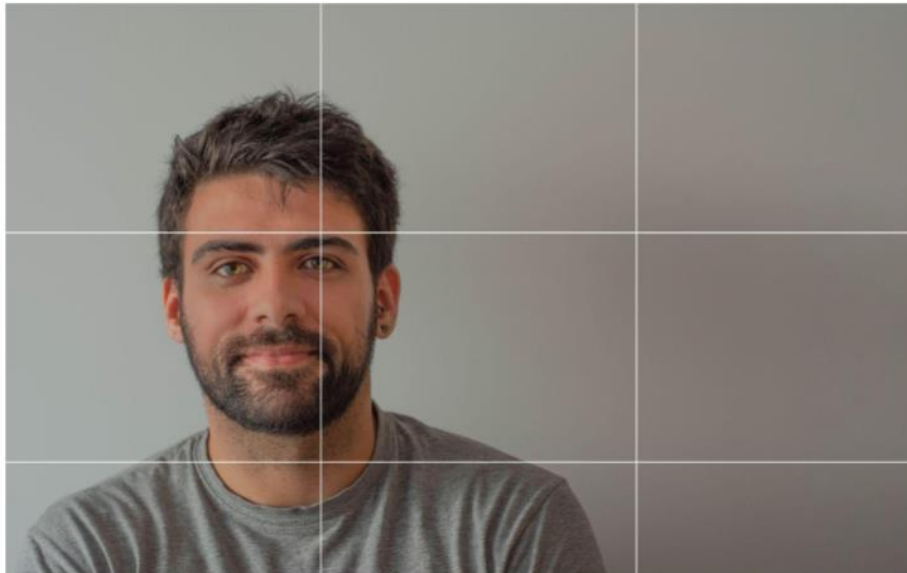
COMPOSIÇÃO: **Regra de três**



COMPOSIÇÃO: Regra de três



COMPOSIÇÃO: Regra de três



COMPOSIÇÃO: Linhas Guia (Ponto de Fuga (Leading Lines))

As linhas principais guiam o olhar do observador através da fotografia, muitas vezes conduzindo-o em direção ao ponto principal. Podem ser qualquer coisa, desde estradas e cercas até padrões e sombras. São ferramentas importantes para criar uma sensação de profundidade e perspectiva.

COMPOSIÇÃO: Linhas Guia (Ponto de Fuga (Leading Lines))



COMPOSIÇÃO: PERSPECTIVA

Mudar a perspectiva ou ângulo da imagem pode alterar drasticamente a mensagem. Fotografar de um ângulo baixo pode fazer com que o sujeito aparente ser maior e mais imponente, enquanto que um ângulo alto pode oferecer uma sensação de vulnerabilidade ou visão geral.

COMPOSIÇÃO: PERSPECTIVA



COMPOSIÇÃO: RAZÃO ÁUREA (ESPIRAL DE FIBONACCI)

Semelhante à regra dos terços, a razão áurea é uma proporção matemática encontrada na natureza que é esteticamente agradável. A espiral de Fibonacci, derivada da razão áurea, guia o posicionamento do sujeito de uma forma que segue um formato espiral, conduzindo o olhar do espectador através da imagem.

COMPOSIÇÃO: RAZÃO ÁUREA (ESPIRAL DE FIBONACCI)



COMPOSIÇÃO: ESPAÇO NEGATIVO



Utilizar espaço negativo envolve deixar uma grande parte do enquadramento vazio, o que atrai a atenção para o sujeito.

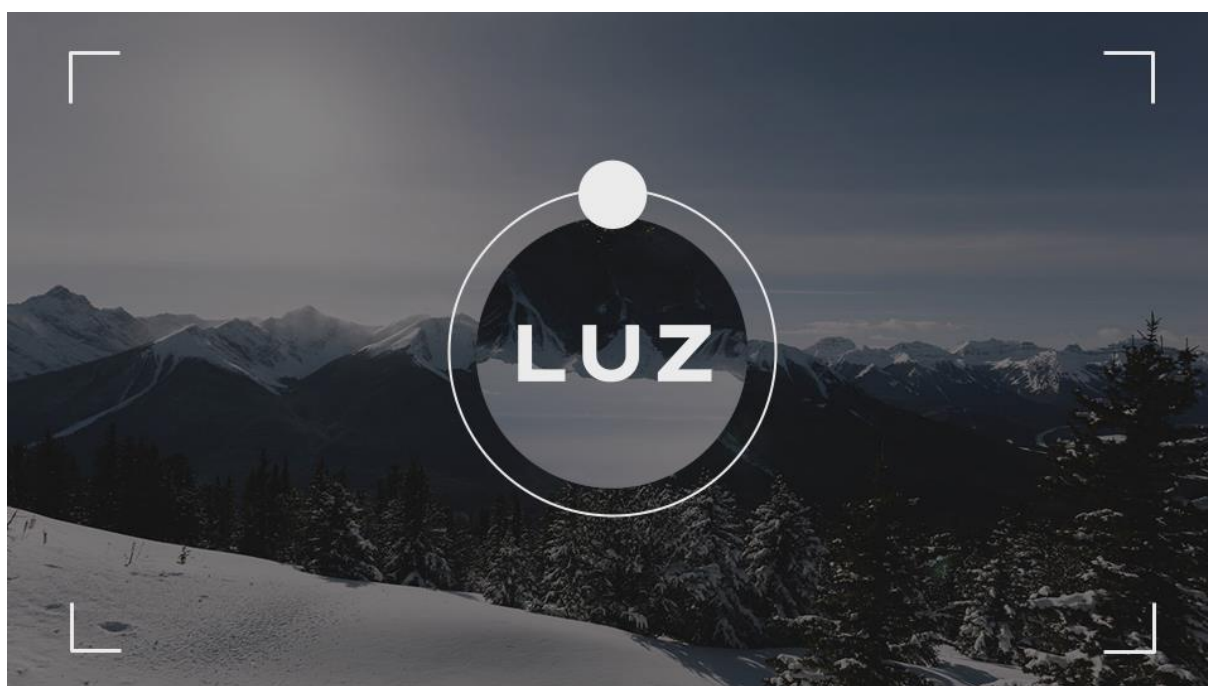
Cria uma estética minimalista que pode transmitir uma sensação de simplicidade, isolamento ou ênfase no sujeito.



COMPOSIÇÃO: ESPAÇO NEGATIVO



COMPOSIÇÃO: ESPAÇO NEGATIVO



A IMPORTÂNCIA DA LUZ

- Iluminação Natural Vs. Artificial
 - A luz natural do sol proporciona uma qualidade suave e quente que pode variar ao longo do dia. A luz artificial, seja de um flash ou de outras fontes, oferece maior consistência.

A IMPORTÂNCIA DA LUZ

- A hora de Ouro (Golden Hour)
 - A hora dourada, ocorre logo após o nascer do sol ou antes do pôr do sol, e oferece uma luz suave e difusa que dá vida a paisagens, retratos e cenas cotidianas com tons quentes e sombras longas.

A IMPORTÂNCIA DA LUZ

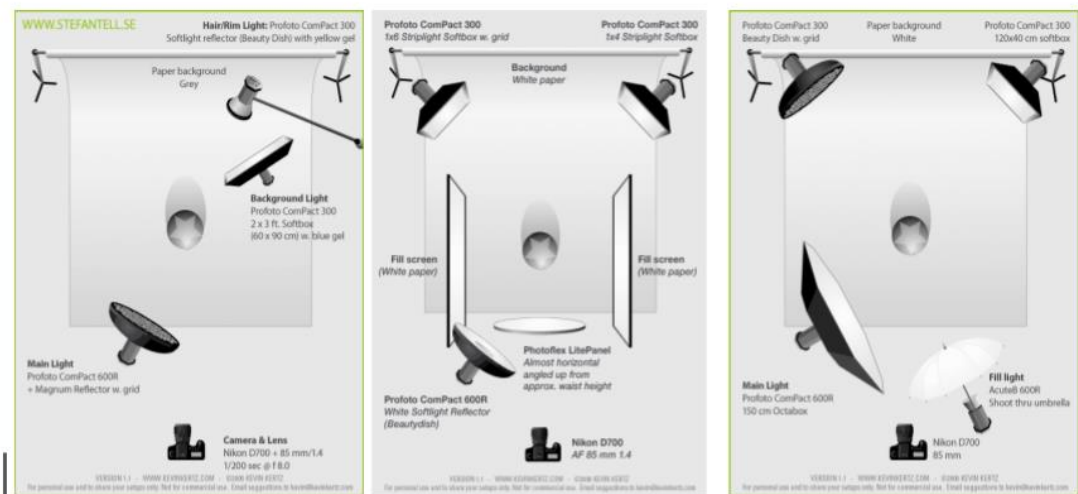
- A hora Azul (Blue Hour)
 - Refere-se a um período do dia que ocorre logo antes do nascer do sol e logo após o pôr do sol, quando o céu tem um tom azul profundo e saturado.

A IMPORTÂNCIA DA LUZ

- Luzes Artificiais e Lâmpadas
 - Nem todas as lâmpadas emitem a mesma tonalidade de “branco”, existe um espectro, medido em Kelvins (K), que determina esse tipo de branco e que pode afetar a versão final da fotografia. A cor mais utilizada em lâmpadas é de 4000K.



A IMPORTÂNCIA DA LUZ: Manipulação



A IMPORTÂNCIA DA LUZ: Manipulação



Sandro Silva

A IMPORTÂNCIA DA LUZ

- Balanço de Brancos
 - Afeta a reprodução das cores na fotografia para compensar a temperatura de cor da fonte de luz no ambiente onde a foto é tirada. A temperatura de cor é medida em Kelvin (K) e varia de fontes de luz mais quentes (como velas ou o pôr do sol, que emitem uma luz mais amarela ou avermelhada) até fontes mais frias (como o céu nublado ou sombra, que tendem a emitir uma luz azulada).

A IMPORTÂNCIA DA LUZ

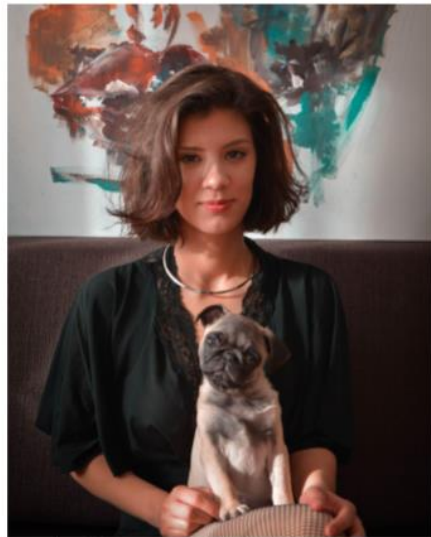
- Direção e Qualidade de Luz
 - A direção a partir da qual a luz atinge o sujeito pode criar efeitos muito diferentes. A iluminação frontal ilumina o objeto de maneira uniforme, a iluminação lateral enfatiza a textura e a profundidade e a luz de fundo pode criar silhuetas ou um **efeito de halo**.



RETRATO (Portrait)



Lee Jeffries



Sandro Silva

PAISAGEM



Sandro Silva



Sandro Silva

FOTOJORNALISMO (Prémio Pulitzer)

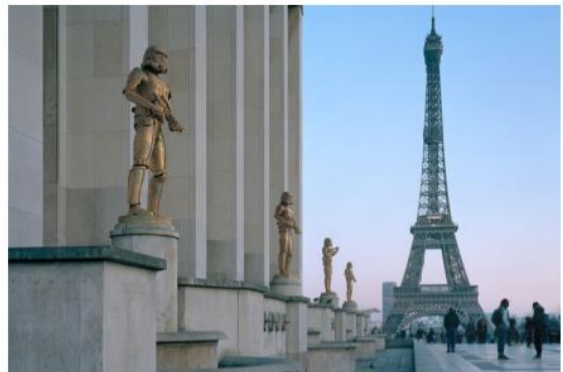


Nick Ut, 8 de Junho de 1972



Sergey Ponomarev, 2016

FOTOGRAFIA DE EDIÇÃO (Benoit Lapray)



STREET PHOTO (Fotografia Urbana)



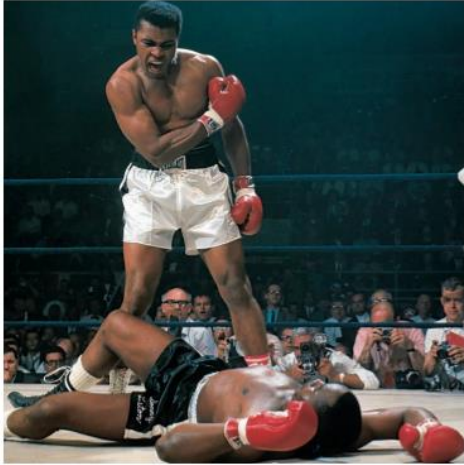
Autor Desconhecido



Autor Desconhecido



DESPORTO



Neil Leifer



Cameron Spencer

NATUREZA



Richard Wong



Richard Wong

FOTOGRAFIA AÉREA



Francesco Cattuto



Andy Yeung

FOTOGRAFIA EM TELEMÓVEL



A REVOLUÇÃO DOS SMARTPHONES

No mundo da fotografia, os smartphones surgiram como ferramentas poderosas, capazes de capturar imagens impressionantes que rivalizam com as máquinas tradicionais.

Vantagens: Os smartphones oferecem conveniência e acessibilidade incomparáveis, passa a ser possível capturar imagens a qualquer momento. Com os avanços da tecnologia, os smartphones hoje têm sensores de alta resolução, software sofisticado e uma ampla variedade de aplicações de edição.

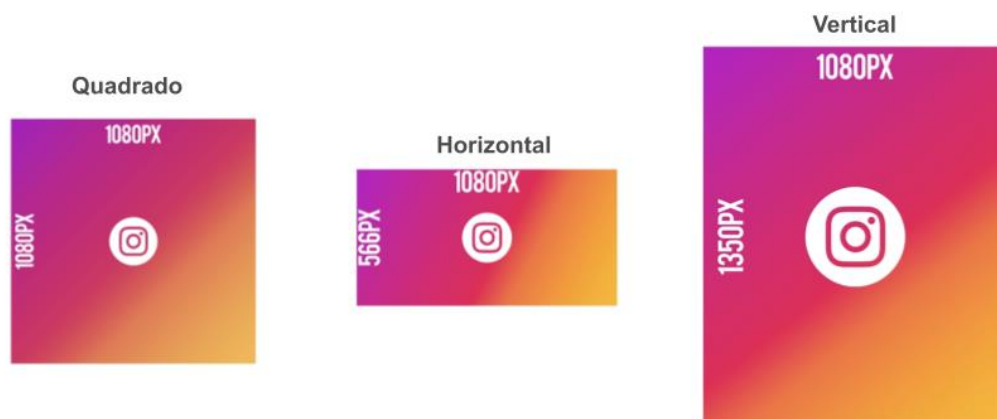
TIRAR PARTIDO DOS SMARTPHONES

- **HDR (High Dynamic Range):** O modo HDR permite equilibrar os realces e as sombras em cenas de alto contraste, o que garante que a imagem tenha detalhes em áreas claras e escuras
- **Panorama:** Para paisagens urbanas ou de natureza, o recurso panorama permite capturar uma perspectiva mais ampla
- **Modo Retrato:** Permite obter uma profundidade de campo superficial e efeito bokeh, semelhante ao que seria possível com uma máquina DSLR.
- **Configurações manuais:** Muitos smartphones possibilitam configurações manuais, que permitem ajustar ISO, velocidade do obturador e foco, o que permite um maior controle sobre a fotografia"

TIRAR PARTIDO DOS SMARTPHONES

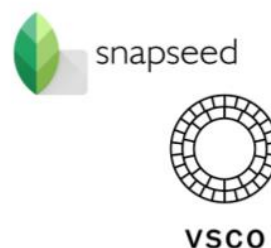
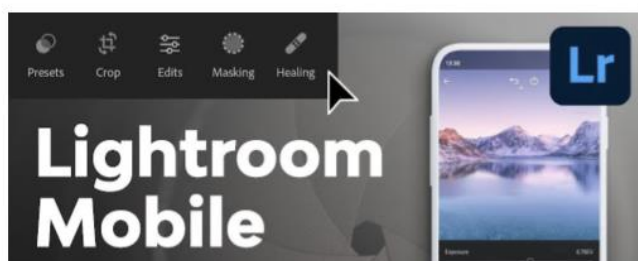
- Devido ao formato e tamanho do smartphone, pode ser difícil manter a posição de forma a garantir alinhamento e estabilização. A utilização de um **tripé** permite colmatar esta dificuldade.
- É importante limpar regularmente a **lente do telemóvel** para garantir imagens nítidas.
- A posição da fotografia (horizontal e vertical) deve ser pensado não só no enquadramento mas também no meio em que a fotografia será utilizado. A plataforma Instagram privilegia imagens verticais.

TAMANHOS PARA INSTAGRAM



APPS PARA FOTOGRAFIA

Existem, hoje, diversas aplicações gratuitas que auxiliam a fotografia seja ao nível da edição como da captura. Estas apps têm várias configurações e modalidades de auxílio para facilitar o trabalho do fotógrafo. Exemplo: Adobe Lightroom Mobile, Snapseed e VSCO.



FORMATOS DE FOTOGRAFIA

Formatos

Existem dois tipos principais de formatos de fotografia digital, cada um com as suas vantagens e desvantagens:

Raw - Os formatos RAW contêm dados brutos diretamente da câmara, sem processamento ou compressão.

- **Vantagens:** Máxima qualidade e flexibilidade para pós-processamento; permite ajustes detalhados como exposição, balanço de brancos, e tonalidades.
- **Desvantagens:** Tamanhos de ficheiro grandes; requer software especializado para edição e visualização.

Comprimidos - Os formatos comprimidos são otimizados para reduzir o tamanho do ficheiro, o que facilita o armazenamento e a partilha, mas podem comprometer a qualidade da imagem.

Formatos

De um vasto leque de formatos comprimidos é mais comumente encontrarmos os seguintes:

- **JPEG:** Amplamente utilizado, oferece uma boa compressão, mas pode perder qualidade em compressões elevadas.
- **PNG:** Compressão sem perda de qualidade, ideal para imagens com texto ou transparências.
- **TIFF:** Suporta compressão com e sem perda de qualidade; usado em impressão e edição profissional.
- **GIF:** Limitado a 256 cores; usado principalmente para animações simples.
- **HEIC** (Formato Específico de iPhone): Oferece melhor compressão que o JPEG, mantém alta qualidade de imagem; suporta cores de 16 bits e funcionalidades adicionais como fotos múltiplas num único ficheiro e mapas de profundidade.



FIM

